

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E POLÍTICAS
PÚBLICAS

DISSERTAÇÃO

**“Levanta meu povo, o cativo acabou”: Uma análise sobre as narrativas
reproduzidas no Tour da Experiência na cidade de Vassouras-RJ**

Carolina Mara Teixeira

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

“LEVANTA MEU POVO, O CATIVEIRO ACABOU”: UMA ANÁLISE
SOBRE AS NARRATIVAS REPRODUZIDAS NO TOUR DA
EXPERIÊNCIA NA CIDADE DE VASSOURAS-RJ

CAROLINA MARA TEIXEIRA

Sob a Orientação da Professora

Dr.^a Lucia Helena Pereira da Silva

Dissertação submetida como requisito
parcial para obtenção de grau de
**Mestre em Desenvolvimento
Territorial e Políticas Públicas**, Área
de Concentração em Desenvolvimento
Regional e Políticas Públicas

Seropédica-RJ
Junho De 2019

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central /Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T266" Teixeira, Carolina Mara, 1992-
"Levanta meu povo, o cativo acabou": Uma
análise sobre as narrativas reproduzidas no Tour da
Experiência na cidade de Vassouras - RJ / Carolina
Mara Teixeira. - Nova Iguaçu, 2019.
96 f.: il.

Orientadora: Lucia Helena Pereira da Silva.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, 2019.

1. Turismo. 2. Tour da Experiência. 3. Relações
Étnico-Raciais. I. Silva, Lucia Helena Pereira da,
1963-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós-graduação em
Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
POLÍTICAS PÚBLICAS

CAROLINA MARA TEIXEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em desenvolvimento territorial e políticas públicas**, no Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Área de concentração Desenvolvimento regional e Políticas Públicas.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 19/06/2019

Lucia Helena Pereira da Silva. Ph.D. PPGDT/UFRRJ
(Orientadora)

Marcio Silva Borges. Ph.D PPGDT/UFRRJ

Silvio Cezar de Souza Lima. Dr. - UFF

Aos meus pais, Jorge e Sônia.

Grata por todo amor e ensinamento!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas - PPGDT, à CAPES e a FAPERJ por contribuir e auxiliar financeiramente e intelectualmente nas produções acadêmicas que realizei durante esse ciclo.

Agradeço imensamente à minha orientadora Lucia Helena. Pelos comentários sarcásticos em cada envio que eu fazia dos textos (hahaha) e que me faziam rir e chorar ao mesmo tempo. Pela paciência que teve com meu discurso militante. Por acreditar em mim. E pelos elogios: “tá bom, mas poderia ser melhor!”. Quem conhece a fama da Lucinha Paz e Amor sabe que um elogio é como ganhar o Oscar. Obrigada por fazer parte da minha evolução pessoal e profissional. Levo-a com grande carinho em meu coração e nas minhas reflexões diárias sobre como ser acadêmica.

Aos alunos da turma de 2017 do PPGDT, Fernanda, Paulo, Saulo, Thayna, Leonardo e Bianca, obrigada por tudo que viveram comigo durante esse ciclo. O mestrado pode ser mais leve com vocês e com os memes trocados. Melhor turma de memeiros que esse programa já teve.

Obrigada aos docentes, Robson Dias, Cristiane Amâncio, Tatiana Cotta por cada palavra de incentivo e confiança à mim. Grata!

Aos amigos das redes sociais que me incentivam em cada postagem. Grata pelos incentivos na luta para o fim dessa dissertação. Em especial ao amigo Humberto Santana Jr. pelas contribuições acadêmicas. Obrigada.

Aos amigos da Status pelas risadas e tretas de quase todas as manhãs que salvaram vários dias nublados que eu me encontrava. Obrigada, meninos!

À Tia Cris pelos salgadinhos maravilhosos e a Tia Verinha por vários auxílios financeiros durante o mestrado e por ter orgulho de mim.

Aos amigos que a vida me deu e que caminham lado a lado comigo, nas horas boas e ruins. Boas digo principalmente nas cervejas geladas nos botequins baratos e nos sambas por aí. Obrigada à Caroline Silva, Lorene Maia, Fausi Kalaoum, Marine Moreth.

À Oxalá e aos meus orixás por permitirem e me darem força para eu chegar até o fim desse ciclo. Sofrido, com obstáculos, com tristezas, com vontade de desistir, mas também com alegrias e força. Me dando a certeza que com fé a gente alcança. Axé!

Ao Bento, o ser de luz que chegou nesse período tão conturbado!

E aos meus pais, Jorge e Sônia por todo amor do mundo e por me fazerem quem eu sou! Amo vocês e gratidão por estarem comigo, nas alegrias e tristezas, rezando por mim e acreditando quando nem eu mesmo acredito. Tudo que eu faço é para ser grata a vocês por cada esforço cedido dentro desses 27 anos de trajetórias. Gratidão!

RESUMO

TEIXEIRA, Carolina Mara. **“Levanta meu povo, o cativo acabou”**: Uma análise sobre as narrativas reproduzidas no Tour da Experiência na cidade de Vassouras-RJ. 121p Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas). Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem o objetivo de estudar o projeto Tour da Experiência em Vassouras, na região turística do Vale do Café, no estado do Rio de Janeiro. Propõe-se analisar o tipo de experiência turística que está sendo desenvolvida no município e como história do negro está sendo utilizada enquanto produto turístico nas visitas guiadas. A metodologia que será empregada para a construção deste trabalho está baseada em uma pesquisa bibliográfica, fontes primárias, além de visitas de campo. O objetivo central deste trabalho é analisar as representações utilizadas nas narrativas do negro num possível processo de espetacularização e desvalorização de sua história no interior de um projeto que faz parte de uma política pública. Especificamente, este trabalho busca analisar como uma atividade turística específica que visava desenvolver uma experiência utilizando-se de dados históricos, ao privilegiar as marcas conhecidas do período imperial acabou por ser instrumento de reforço de preconceito e racismo. Busca-se contribuir através da análise da política pública em Vassouras-RJ em conjunto com as atividades turísticas locais proporcionar um turismo cultural inclusivo, evidenciando narrativas que ainda são silenciadas, como a história, memória e identidade do negro na região.

Palavras-Chave: Turismo; Tour da Experiência, Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Carolina Mara. **“Raise my people, the captivity is over”**: An analysis of the narratives reproduced in the Tour of Experience in the city of Vassouras-RJ. 121p Dissertation (Master in Territorial Development and Public Policy). Institute of Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro.

The present work aims to study the Tour Experience Broom project, in the tourist region of Vale do Café, in the state of Rio de Janeiro. It is proposed to analyze the type of tourist experience that is being developed in the city and how black history is being used as a tourist product in guided tours. The methodology that will be employed for the construction of this work is based on a bibliographic research, primary sources, and field visits. The main objective of this work is to analyze the representations used in black narratives in a possible process of spectacularization and devaluation of its history within a project that is part of a public policy. Specifically, this paper seeks to analyze how a specific tourist activity that aimed to develop an experience using historical data, by privileging the known marks of the imperial period turned out to be an instrument of reinforcement of prejudice and racism. It seeks to contribute through the analysis of public policy in Vassouras-RJ in conjunction with local tourist activities to provide inclusive cultural tourism, highlighting narratives that are still silenced, such as the history, memory and identity of black people in the region.

Keywords: Tourism; Tour of the Experience; Ethnic-Racial Relations.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1: Região do Vale do Café | 2 |
| Figura 2: Logos do Projeto Economia da Experiência e do Projeto Tour da Experiência | 12 |
| Figura 3: Fazenda Santa Eufrásia e suas características | 22 |
| Figura 4: Funcionários vestidos de escravos. | 24 |
| Figura 5: Chá Com Eufrásia | 25 |
| Figura 6: Cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo | 25 |
| Figura 7: Raízes e Viagens por um Brasil Imperial | 26 |
| Figura 8: Fazenda Cachoeira Grande | 27 |
| Figura 9: Representantes do Jongo | 54 |
| Figura 10: Símbolo do Jongo Caxambu Renascer | 55 |
| Figura 11: Mapa/folder dos pontos turísticos da cidade de Vassouras | 56 |
| Figura 12: Utensílios dos escravos no preparo das refeições | 57 |
| Figura 13: Memorial Manuel Congo | 58 |
| Figura 14: mural do Memorial Manuel Congo | 58 |
| Figura 15: Calendário Turístico Cultural 2019 | 59 |
| Figura 16: Viva Cultura! | 60 |
| Figura 17: Convite ao Tributo à Manoel | 61 |
| Figura 18: Informações do aplicativo Tour da Experiência | 64 |
| Figura 19: Mapa Ilustrativo do Tour da Experiência no Vale do Café (frente e verso) | 66 |
| Figura 20: Fotos do festival do Vale do Café e do Banquete Imperial da Fazenda Cachoeira Grande | 67 |
| Figura 21: Folder com as datas dos eventos e apresentações que acontecem no ano em Vassouras | 71 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----------|
| Quadro 1: Diferença do turismo tradicional e de experiência | 11 |
| Quadro 2: Plano de Inovação do IMB ao PEE | 15 |
| Quadro 3: Estabelecimentos certificados no estado do Rio de Janeiro | 19 |
| Quadro 4: Estabelecimentos e produtos certificados | 21 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO I: Turismo de Experiência: de Brasília a Vassouras-RJ, da teoria à prática | 5 |
| | 10 |
| 1.1 O que é Turismo de Experiência? | 12 |
| 1.2 O Projeto Economia da Experiência (PEE): da teoria à prática | 16 |
| 1.3 O Tour da Experiência no estado do Rio de Janeiro | 20 |
| 1.4 Turismo em Vassouras | |
| CAPÍTULO II: Memória e Identidade Negra em Vassouras | 29 |
| | 30 |
| 2.1. Vassouras como a cidade dos Barões | |
| 2.2. A história que a história não conta: a comunidade negra escravizada em Vassouras durante o império | 36 |
| 2.3. “Somos herança da memória”: a cultura negra representativa no tour da Experiência | 45 |
| CAPÍTULO III: Por um outro Tour da Experiência em Vassouras | 52 |
| | 52 |
| 3.1 O contexto de atuação do Movimento Negro de Vassouras | |
| 3.2 Atividades turísticas em Vassouras | 55 |
| 3.3 Um contraponto: o TAC | 68 |
| 3.4 O vale verde é negro! | 70 |
| CONCLUSÃO | 75 |
| BIBLIOGRAFIA | 79 |

INTRODUÇÃO

O fenômeno turístico, de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), é uma atividade na qual o indivíduo ou um grupo viaja. Essa atividade, analisada como deslocamento, é realizada por estes sujeitos que são denominados de turistas ou excursionista, o primeiro termo é atribuído a quem realiza viagem turística com pernoite e o segundo quem não pernoita. Também é denominado de turista aquele que tem o intuito de visitar uma localidade fora do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano com o propósito de não remuneração por entidades (empresas, estabelecimentos etc.) no lugar visitado.

O desenvolvimento e crescimento da atividade turística no território brasileiro consolidam-se a partir da década de 1970, adaptando-se em diversos segmentos definidos pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e reconhecidos pelo Ministério do Turismo (MTUR). De acordo com a OMT, dentro desses segmentos, que abrange cerca de mais de 60 especialidades, há o turismo de massa, turismo de sol e praia, turismo rural, turismo de histórico-cultural, turismo étnico, entre outros.

O turismo, através de seus segmentos praticados e os agentes que fazem acontecer essas atividades, também pode representar um importante canal de interculturalidade, ao se tornar um meio relevante no encontro de saberes de diversos grupos sociais, o que possibilita a produção cultural e o incentivo de novos nichos específicos no mercado de consumo do turismo. (ARAGÃO, 2015)

O fenômeno turístico por ser um canal no processo de trocas culturais pode ser um instrumento de conhecimento de multiculturalidade ou pluralismo, denominação de Canclini (2009), pois segundo o autor “admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação”. (CANCLINI, 2009, p. 17)

Assim, o turismo pode ser instrumento de trocas culturais ou reforçar a segregação. A atividade turística também pode ser pensada em seu aspecto cultural em seus diversos segmentos, desta forma, este trabalho se propõe a realizar um estudo sobre as narrativas existentes no Tour da Experiência, que é parte do projeto Economia da Experiência em parceria com o Ministério do Turismo, junto com o Sebrae e o Instituto Marca Brasil (IMB), que visa proporcionar uma nova experiência turística ao turista/excursionista, desenvolvendo produtos que despertam a sensação e emoção de ser o protagonista de uma experiência, mais do que contemplar o que lhe é ofertado. O tour a ser analisado é o realizado no município de Vassouras/RJ

O Tour da Experiência é um selo de certificação que, segundo o MTUR garante aos empreendimentos o reconhecimento de "proposta inovadora" para o turismo, pois se apropriam do conceito da economia da experiência, desenvolvendo assim, novos produtos e serviços de turismo, estes voltados para alguma experiência.

Vassouras faz parte da região do Vale do Paraíba no estado do Rio de Janeiro, denominado também como Vale do Café, termo este utilizado especificamente pelo Plano Diretor de Turismo (Rio de Janeiro, 2010), compreende os municípios de Paty do Alferes, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Engenheiro Paulo de Frontin, Volta Redonda, Pinheiral, Rio das Flores, Piraí, Barra do Piraí, Miguel Pereira, Paracambi, Mendes e Valença, tem como base principalmente o segmento do turismo rural e do histórico-cultural devido a ocupação da região.

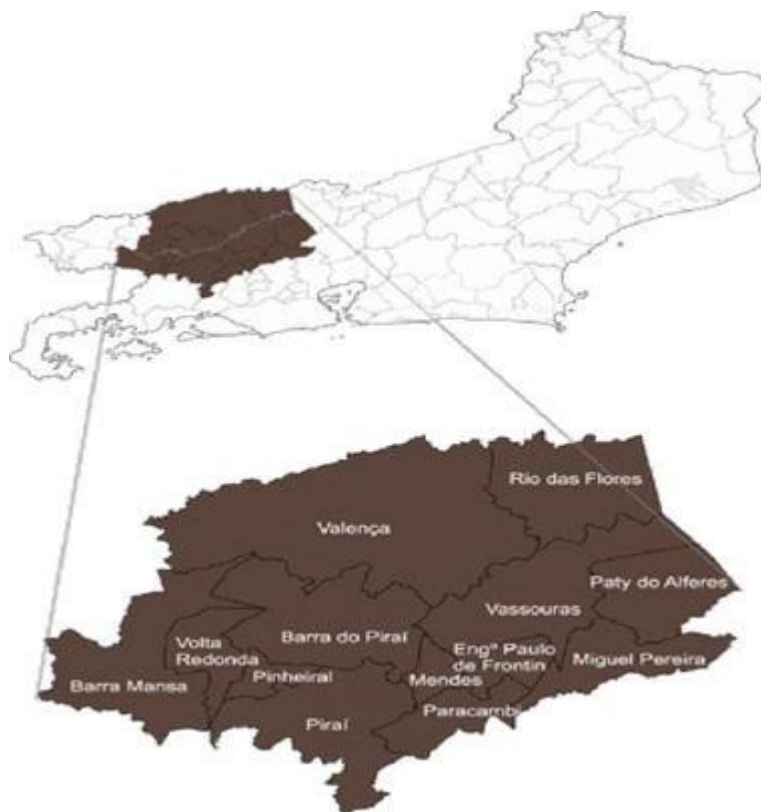


Figura 1: Região do Vale do Café. Fonte: Cidades Maravilhosas, 2002

Historicamente, a região do Vale do Café tem esta designação em função das atividades cafeeiras desenvolvidas na época do Brasil Império. Além do turismo histórico na região ocorreu o que está sendo denominado de novo rural, como o trabalhado por Schneider (2010) ao dizer que esse novo rural se apresenta pela pluriatividade em seu espaço, em razão das novas atividades acontecendo no local que foram implantadas em decorrência da ressignificação do "homem do campo", ou seja, a troca da mão de obra deste indivíduo pela a inserção de novas tecnologias como a utilização de maquinários.

O turismo rural e o histórico-cultural (podendo se pensar a influência do turismo étnico também nestes segmentos) que estão sendo desenvolvidos no município de Vassouras ocorrem através de visitas em diversos atrativos turísticos locais, como as antigas fazendas cafeeiras, que são vistas como marcas do período imperial brasileiro e são reconhecidas como patrimônios e símbolos de história e memória.

Segundo Borges (2017) o turista que busca a prática de lazer através das formas de turismo no espaço rural não necessariamente busca a experiência da vivência no campo, mas sim das atividades que acontecem nesse espaço como acampar, realizar trilhas, arvorismo até mesmo um outro segmento turístico que é o histórico o qual relembre o aspecto rural para experimentar suas peculiaridades como a culinária, a hospedagem, vivências e afins. (BORGES, 2017)

Ao lado do turismo rural, normalmente realizado em estabelecimento distante do núcleo urbano, há atrativos turísticos históricos na cidade de Vassouras, é possível destacar através da Prefeitura Municipal de Vassouras (2018) mais de 20 estabelecimentos, com o destaque da Igreja Matriz, dos Palácios do Itambé e do Barão de Ribeirão, do Centro Cultural Cazuya, do Museu Casa da Hera, do Mirante do Imperador, o Monumento Manuel Congo, da antiga Estação Ferroviária, do Vagão de Leitura, entre outros.

O Tour da Experiência em Vassouras é composto por um conjunto de produtos ofertados nos estabelecimentos com selo do projeto que são: o "*pic nic* na fazenda Santa Eufrasia", que acontece na Fazenda Santa Eufrásia; o "Chá com Eufrásia Teixeira Leite", no Hotel Mara Palace; "A cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo - Raízes do Brasil Imperial", no Hotel Santa Amália; "Raízes e Viagens por um Brasil Imperial", no Botequim Por Acaso, e "Visita Histórica e Visita ao Museu de Carros Antigos", na Fazenda Cachoeira Grande.

O que todos estes produtos têm de comum é a relação que tentam estabelecer com o século XIX, período imperial através da História. História local e nacional tornam-se objeto de consumo das atividades turísticas. Mas o que afinal é consumido e como é consumido? São estas questões que permeiam este trabalho

Para dar conta destas questões (sem esgotá-las) este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro cujo título é "Turismo de Experiência: de Brasília a Vassouras-RJ" tem o objetivo de apresentar o processo de constituição do programa Economia de Experiência, desde a concepção formulada pelo MTur em conjunto com o Sebrae e IMB, em Brasília, até o seu desenvolvimento (implementação) no município de Vassouras.

O segundo capítulo procura trazer à discussão, questões como memória, construção de narrativas de história, identidade e raça sob o título de "Memória e Identidade negra em Vassouras". O objetivo do capítulo é entender como as narrativas históricas são construídas para serem utilizadas no tour da experiência.

O terceiro capítulo por meio do título "por um outro Tour da Experiência em Vassouras" versa sobre as atividades turísticas de Vassouras, não só aquelas que compõem de uma narrativa hegemônica trabalhada no Tour da Experiência, mas outras atividades turísticas que traz a cultura negra como perspectiva/suporte. Busca-se mostrar no decorrer do capítulo a possibilidade de se fazer um outro tour da experiência, alocando as narrativas "brancas e negras". O capítulo traz as entrevistas colhidas com lideranças representativas do movimento negro do município, analisando de que forma eles contam a história dos negros que ali viveram no período imperial brasileiro e a importância da cultura afro-brasileira local. Além disso, busca-se com as entrevistas observar a percepção desses atores sobre os tours de Experiência que são realizados, traçando uma crítica sobre a repercussão da atividade com a intervenção do Ministério Público, a partir de um TAC, envolvendo um dos estabelecimentos credenciados pelo projeto Tour da Experiência.

Os capítulos são frutos de pesquisa que articulou diversas fontes, como entrevistas, realizadas de forma semiestruturadas com lideranças negras de Vassouras, observação em campo com visita nos estabelecimentos credenciados pelo Tour da Experiência e também em outros atrativos da cidade que estão inseridos dentro do contexto de memória afro-brasileira da região, além de levantamento de teses, dissertações, artigos, cartilhas e reportagens. No capítulo 1 foram necessárias visitas em sites oficiais, desde municipal até o federal do turismo, dentre eles o Ministério do Turismo- MTur, Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro, do Portal do Vale do Café, que dispunham de cartilhas e documentos sobre a prática de política no território nacional. No capítulo 2, foram utilizados essencialmente bibliografia, teses, dissertações e artigos sobre construção de narrativas histórica. E o capítulo 3 foi estruturado com base nas entrevistas e visitas de campo, para lapidar as análises do trabalho.

Diante da diversidade dos documentos utilizados, os produzidos pelo SEBRAE e o IMB (que são da iniciativa privada) e os dos governos federal, estadual e municipal para apresentar o processo de constituição do projeto tour da experiência, como trabalhado no primeiro capítulo, desde o objetivo na implantação em Brasília até Vassouras. Assim outras fontes como cartilhas, folders, aplicativos para celulares foram utilizados nos demais capítulos para

informações complementares sobre as atividades produzidas no Tour da Experiência Caminhos dos Brasil Imperial.

As entrevistas realizadas com alguns representantes do trade turístico, tais como o secretário de turismo de Vassouras e os proprietários da fazenda Cachoeira Grande, e com algumas lideranças negras locais, como a guia de turismo Andreia Pity, a líder do grupo de jongo Cláudia Mamede, entre outros, aconteceram em novembro de 2018 e nos demais meses posteriores - janeiro e fevereiro de 2019, contribuíram para analisar o objeto deste trabalho, que são as práticas do Tour da Experiência desenvolvida no município de Vassouras.

As entrevistas foram realizadas através do método indutivo e observacional, proposto por Gil (2008). A utilização das perguntas com caráter focal e informal sobre as perspectivas que os atores tinham a respeito da atividade turística desenvolvida contribuíram na coleta de dados que embasam a análise sobre as práticas do Tour da Experiência proposto como objeto deste trabalho.

Quanto a bibliografia utilizada, ela será discutida no interior de cada capítulo, mas é importante ressaltar que podem ser pensadas a partir de dois grandes temas: aquele voltado ao turismo enquanto atividade econômica, social e cultural e aquele voltado aos “usos e abusos da memória e da história”. Não é um trabalho de História, ainda que ela seja utilizada como eixo de análise, desta forma utilizo história como um campo de conhecimento que traz eventos do passado como referência de estudo para que se faça uma análise do discurso sobre o que é reconstruído do passado. Quanto ao conceito de memória, uso-o pensando em sua função social enquanto coletiva, voltada aos acontecimentos passados lembrados no presente. “A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica.” (NORA, 1993:9).

Outros termos também são utilizados no trabalho, tais como narrativa histórica, patrimônio, raça, etnia, identidade, cultura afro-brasileira, entre outros. Todos serão explorados dentro dos capítulos, sendo utilizados autores como Pierre Nora, Michael Pollak, Canclini, Hall, entre outros para que se possa refletir sobre a história que é narrada no tour da experiência.

Durante a escrita, foi utilizado o termo “história hegemônica” e/ou “história oficial”, a partir do termo hegemonia utilizado por Gramsci que está associado ao domínio de valores de uma classe social sobre as outras. A história hegemônica neste caso está ligada ao aspecto cultural por caracterizar uma história nacional que é reproduzida nos livros didáticos e que é abordada nos tours ofertados pelo projeto Tour da Experiência em Vassouras, da qual enfatiza as narrativas da classe dominante à época do período imperial, como idolatrando a riqueza dos barões de café e seus costumes e o reproduzindo o sistema escravocrata onde os negros escravizados eram expostos a situação de opressão e submissão ao homem branco.

Interessada nas narrativas do povo negro no período imperial no município de Vassouras e incomodada com a prática reproduzida do Tour da Experiência em Vassouras pelos produtos certificados, busco entender a prática do projeto, enquanto produto de política pública de turismo, ou seja, com a anuência do Ministério do Turismo em parceria com instituições privadas como o SEBRAE e IMB, e como seu desenvolvimento transforma-se em promotor do racismo nos tours ofertados em decorrência das narrativas que são contadas.

Além disto, e fazendo um contraponto, ao percorrer o programa Tour da Experiência procurarei ressaltar como vem sendo utilizados memória, raça e identidade do negro nos atrativos que retomam a história negra local e manifestações culturais afro-brasileiras como monumentos, inclusive apresentando o posicionamento do movimento negro local em relação ao desenvolvimento desta prática turística, dentro do projeto Tour da Experiência, daí o título, que espero apresentar todos os elementos de análise ao longo dos capítulos para então discuti-lo na conclusão

CAPÍTULO I

Turismo de Experiência: de Brasília a Vassouras-RJ, da teoria à prática

O turismo é um fenômeno social que foi caracterizado pelo OMT – Organização Mundial do Turismo - como sendo um fenômeno e prática a qual o indivíduo ou grupo viaja e se desloca do seu lugar habitual para outro por prazer. Segundo Schattenhofen *apud* Moesch (2002, p.10) o “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, estado ou país.”

O fenômeno turístico gera uma série de efeitos positivos e negativos de diferente aspectos no campo econômico, cultural e na troca social. Em relação ao impactos positivos, a atividade turística proporciona o câmbio de culturas, como a facilidade de entrelaçar os laços de comunicação e entendimento entre os povos; a valorização das identidades e memórias, como a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural; já no campo da economia, na promoção de geração de emprego e renda no local onde o turismo é praticado, com a criação de novos postos de trabalho, serviços e afins. Theobald (2002) discorre sobre os impactos positivos que a atividade provoca nas localidades turísticas.

Ao longo de toda história registrada, de certa forma o Turismo teve um impacto sobre tudo e todos os que estiveram em contato com ele. Num plano ideal, esses impactos deveriam ter sido positivos, no tocante aos benefícios obtidos tanto pelas áreas de destino quanto por seus residentes. Esses impactos positivos significariam para o local resultados tais como melhorias nas condições econômicas, uma promoção social e cultural e a proteção dos recursos ambientais. Teoricamente, os benefícios do Turismo deveriam produzir ganhos muito superiores aos seus custos. (THEOBALD, 2002, p.81).

O turismo com a mercantilização do ambiente natural transforma o espaço, que pode ser compreendido como patrimônio natural ou cultural, em atrativos turísticos, passíveis de possuir um valor econômico. Assim, a atividade também proporciona impactos negativos, na medida em que a atividade aumenta e interage com os vários setores da sociedade, podem surgir também mudanças nas relações entre visitantes e comunidade autóctone propiciando novos arranjos como econômicos (exploração do turista e dos atrativos turísticos), culturais (estereótipos culturais e desvalorização da identidade), sociais (desenvolvimento social e a invisibilidade de grupos étnicos-sociais) e ambientais (degradação do patrimônio natural e cultural).

O turismo desenvolve-se em diversos setores da sociedade através da segmentação de sua atividade, que podem ser analisados de acordo com a idade, aspecto cultural, condições geográficas, motivação da viagem, como exemplo as definições do Ministério do Turismo: turismo rural, turismo histórico-cultural, o turismo étnico, dentre outros. A segmentação turística (são mais de 14 tipos) está diretamente ligada à oferta e demanda do mercado altamente competitivo.

O turismo rural e o histórico-cultural são os segmentos turísticos predominantes no município de Vassouras, de acordo com a Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro. O turismo rural está relacionado à pluralidade das práticas nas áreas rurais devido às atividades inovadoras que foram se adaptando aquele espaço, como explica Tulik (2006), que ainda ressalta as diferenças entre o turismo rural e o turismo em espaço rural. De modo breve, entende-se que a definição de turismo rural está relacionada ao conjunto de atividades turísticas relacionadas ao conteúdo propriamente conhecido como rural, tais como hotel fazenda e o turismo em espaço rural é definido pelas atividades que são alheias à cultural rural, mas que se desenvolvem nesses espaços. (TULIK, 2006, p. 8)

Segundo Kastenholz (2006, p.2) os termos “turismo rural” e “turismo em espaço rural” podem ser entendidos como todas as atividades turísticas que têm lugar em espaços rurais, portanto semelhantes. Há autores que ainda discutem esta afirmação e ressaltam as diferenças. Para o MTur - Ministério do Turismo, a definição de “Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. (MTUR, 2010, p. 20), desta forma o ministério entende turismo rural como diferente de turismo em espaços rurais.

Assim, quando pensamos no turismo em Vassouras, devemos ter em mente que o Vale do Café também apresenta aspectos rurais, como as fazendas, que em sua maioria não mais produtivas, mas que mantêm vivas as tradições locais, a cultura da roça, a gastronomia típica, os sabores e costumes do meio rural, além de possuírem a história e a tradição de um dos mais importantes períodos da agricultura do Brasil: o “Ciclo do Café”.¹

O turismo agrega valor às propriedades rurais da região do Vale do Café e na maior parte dos casos, mantém a estrutura das mesmas; os recursos gerados pela atividade têm motivado os proprietários a manterem as propriedades abertas à visitação e a preservarem este pedaço importantíssimo de nossa história, proposta que vem ao encontro do conceito de turismo rural, que se baseia em agregar valor à propriedade e funcionar como uma alternativa de renda, capaz de motivar o proprietário rural a manter a fazenda como tal. (Vivências Brasil, 2006)

Como atrativos que se destacam no município com a prática desse segmento está a fazenda Cachoeira Grande, a Fazenda São Fernando e a fazenda Hotel Galo Vermelho, apesar desses atrativos se apresentarem como referência no aspecto turismo rural, se inserem também no segmento turístico histórico-cultural.

Esse segmento do turismo histórico-cultural se desenvolve mediante a valorização e promoção das culturas locais e regionais, como também a preservação do patrimônio histórico e cultural, com isso há geração de oportunidades de negócios no setor, respeitados os valores, De acordo com o Mtur (2006, p. 18) há tipos de turismo cultural, como de religião, de misticismo e de esoterismo, de grupos étnicos, gastronomia, arqueologia, as paisagens cinematográficas, as atividades rurais, entre outros. Entretanto, quando esses tipos de turismo cultural acontecem em áreas rurais, o Ministério do Turismo pondera que, mesmo que haja valorização histórico cultural, este segmento de turismo cultural será tratado como turismo rural, ou seja, dentro do turismo rural pode estar inserido toda valorização cultural local, como

¹ O “Ciclo do Café” é um termo popular, embora não seja utilizado pela historiografia atual.

Relatório do Vale do Café realizado em setembro de 2006 pelo Projeto Vivências Brasil Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/programas_acoes/qualificacao Equipamentos/galeria_qualifica coes Equipamentos/Relatorio_Vale_Cafe.pdf> Acesso em: Abril/2019

é o caso de Vassouras, onde se destacam as manifestações que acontecem no município, como apresentações de grupos de jongo, capoeira, a gastronomia, de religiosidade, justificando assim a influência do turismo histórico-cultural.

Símbolos e significados dos bens materiais e imateriais da cultura para as comunidades, como exemplo os festivais e tours realizados na fazenda Cachoeira Grande.² Como define o Mtur: “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (Mtur, 2010)

Visando minimizar os impactos gerados pelo desenvolvimento do turismo, que é considerado atualmente um setor da economia, o setor público passa a organizá-lo devido ao crescimento de suas atividades. Em decorrência desse crescimento, ocorre a elaboração de políticas públicas de turismo que passaram a ser fomentadas com o intuito de ser uma atividade planejada com metas, objetivos e ações pré-estabelecidas.

As políticas públicas, segundo Dias (2003) surge como um conjunto de ações a serem executadas pelos órgãos governamentais, tendo o objetivo de atender às necessidades de toda a sociedade. São formadas por “linhas de ação que buscam satisfazer ao interesse público e têm que estar direcionadas ao bem comum” (DIAS, 2003, p. 121).

Segundo Silva, Costa e Carvalho (2013) "além de buscar atender às necessidades das populações, as políticas públicas surgem, também, com o objetivo de solucionar, ou amenizar os conflitos gerados em virtude das inúmeras diferenças existentes na sociedade." (SILVA, COSTA, CARVALHO, 2013, p. 3)

Para Dias (2003) o governo, através da elaboração de políticas, começou a intervir nas atividades turísticas a partir de 1938, em decorrência do Decreto Lei nº 406 que autorizou a comercialização de passagens aéreas, marítimas e rodoviárias. As políticas públicas de turismo no Brasil passaram a ser utilizadas como instrumento de descentralização, gestão e planejamento nos destinos turístico, depois que o MTur passou a ser pasta autônoma, em 2003.

Em 2004, com o incentivo ao setor turístico de forma planejada, surge a ideia do Programa de Regionalização do Turismo - PRT, que tem por finalidade transformar a ação turística em âmbito municipal numa política pública mobilizadora, tendo a capacidade de desenvolver a atividade turística nas esferas local, estadual e federal de forma articulada e compartilhada, como por exemplo o Projeto Economia da Experiência. (SILVA; COSTA; CARVALHO, 2013)

O Projeto Economia da Experiência, é uma das Políticas Públicas de Turismo elaboradas pelo Ministério do Turismo - MTur, foi implantado no Brasil em 2006, através da iniciativa do Ministério do Turismo com apoio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e o Instituto Marca Brasil (IMB), tendo o objetivo de desenvolver os destinos através da capacitação dos empreendimentos à construírem produtos sob o conceito de inovação.

O Projeto Economia da Experiência foi desenvolvido e implementado de forma

² Turismo Cultural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf Acesso em: Abril/2019

pioneira no Brasil a partir de 2006, em 08 Municípios da Região Uva e Vinho - RS, através de uma parceria entre o Ministério do Turismo, Sebrae Nacional, Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares – SHRBS Região Uva e Vinho e Instituto Marca Brasil. (TOUR DA EXPERIÊNCIA, 06 set/2017)

Segundo o Ministério do Turismo (MTUR), o Projeto Economia da Experiência tem por objetivo de desenvolver a economia através do fortalecimento e consolidação dos pequenos negócios e empreendedores onde é desenvolvido o projeto, contribuindo consecutivamente na valorização da oferta turística com o conceito da Economia da Experiência sob nova perspectiva de elaborar produtos diferenciados no ramo turístico. (MTUR, SEBRAE, IMB, SHRBS, 2015)

teóricos que se referem a Economia da Experiência, a Organização Mundial do Turismo, em 1997, publicou o material “Estudos Estratégicos para 2020”, o estudo apontou transformações para o setor, de modo que o turista teria uma nova tendência de forma de viagem, sendo que ele passaria a “viajar para destinos onde, mais do que visitar e contemplar, fosse possível também sentir, viver, emocionar-se e ser personagem de sua própria viagem” (OMT *apud* GOMES, 2016, p. 37).

O Projeto Economia da Experiência se fundamenta nos princípios da “Economia de Experiência”. Este termo foi elaborado no final da década de 1990 em meio a uma discussão a respeito de uma nova liderança econômica (o setor de turismo), que visava novas formas de consumo pela sociedade - como a comercialização de experiências que despertassem sentimentos e emoções.

De acordo com Pine e Gilmore (1999) o conceito economia da experiência é um novo modelo econômico que especifica os negócios, buscando adição de valor às atividades turísticas nas quais os serviços e produtos ofertados se transformam em uma grande proposta de customização da própria experiência. Na economia da experiência, uma empresa oferece produtos ou serviços voltados às sensações, heranças culturais ou opções pessoais. O valor econômico dessa relação não está só na conquista ou idealização do cliente, mas na valorização de um produto por conta de sua condição especial para aquele determinado cliente, assim como em sua capacidade de despertar emoções únicas.

De modo geral, a economia da experiência busca através dos seus produtos e serviços conceder aos seus clientes mais do que a interação, mas sim o engajamento no processo de experiência que é ofertado. Desta forma, com a valorização da oferta turística, busca-se a concretização de desenvolver os destinos turísticos sob uma nova perspectiva inovadora onde os turistas possam usufruir dos tours que despertam uma experiência única a partir da utilização dos empreendimentos que se diferenciam quanto aos produtos que ofertam, tornando o turista o próprio protagonista da atividade.

De acordo com o SEBRAE, o Programa Economia da Experiência começou de forma pioneira a desenvolver o projeto no Rio Grande do Sul, conhecido como a região da "Uva e Vinho", em 8 municípios: Bento Gonçalves, Garibaldi, Veranópolis, Vila Flores, Nova Prata, Cotiporã, Protásio Alves e Caxias do Sul, através de uma parceria entre o Ministério do Turismo, Sebrae Nacional, Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares – SHRBS Região Uva e Vinho e Instituto Marca Brasil

O projeto na região da Uva e Vinho no Sul do Brasil está associado às tradições dos colonizadores italianos que começaram a chegar em 1875 provenientes da região do Vêneto, e a experiência que ofertam aos turistas se enquadra na cultura italiana que gira em torno da colheita da uva e da produção do vinho, além de atividades como a visita às vinícolas,

festivais, entre outros.

Após a implantação na região da Uva e Vinho, em 2008 e 2009, o projeto Economia da Experiência (PEE) se expande e ganha continuidade através do Projeto "Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos", sendo implantado em mais quatro novos destinos: Belém-PA, cuja experiência estava voltada para a finalidade de interagir com a cultura, sabores, crenças e costumes, como a dança do carimbó, o Círio de Nazaré, a Igreja da Sé, o açaí entre outros; em Bonito- MS as atividades estavam centradas na fruição do meio ambiente; na Costa do Descobrimento-BA, a experiência do turista estava relacionada com a história do descobrimento do Brasil; e no Rio de Janeiro, no município de Petrópolis e na região do Vale do Café, as experiências propostas tinham como base os Caminhos do Brasil Imperial. (SEBRAE, 2010)

O Projeto Economia da Experiência: continuidade e abrangência de novos destinos (PEE Novos Destinos), constitui-se como já diz a própria denominação, na continuidade do Projeto Economia da Experiência em quatro novos destinos. Dando seguimento ao projeto anterior na Região da Uva e Vinho entre os anos de 2007 e 2008, o PEE Novos Destinos foi desenvolvido nos anos de 2008 e 2009 e manteve a mesma estrutura de governança, tendo como realizadores o Ministério de Turismo em parceria com o SEBRAE Nacional e a gestão entre Instituto Marca Brasil e unidades do SEBRAE das localidades implantadas, Petrópolis –RJ, Bonito-MS, Costa do Descobrimento-BA e Belém-PA. Esta fase manteve os objetivos do projeto inicial realizado no Rio Grande do Sul propondo seguir também a mesma metodologia, porém se adequando às peculiaridades de cada novo destino trabalhado (GODINHO apud GOMES, 2016, p. 44)

O Ministério do Turismo em conjunto com o SEBRAE e Instituto Marca Brasil, continuaram a aprimorar a marca nacional e criaram o Selo Tour da Experiência nesses novos destinos que foram inseridos no projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos. Cerca de 180 estabelecimentos receberam o certificado de Tour da Experiência.

O "Tour da Experiência" é uma estratégia de marketing elaborada pelo IMB que abrange o conceito da economia da experiência, com o intuito de divulgação e competição dos destinos turísticos envolvidos no Projeto Economia da Experiência. (IMB, 2009, *apud* GOMES, 2016, p.34). Esse certificado utilizado como selo para PEE e do PEE Novos destinos, eram dados aos estabelecimentos que transformaram os produtos em novas atividades que fossem capazes de oferecer experiências turísticas de forma diferencial e emocional. (GOMES, 2016)

Nos novos destinos do projeto PEE são utilizadas propagandas, a cidade de Petrópolis (RJ), onde as experiências se fundava sobre o símbolo imperial, foi utilizado o marketing promocional: “Sonhar faz parte da nossa história...”; em Belém (PA) focara na temática “Belém das crenças, cheiros e sabores.”; na Costa do Descobrimento (BA) onde foi incentivado a promoção de produtos relacionados à história do descobrimento do Brasil, com o slogan: “A cada chegada, uma nova descoberta.”; em Bonito (MS) foram exploradas a natureza e a água com a seguinte promoção: “Mergulhe nessa emoção” (GOMES, 2016, p. 46)

Os Tours de Experiência que foram estabelecidos pelo PEE Novos Destinos, como citados acima, tem como base as experiências turísticas, a valorização de representações históricas e culturais, como na Costa do Descobrimento, na Bahia, com a utilização de elementos históricos e memória da região da cidade de Porto Seguro no ano de 1500, momento do descobrimento do Brasil.

De acordo com Gomes (2016), a proposta do Tour da Experiência no Vale do Café estava direcionada à elaboração de produtos voltados à experiência de resgate da história do Período Imperial Brasileiro. Os vendedores de hospedagens em hotéis se transformam em vendedores de experiência, os agentes de viagens passaram a ser os criadores de emoções e os guias de turismo os contadores de histórias. (LOCKS *apud* TONINI, 2007)

Como destaca Gomes:

(...) é para mais uma vez destacar as propostas de experiências diferenciadas no referido programa. As ligadas à natureza (Bonito), à gastronomia (Belém) e as que têm a história e memória como foco (Petropolis, Porto Seguro e Vale do Café). Questiona-se, então, (...), sobre as questões éticas e de legitimidade nas reproduções de uma história do Brasil, no presente, tendo o turismo como ferramenta de intermediação (GOMES, 2016, p. 47)

Assim, a emoção que se pretende promover, articula-se com abordagens diferenciadas das incentivadas e praticadas no projeto pioneiro, que foi o Tour da Experiência na Região da Uva e Vinho, no Rio Grande do Sul; e similar ao da experiência que é trabalhada na Costa do Descobrimento, na Bahia, que resgata a história da chegada dos europeus às terras brasileiras, na cidade de Porto Seguro.

Veremos no decorrer do capítulo como o Tour da Experiência está sendo praticado pelos estabelecimentos credenciados em Vassouras e qual experiência as atividades visam produzir.

1.1. O que é Turismo de Experiência?

Entende-se que o Turismo de Experiência é um segmento turístico que visa relacionar os desejos do turista moderno que busca se sentir conectado às experiências e estar envolvido na situação apresentada. A ideia é estimular vivências e o engajamento em comunidades locais que geram aprendizados significativos e memoráveis. (SEBRAE, 2015, p.8)

Segundo Turner e Bruner (1986) o termo Turismo de Experiência pode ser utilizado de forma mercadológica, a qual tem por finalidade promover produtos/serviços aos turistas, na intenção de fazê-los se sentirem como os próprios protagonistas de suas experiências (viagens); ou utilizado atrelado à concepção antropológica, com o objetivo de fazer do indivíduo (turista) um meio de despertar sentimentos e emoções através das experiências vivenciadas, como destaca o MTur:

sentido – o turismo de experiência precisa de atividades que estimulem os cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato), aqui incluso um sexto sentido que é o sinérgico, quando todos os sentidos são estimulados e a experiência acessa uma emoção que gera arrepios ou lágrimas;

» sentimento – desenvolver atividades afetivas que apelem para os sentimentos e emoções do turista. Esta atividade pode gerar uma relação de carinho do consumidor em relação ao destino;

» pensamento – oferecer atividades que estimulem a criatividade e sejam uma novidade para o turista. Tais atividades devem estimular o pensamento livre, flexível e original, gerando um grande aprendizado. São diferentes das atividades que geram reflexões analíticas, quando já conhecemos algo e temos a tendência de agir como de costume, dando as mesmas respostas e perdendo a oportunidade de aprender;

» ação – proporcionar experiências físicas e de interação entre turistas e moradores locais. Este elemento é muito importante para entregar ao turista uma experiência que tenha sentido;

» identificação – focar em atividades que estimulem “experiências pessoais”, atingindo os sentimentos individuais do turista, geralmente são ações que colocam o turista em contato direto com o contexto social e cultural do destino. (MTUR, SEBRAE, IMB, SHRBS, 2010, p.11)

Segundo Panoso (2010) a prática do Turismo de Experiência realizada pelo próprio turista tende a despertá-lo e proporcioná-lo experiências nunca vivenciadas, sentidas e estimuladas em outro segmento turístico. O Ministério do Turismo, Sebrae e IMB (2015) destacam as diferenças entre o turismo tradicional e o turismo de experiência, de acordo com o quadro (1) abaixo:

Quadro 1: Diferença do turismo tradicional e de experiência

| Turismo tradicional | Turismo de experiência |
|---|--|
| Apresenta características funcionais | Tem foco na experiência do consumidor |
| É orientado pelo produto e pela concorrência | É orientado para oferecer experiências de forma integral e exclusiva |
| Entende que as decisões de consumo são racionais | O turista é visto como consumidor racional e emocional |
| As ferramentas utilizadas são quantitativas e verbais | As ferramentas são multidisciplinares e bastante variadas |

Fonte: Portal Sebrae, 2015

De acordo com o quadro acima, o turismo tradicional visa proporcionar o turismo “comum”, ou seja, aquele o qual o turista utiliza-se do produto já finalizado, dando como exemplo um museu histórico em uma localidade onde as atividades estão voltadas a sua visitação e contemplação, proporcionando um turismo sobre “capa”, usufruindo apenas o “frasco”, desperdiçando seu conteúdo e suas histórias, sendo o turista apenas um contemplador do meio e não um protagonista da atividade, o que diferencia do turismo de experiência, como por exemplo, um museu vivo, ou seja, com personagens reais o qual o turista esteja engajado dentro deste processo de experiência única, fazendo-o despertar sentimentos, emoções, desejos e outros sentimentos.

Assim, o conceito de experiência aplicado ao turismo foi proposto pelo Projeto Economia da Experiência para que houvesse um diferencial nos segmentos turísticos, sendo estes voltados ao consumo de serviços que pudessem estimular os sentidos, os sentimentos e a mente. Como destaca Pezzi (2012, p.11), o intuito de destacar a experiência relaciona-se diretamente com a cultura contemporânea e com um novo sujeito (indivíduo/turista), que já não se satisfaz apenas com as necessidades básicas de repouso e lazer que a prática turística se dispõe, mas sim buscam viver acontecimentos únicos e diferenciados.

Através do Projeto Economia da experiência surge o Tour da Experiência, que busca fortalecer e consolidar o turismo nos arranjos produtivos dos pequenos negócios, com ajuda aos empreendedores locais para agregar valor aos produtos turísticos do território a partir do conceito de Economia da Experiência. E de forma social, com o intuito de fazer do turista um sujeito mais consciente. (MTUR, SEBRAE, IMB, SHRBS, 2015).



Figura 2: Logos do Projeto Economia da Experiência e do Projeto Tour da Experiência Fonte: Cartilha Tour da Experiência (2015)

De acordo com Gomes (2016), todo o conceitual da marca Tour da Experiência foi construído pelo Instituto Marca Brasil por solicitação do Ministério do Turismo, que buscava atender concepção de Economia da Experiência sob forma de inovação dos produtos/serviços nos destinos turísticos que despertassem o emocional e o sentimento do consumidor.

O Tour da Experiência buscar atingir empreendimentos que desejam ser reconhecidos como “proposta inovadora” para o turismo, os quais se apropriam do conceito da economia de experiência, desenvolvendo assim, novos produtos e serviços de experiência. Esses empreendimentos recebem o selo de certificação do Tour da Experiência.

Assim, o processo de desenvolvimento da marca foi considerado como um forte suporte para o marketing, divulgação e estabelecimento de concorrência, atingindo o público-alvo nos destinos turísticos inseridos no Projeto Economia da Experiência.

1.2. O Projeto Economia da Experiência (PEE): da teoria à prática

Com o Decreto nº 448, de 14 de fevereiro de 1992, foi criada a Política Nacional de Turismo (PNT) que estabelecia diretrizes para ações ligadas ao desenvolvimento da atividade turística no território brasileiro não só sob viés econômico, mas também com uma nova perspectiva que englobasse o social, cultural e ambiental.

De acordo com Gomes (2016), sob as diretrizes do PNT em 1992 foi criado o Plano Nacional de Turismo (Plantur) no governo de Fernando Collor de Mello como instrumento básico para o desenvolvimento de um turismo regional de forma a efetivar a política nacional de turismo. Faziam parte do Plantur sete programas: Programas Polos Turísticos, Turismo Interno, Mercosul, Ecoturismo, Formação dos Recursos Humanos para o Turismo, Marketing Nacional e Qualidade e Produtividade do setor de turismo

De acordo com Dias (2008) os programas que constituíam o Plantur, por mais que tivessem sido organizados, não resultaram em práticas de desenvolvimento do turismo no território brasileiro, atuaram apenas como promessas, pois dependiam da atuação da iniciativa privada.

Na conjuntura do *impeachment* do presidente Collor, em 1992, e a entrada de Itamar Franco à presidência, o setor turístico no Brasil foi inserido e incorporado à indústria e comércio, sendo considerado um novo setor econômico que proporcionaria desenvolvimento para alavancar a economia e assim foi criada a Secretaria Nacional de Turismo e Serviços, vinculada ao Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. No final do governo Itamar Franco, em 1994, surgem dois novos programas a Política Nacional de Ecoturismo e o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). O primeiro tinha diretrizes com viés ambientalistas, ou seja, inseria as atividades de conservação e valorização ambiental como parte das políticas de turismo (GOMES, 2016). Enquanto o PNMT, segundo Dias (2003), visava um novo modelo de gestão da atividade turística, simplificado e uniformizado, para os

estados e municípios de maneira integrada, buscando maior eficiência e eficácia na administração da atividade turística, de forma participativa. (DIAS 2003, p.144)

No ano de 2003, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, o Plano Nacional de Turismo foi reestruturado e criou-se o Ministério do Turismo, composto pela Secretaria de Políticas de Turismo, a Secretaria de Programas de Desenvolvimento e o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), o qual sinalizou a proposta da regionalização do turismo, criando assim o PRT - Plano de Regionalização do Turismo (PRT) iniciado em 2004, tendo por objetivo dar continuidade ao processo de ordenamento do turismo com a sua descentralização no território brasileiro tendo a atividade dividida nas esferas estaduais e municipais como informa Gomes (2016):

Neste momento, não mais se limitando ao município (como o programa PNMT), as ações ampliam sua abrangência para escala regional, agrupando municípios na previsão de que juntos se fortaleceriam e desenvolveriam estratégias regionais para o desenvolvimento econômico e social através do turismo (MTUR, 2004 apud GOMES, 2016, p.31).

Com a implantação do PRT em 2004, o governo federal brasileiro promoveu ações públicas direcionadas às regiões turísticas que estabelecesse “a importância do Programa como instrumento político, essencial à consolidação dos destinos, e como promotor de desenvolvimento econômico e social nas regiões turísticas (MTUR, 2013, p.34).

Segundo Silva, Costa e Carvalho (2013), o governo federal ao implantar o PRT mediante a proposta do MTur, atenta-se para mudanças na forma de gestão das políticas públicas, conforme destacado no próprio Programa de Regionalização do Turismo.

Adotar o modelo de regionalização do turismo exige novas posturas e novas estratégias na gestão das políticas públicas; exige mudanças de relacionamento entre as esferas do poder público e a sociedade civil; exige negociação, acordo, planejamento e organização social. Exige, também, entender a região diferentemente da macro divisão administrativa adotada no País – Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste. Deve-se perceber o conceito como um esforço coordenado de ações integradas entre municípios, Estados e países (BRASIL, MTur, 2004a, p. 11).

O Plano de Regionalização do Turismo PRT traz como estratégia a descentralização da atividade turística, que tem por finalidade transformar a ação centrada em âmbito municipal numa política pública mobilizadora, tendo a capacidade de desenvolver a prática do turismo de modo local, estadual e federal de forma articulada e compartilhada, por exemplo o Projeto Economia da Experiência e suas ações. (SILVA; COSTA; CARVALHO, 2013).

O Projeto Economia da Experiência tem como princípio a “Economia de Experiência”. Este termo foi elaborado no final da década de 1990 para designar um novo modelo econômico que se caracteriza pela adição de valor ao produto e/ou serviço a partir de uma proposta de customização da própria experiência, com a promoção de venda de experiências únicas, que se apresentava como um novo paradigma de consumo da sociedade, principalmente nas atividades turísticas. Assim, o Ministério do Turismo, para elaborar o projeto, utilizou as principais ideias do livro *The Dream Society*, do dinamarquês Rolf Jensen (1996) e o *The Experience Economy* dos americanos James Gilmore e Joseph Pine (1999), (MTUR, 2010).

Segundo o dinamarquês Rolf Jensen (1996), a partir do seu livro *A Sociedade Dos Sonhos (The Dream Society)* estabelece uma discussão a respeito de uma nova lógica de produção e consumo. Essa lógica se enraizava na nova forma de comercialização dos serviços e produtos. Essa nova forma estabelecia ao consumidor o propósito de despertar sensações e

sentimentos em sua relação com a proximidade da natureza de forma sustentável (MALTA *apud* GOMES, 2016).

Em *The Experience Economy* (1999), os autores James Gilmore e Joseph Pine trabalham com as tendências de novas formas de vida e de consumo no mercado que transformam em produtos e serviços, visando construir uma nova dinâmica de comercialização, através de ações que buscam impulsionar as vendas oferecendo experiências memoráveis que envolvam seus consumidores de forma mais personalizada com a valorização da singularidade de cada destino.

Para Beni (2004) diferenciar o setor das experiências (*experiences*) e de serviços (*services*) é fundamental para entender o segmento do turismo de experiência. O cenário econômico mundial por longos anos assentou-se nos parâmetros do sistema econômico que abrangia os três setores (agrícola, industrial e de serviço), entretanto trazendo o conceito da “teoria da experiência” como trabalhado por Gilmore e Pine, Beni reflete que a economia da experiência torna-se uma nova vertente econômica e que deve ser compreendida e estudada no novo cenário dando como exemplo o setor turístico.

uma experiência não é uma construção informe; é uma oferta tão real quanto qualquer serviço, produto ou mercadoria. Na atual economia de serviços, muitas empresas simplesmente concentram as experiências em torno de suas ofertas tradicionais para vender melhor (...) A questão, então, não é se, mas quando – e como – entrar na emergente economia da experiência. A experiência acontece quando uma empresa intencionalmente usa os serviços como um palco e os produtos como suportes para atrair os consumidores de forma que crie um acontecimento memorável. Commodities são fungíveis, produtos são tangíveis, serviços são intangíveis e experiências são memoráveis! (BENI, 2004, p.3003)

Tonini (2007) diz que a economia da experiência possibilita que muitas atividades no setor de turismo possam ser transformadas em mais do que lazer e diversão, mas sim em formas de inspiração ao visitante que se utiliza desses serviços como fonte de despertar sensações e emoções.

os vendedores de apartamentos em hotéis serão substituídos por vendedores de experiências; os criadores de pacotes deverão criar emoções; os recitantes tornar-se-ão contadores de histórias; e os turistas – ah, os turistas – deixam de ser espectadores para se tornarem protagonistas neste novo cenário. É a reelaboração de um mesmo produto utilizando outros aspectos que podem influenciar a conquista de clientes (LOCKS *apud* TONINI, 2007, p. 94)

Segundo Gomes (2016) a Organização Mundial do Turismo publicou em 1997 o material “Estudos Estratégicos para 2020” o qual aponta transformações na forma de consumo da atividade turística, pois o turista se inclinaria a escolher viajar para destinos onde ele pudesse além de visitar e contemplar, fosse possível também sentir, viver, emocionar-se e ser o próprio protagonista.

Gomes (2016) também traz dados comparativos do Ministério do Turismo revelando que após onze meses da implantação do projeto (ano de 2007), houve crescimento de 15% do número de turistas na região da uva e do vinho em 2008, esse número cresceu mais 10%, mesmo em períodos de crise internacional e com o dólar baixo

De acordo com o MTUR (2003), o Rio Grande do Sul possui onze regiões turísticas, uma delas é a Região da Uva e Vinho a qual é formada por 33 municípios, caracterizados pelo cultivo e produção de uvas e vinhos respectivamente. Estes municípios foram agrupados de acordo com o Programa de Regionalização do Turismo - PRT (2004), como já

mencionado, e reuniu os municípios de acordo com proximidade, suas especificidades e seus produtos turísticos em comum, criando assim as regiões turísticas.

Como já foi dito, foram escolhidos para a implantação do projeto Economia da Experiência oito municípios da região gaúcha, sendo eles: Bento Gonçalves, Garibaldi, Veranópolis, Vila Flores, Nova Prata, Cotiporã, Protásio Alves e Caxias do Sul. Tonini (2009) explica que o Projeto na região teve como objetivos diversificar a oferta turística e a formas de consumo local, proporcionando aumento de empregos e renda na localidade.

Assim, a principal região produtora de vinhos no país, faz do enoturismo um importante segmento turístico na região, que se constitui através dos valores culturais agregados em torno da uva e do vinho, além de atividades como a visitação aos parreirais, vinhedos, cantinas, festivais vinícolas, atrações culturais, entre outros (DE PARIS *apud* GOMES, 2016, p.40).

A valorização e a organização de pequenos e médios empreendimentos que fazem parte deste projeto na região, transformam as identidades e culturas regionais em experiências únicas, proporcionando desta forma a expansão da oferta e movimentação da cadeia turística local a partir de atividades que ofereçam experiências diferenciadas ao turista, propiciando diferentes sensações e vivências próprias da localidade, com características culturais peculiares (MTUR, 2010 *apud* GOMES, 2016, p.33).

Posterior à implantação do Projeto Economia da Experiência na Região da Serra Gaúcha (anos de 2008 e 2009), houve a expansão "Projeto Economia de Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos - PEE em novos 4 destinos, mantendo a mesma estrutura de governança, tendo como realizadores o Ministério de Turismo em parceria com o SEBRAE Nacional e o Instituto Marca Brasil e unidades do SEBRAE das localidades implantadas nos novos destinos. (GOMES, 2016)

O objetivo do PEE Novos Destinos é diferenciar com aspectos "inovadores" os produtos ofertados nesses estabelecimentos que fazem parte do setor turístico envolvidos neste projeto. Desta forma o Instituto Marca Brasil - IMB criou o "Plano de Inovação" sob a responsabilidade do 'consultor' (SEBRAE), que garante os meios de execução e organização das propostas de inovação, como a oferta de acontecimentos exclusivos e eternamente memoráveis, a partir de emoções vivenciadas, a serem seguidas pelos empreendimentos que fazem parte do Tour da Experiência.

Quadro 2: Plano de Inovação do IMB ao PEE

| | |
|--------------------|--|
| O que fazer | O consultor, mediante da aprovação do empreendedor, deverá descrever a inovação a ser implementada no estabelecimento, relacionada ao conceito de Economia da Experiência. |
| Como fazer | O consultor, mediante aprovação do empreendedor, deverá descrever como será realizada esta ação. |
| Prazo | O consultor, em conjunto com o empreendedor, deverá definir o prazo para a execução das ações. |
| Envolvidos | O consultor, em conjunto com o empreendedor, deverá definir as pessoas envolvidas nestas ações. |

Fonte: IMB (2015) *apud* Gomes (2016)

Essas propostas de "inovação" do Projeto Economia da Experiência Novos Destinos não deixam explícitas quanto a sua concepção inovadora nos materiais publicados e

digitalizados pelo Ministério do Turismo (MTur). No Plano de Inovação fica subentendido que será abordado nos produtos/serviços o conceito da economia da experiência e as justificativas para ser inovador nada mais são do que as orientações estabelecidas pelo consultor SEBRAE, os quais se tornam orientações comuns de trabalhos anteriores, sem nenhuma inovação.

De acordo com o Instituto Marca Brasil, o objetivo da empresa era elaborar uma marca que pudesse representar o conceito do Projeto Economia da Experiência e a concepção de inovação na oferta de destinos com produtos e serviços que despertassem uma experiência inusitada e única ao turista. Assim, criou-se o slogan “Tour da Experiência. Experimente!” (GODINHO *apud* GOMES, 2016).

Nesta nova forma de se pensar a economia, o turismo tende a organizar atividades que ofereçam mais do que lazer e distração, buscando inspiração para oferecer novos produtos que sejam capazes de transformar uma simples visitação em algo inesquecível, que desperta várias sensações e emoções ao turista. (GOMES, 2016, p.37)

Gomes (2016) explica que a atuação do projeto na Região Da Uva e Vinho no Rio Grande do Sul, os parceiros Ministério do Turismo (MTur), SEBRAE e Instituto Marca Brasil (IMB), continuaram a aprimorar a marca nacional e criaram o Selo Tour da Experiência. Este selo é um certificado que tem a finalidade de autenticar os estabelecimentos que trabalham com atividades relacionadas ao conceito da economia de experiência. Sendo assim, os órgãos responsáveis pela execução e organização deste selo autenticaram os empreendimentos onde o Projeto Economia da Experiência foi implantado. (GOMES, 2016, p.49)

O Tour da Experiência tende a ser aplicado pelos empreendimentos que visam aderir a uma proposta de “inovação” do turismo, buscando proporcionar novos produtos e serviços de experiência para serem certificados. Esses itens e atividades devem ofertar aos turistas mais do que a ambientação dos destinos, e sim, desencadear experiências como a própria vivência, participação, sentimentos, emoção e outras possíveis formas de se sentir fazendo parte acordo de um contexto histórico, cultural e social de cada localidade.

1.3. O Tour da Experiência no estado do Rio de Janeiro

Antes de abordar a inserção do projeto Tour da Experiência em especial o “Projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos” na cidade de Petrópolis e na região do Vale do Café, especificamente na cidade de Vassouras, cabe ressaltar que as políticas para a área de turismo no estado do Rio de Janeiro na década de 1990 foram criadas tardiamente e em razão disto foi lenta a construção do Plano Diretor de Turismo.

O Plano Diretor de Turismo, que teve origem na Constituição do Estado do Rio de Janeiro no ano de 1989, é o documento que dispôs ações que contribuíram para o processo de desenvolvimento do turismo no território fluminense. O plano só começou a ser elaborado em 1997 e só publicado em 2001. O Plano Diretor de Turismo consistia, segundo o artigo 227

O Estado promoverá e incentivará o turismo, como fator de desenvolvimento econômico e social bem como de divulgação, valorização e preservação do patrimônio cultural e natural, cuidando para que sejam respeitadas as peculiaridades locais, não permitindo efeitos desagregadores sobre a vida das comunidades envolvidas, assegurando sempre o respeito ao meio ambiente e à cultura das localidades onde vier a ser explorado...” “...“O instrumento básico de intervenção do Estado no setor será o plano diretor de turismo, que deverá estabelecer, com base no inventário do potencial turístico das diferentes regiões, e com a participação dos

Municípios envolvidos, as ações de planejamento, promoção e execução da política de que trata este artigo” (RIO DE JANEIRO, 1989, p.129- 130).

A construção do Plano Diretor de Turismo (PDT) ficou sob competência da TurisRio e da Secretaria do Estado e Planejamento (Secplan), ambas tiveram como atribuições “levantar, analisar e consolidar as informações, programas e documentos existentes e intervenientes com a questão turística estadual” (FRATUCCI *apud* GOMES, 2016, p.54) que tinham por finalidade a necessidade de formular diretrizes e organizar ações para o desenvolvimento das atividades de turismo para todo o estado do Rio.

Em paralelo a elaboração do PDT Fluminense, no âmbito federal estava sendo construído o Plano Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), o qual o Rio de Janeiro seguia as diretrizes, buscando contribuir ao processo de mobilização/sensibilização no estado, principalmente no que concerne na formação de conselhos de turismo, como o Concretur (Conselho Regional de Turismo da Região das Agulhas Negras), o Conciclo (Conselho Regional de Turismo do Ciclo do Café) e no fortalecimento de lideranças locais que existiam antes do PDT. Por conseguinte, propiciou também o desenvolvimento da política pública de turismo regional, o PRT - Programa de Regionalização do Turismo.

Conforme Gomes:

O processo de regionalização do turismo no Rio de Janeiro trouxe novas configurações para a organização de ações voltadas aos municípios fluminenses, pelo fato das políticas de governos se direcionarem para regiões e não mais para cidades, como era feito anteriormente com o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). Três acontecimentos são responsáveis pela consolidação da regionalização turística do estado do Rio de Janeiro: o primeiro, a partir dos grupos regionais que se organizaram durante a vigência do PNMT; o segundo, com a distribuição das regiões turísticas fluminenses a partir do Plano Diretor (2001); e o terceiro, com a política nacional de regionalização, através do Programa de Regionalização do Turismo (2004). (GOMES, 2016, p.56)

O Plano de Regionalização Turística - PRT estava inserido na proposta do Plano de Desenvolvimento Econômico e Social e deu início no ano de 2004 a uma organização das atividades turísticas no território fluminense. O PRT contribuiu para a divisão do território estadual em seis regiões turísticas que são: Metropolitana, Costa Verde, Costa do Sol, Serra Verde Imperial, Agulhas Negras e Vale do Café. Essas regiões turísticas foram constituídas para contemplar a gestão das atividades turísticas de forma intermediária entre o estado e o município.

O primeiro destino turístico do estado do Rio de Janeiro a trabalhar com a proposta do projeto de Economia da Experiência foi a cidade de Petrópolis, localizada na região serrana do estado. Fundada no século XIX, precisamente no ano de 1843 por Dom Pedro II, imperador do Brasil. Segundo Ângelo (2012), Petrópolis foi programada para ser estância de verão da Corte, sendo utilizada para atender os anseios da aristocracia brasileira que eram os senhores de terras e escravos, a elite dominante da época. Desde o período imperial, a cidade despertou atenção como local onde artistas e personalidades brasileiras instalaram suas residências, como o Barão do Rio Branco, Santos Dumont e Rui Barbosa, além deles outros possuíam moradia na cidade, ou estiveram hospedados e contribuíram para agregar cultura e história para Petrópolis (ANGELO *apud* GOMES, 2016).

Considerando essas características, Petrópolis até hoje possui marcas históricas e culturais que são retratados em sua arquitetura, em sua arte, sua culinária e em sua História,

todo este acervo é utilizado como produto para a prática do turismo na localidade e justifica a proposta e o incentivo público para o Turismo de Experiência, por permitir através dos elementos ali existentes do período imperial, como as residências de grandes personagens, uma ambientação para transformar o visitante em protagonista daquele contexto histórico, dando a sensação de entendimento do período.

Segundo o SEBRAE (2015) o “Projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos” em Petrópolis, é uma proposta inicialmente concebida a partir do acordo de Cooperação Técnica entre SEBRAE, EMBRATUR e Ministério do Turismo, sendo implantado com duração de quatro anos, mas podendo ser prorrogado por termo aditivo e dividido em duas fases sendo a primeira voltada ao planejamento e gestão operacional das ações a serem realizadas em Petrópolis pelo Mtur e IMB, uma parceria entre esfera pública federal e associação civil de direito privado e sem fins lucrativos, e a segunda fase destinada às ações de campo que envolvem capacitação, mercado, divulgação, promoção e avaliação dos resultados sobre responsabilidade do SEBRAE.

Os destinos escolhidos pelo Mtur, IMB e SEBRAE para participarem do Projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos tinham que seguir os critérios de: ser um destino consolidado, fazerem parte dos 65 destinos indutores de atividades turísticas do estado do Rio de Janeiro, pequena extensão territorial, capacidade econômica financeira, rico culturalmente (apresentando aspectos e elementos históricos e/ou cultural no território).

A gestão local do projeto Tour da Experiência em Petrópolis ficou por conta do SEBRAE Rio de Janeiro, com o apoio da Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (governo municipal) e a instituição *Petrópolis Convention and Visitors Bureau* (setor privado).

De acordo com Gomes (2016) antes da implantação do projeto Tour da Experiência em Petrópolis, o turismo baseado na experiência já existia no Museu Imperial desde 1998, inspirado nos projetos das Pirâmides do Egito, Palácio de Versalhes e de São Miguel das Missões (RS). Com o projeto houve complementação da atividade visando ‘dinamização do público’ e que gerasse receita do ponto de vista turístico e cultural através do Projeto Som e Luz, que acontecia no Museu, trabalhando com fatos históricos do período imperial brasileiro através de efeitos de áudio, luz e projeções de computador durante o tour no estabelecimento, despertando no visitante o interesse e curiosidade sobre os elementos históricos. (FARIAS *apud* GOMES, 2016, p. 78).

A expansão do Tour da experiência é atribuída ao sucesso do projeto na região de Petrópolis que foi premiado internacionalmente em 2012, recebendo o prêmio Ulysses Award, da Organização Mundial de Turismo com o *case* “Economia da Experiência Tour”. Tal prêmio reconheceu a importância da proposta e motivou sua continuidade e expansão, contribuindo para gerar o Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial no estado do Rio de Janeiro.

O Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial foi uma expansão do tour da Experiência, organizado, mais uma vez, pelo SEBRAE do Rio de Janeiro e pelo Instituto Marca Brasil com apoio da Secretaria de Estado de Turismo (SeTur) e que foi lançado em 2013 com objetivo de ampliar o conceito de turismo de experiências em destinos que vivenciaram fatos da época do período imperial. Os destinos no Estado do Rio que podiam ser inserido no projeto eram as cidades do Rio de Janeiro, Paraty, Teresópolis, Nova Friburgo, Visconde de Mauá e a região turística do Vale do Café (considerando apenas os municípios de Pirai, Barra do Pirai, Rio das Flores, Valença e Vassouras). (GOMES, 2016)

O projeto visava (a princípio) incentivar a valorização de práticas turísticas em destinos

que representavam e lembravam atos e fatos da época do Brasil Império. Para o prosseguimento das propostas nas dez cidades envolvidas, foram feitos capacitações, cursos e assessorias nas micro e pequenas empresas destas cidades, como também visitas técnicas de aprendizado em Boas Práticas na Serra Gaúcha, encontro de negócios e participação em feiras e eventos.

As capacitações ministradas pelo SEBRAE RJ entre os empresários foram no sentido de gerar aprendizados em relação a como se posicionar diante do mercado de turismo, com oficinas de inteligência de mercado, além da roteirização de produtos e serviços, para venda de produtos a partir do roteiro integrado histórico-cultural diferenciado (SETUR, 2013 *apud* GOMES, 2016, p. 80)

De acordo com Gomes (2016), em 2014 e 2015 foi desenvolvido o Projeto Caminhos do Brasil Imperial; das 118 empresas (micro e pequenas) do setor turístico das dez cidades que estavam fazendo parte do projeto, apenas 113 empresas foram certificadas com o Selo “Tour da Experiência” por contemplarem e desenvolveram produtos de experiência turística com identidade do Brasil Imperial, de acordo com o conceito de inovação e conforme o quadro abaixo.

Quadro 3: Estabelecimentos certificados no estado do Rio de Janeiro

| Destino | Nº de Estabelecimentos | Alguns dos produtos certificados |
|---------------------------------|-------------------------------|---|
| Centro do Rio de Janeiro | 15 estabelecimentos | Ex: Carioca da Gema oferecerá o Baile Imperial, uma proposta de música e pratos servidos no último baile do Império. |
| Petrópolis | 16 estabelecimentos | Ex: Confeitaria Willensen, fez cupcake decorado com uma coroa de açúcar no topo, inspirado nas receitas da Família Real. |
| Teresópolis | 17 estabelecimentos | Ex: Sobrado Histórico José Francisco Lippi – formulou passeio ecológico com culinária de roça e café rural com personagens de época. |
| Friburgo | 13 estabelecimentos | Ex: Cachaçaria Sinha Brasil – visita ao alambique e passeios por túneis escavados por escravos, a pé com lanternas para reviver o ambiente da época |
| Paraty | 14 estabelecimentos | Ex: Companhia de Teatro Imperial Paraty - Um Passeio na História |
| Visconde de Mauá | 18 estabelecimentos | Ex: Bistrô das Meninas – Pic-Nic Imperial com o requinte de época. |
| Vale do Café | 21 estabelecimentos | Ex: Fazenda Florença - Personagens de cera da família imperial e escravos na senzala. |

Fonte: SeTur *apud* Gomes (2016)

O projeto Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial teve como intuito aumentar a demanda turística nos municípios do estado do Rio de Janeiro que estavam inseridos neste projeto, buscando oferecer aos consumidores novas sensações turísticas, como provar de sabores, conhecer antigos costumes, viver uma história, e capacitando os estabelecimentos para serem certificados quanto a sua qualidade em serviços, produtos e experiências.

O Vale do Café é uma delimitação regional utilizada para ação de políticas de turismo

no estado do Rio de Janeiro, destinadas ao conjunto de municípios que participaram do período da história brasileira em que a exportação de café era uma importante atividade econômica no estado, chegando a representar 77% da economia brasileira. A denominação “Vale do Café” foi criada para ressaltar a herança histórica e econômica do século XIX. Como aborda Gomes

No caso da delimitação turística Vale do Café, localiza-se no centro-sul do estado do Rio de Janeiro, no limite com Minas Gerais, possui uma área de 5.828,0 km², sendo servida por uma malha rodoviária que permite a sua ligação com a capital do Rio de Janeiro. O Vale do Café é promovido como uma região turística voltada para os segmentos de turismo do tipo histórico e rural, considerando sua trajetória histórica e agrícola. Uma região que, de fato, apresenta potencial para se desenvolver nestes segmentos e tem se estruturando a partir de pequenas ações públicas e privadas (MTUR *apud* GOMES, 2016, p.21).

O projeto Tour da Experiência trabalhou com cinco das 13 cidades que constituem a região do Café, a seleção desses municípios utilizou como base o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - Pólo Serra (PDITS), que apresenta quatro destas cidades como cidades prioritárias ao desenvolvimento do turismo no território fluminenses, são elas: Barra do Piraí, Valença, Rio das Flores e Vassouras, Piraí.

Participaram do projeto na região do Vale do Café 21 estabelecimentos, sendo constituídos por hotéis, restaurantes, lojas de artesanato e algumas antigas fazendas de produção de café. Dentro deste quantitativo, apenas 18 empreendimentos chegaram até o final do projeto recebendo assim o certificado (Selo Tour da Experiência) no ano de 2015. Três dos 21 estabelecimentos não foram certificados porque as empresas não se enquadraram nas ações da proposta do projeto, como a rotatividade de funcionários e por não apresentarem um produto “único”. E existem apenas 5 estabelecimentos com o Selo Tour da Experiência em Vassouras, os quais serão trabalhados nesta pesquisa.

1.4. Turismo em Vassouras

Segundo o Ministério do Turismo (2014) uma região é caracterizada como turística quando "o espaço geográfico apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de serem articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão". (MTUR, 2004, p. 65)

Vassouras é considerada a principal cidade do período do “Ciclo do Café” e é reconhecida como cidade turística por lei estadual nº 818 de 1984, o qual lhe atribuiu o título de “Estância Turística” e se destaca atualmente, de acordo com os dados coletados no site da prefeitura de Vassouras, pelos monumentos, fachadas, palacetes e casarões que marcam o período de opulência da época do café e mantêm parte das tradições de séculos passados vivenciados através da ambientação, como nas fazendas da região que abrigam vários artefatos conservados sobre o mesmo período histórico.

Para Borges (2017), com base na lei orgânica e plano participativo do município de Vassouras, as atividades turísticas devem ser consideradas como incentivadoras do desenvolvimento socioeconômico local ao promover as atividades em todos os espaços do município, urbanos e rurais. O autor diz que:

Conforme sua lei orgânica municipal e plano participativo (2007), o município deve promover a integração e a complementaridade entre as atividades urbanas e rurais, tendo em vista o desenvolvimento socioeconômico, priorizando o Turismo como indutor e facilitador dessa complementaridade; garantir que o licenciamento de empreendimentos ou atividades com efeitos potencialmente negativos sobre o meio

ambiente natural ou construído, o conforto ou a segurança da população observe, não só a ampla análise do Poder Público como também a audiência e deliberação por parte da população interessada através dos mecanismos de gestão democrática da cidade e promover a proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído do Município, do seu patrimônio natural, cultural, histórico, paisagístico, arquitetônico e arqueológico, se estes forem identificados. (BORGES, 2017, p. 51)

A inserção do fenômeno turístico na região foi em razão do aspecto rural que a mesma possui. O segmento do turismo rural na região do Vale do Café é praticado na localidade devido não só aos patrimônios e símbolos de história e memória relacionado à época do Brasil Império, período o qual relembra a monocultura do café, que utilizavam os campos onde aconteciam a produção das atividades cafeeiras, as fazendas, a arquitetura das casas grandes e os utensílios, entre outros, mas por ter elementos característicos do meio rural, como retrata Borges (2017):

Comumente os proprietários de empreendimentos do segmento de turismo rural não possuem vínculo com o espaço rural, fazendo uso de instalações que antes possuíam cunho rural, mas foram adaptadas para se tornar meios de hospedagem, por exemplo. Isso não significa que deixariam de se enquadrar no segmento de turismo rural, pois ainda assim, usam os hábitos e tradições rurais como diretrizes do empreendimento. (SILVA, 1998 *apud* BORGES, 2017, p. 25)

De acordo com Borges (2017) o turista que busca usufruir do turismo no espaço rural, não necessariamente deseja realizar atividades com vivência no campo, mas sim das atividades pertinentes a outras relações que acontecem nesse espaço, como o cultural. Assim, destaca-se que na cidade de Vassouras, o segmento do turismo rural é presente, como também há ligação com segmento do turismo cultural, razão pela qual faz parte dos municípios que integram a região do Vale do Café, e por ter sido considerada por volta de 1860 umas das principais cidades do Brasil que produziam café.

Segundo o *site* da prefeitura Municipal de Vassouras (2018) a cidade possui mais de 20 atrativos turísticos. Como exemplo, o museu Casa da Hera, o monumento Manoel Congo, as fazendas históricas como Santa Eufrásia, o hotel-fazenda Galo Vermelho, a Igreja Matriz, o mirante Imperial de Vassouras, a praça Barão de Campo Belo, entre outros.

Vassouras está inserida entre os municípios que oferecem e praticam o Projeto Tour da Experiência - Caminhos dos Brasil Imperial. Os estabelecimentos na cidade que conseguiram alcançar as metas estabelecidas pelo SEBRAE e assim contemplados com a certificação do selo Tour da Experiência, foram apenas 5 (quadro 4) que trabalham com 5 produtos/serviços a partir da proposta inovadora estipulada pelo IMB e o PEE, conforme já abordado no "Plano de Inovação" (quadro 2, p.29).

Quadro 4: Estabelecimentos e produtos certificados

| | |
|-------------------------------|--|
| Fazenda Santa Eufrásia | <i>Pic Nic</i> na fazenda Santa Eufrásia |
| Mara Palace Hotel | Chá com Eufrásia Teixeira Leite |
| Hotel Santa Amália | A Cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo – Raízes do Brasil Imperial |

| | |
|---------------------------------|--|
| Botequim Por Acaso | Raízes e Viagens por um Brasil Imperial |
| Fazenda Cachoeira grande | Visita Histórica e Visita ao Museu de Carros Antigos |

Fonte: Gomes, 2016

A apresentação do quadro 4 contribui para especificar os estabelecimentos e produtos trabalhados que fazem parte do projeto Tour da Experiência em Vassouras. Nos subitens abaixo será descrito a história e a localização dos estabelecimentos, como os produtos acontecem, o tipo de experiência que está sendo ofertada, os aspectos arquitetônicos que demonstram e relembram o período imperial, os valores cobrados aos visitantes e a periodicidade que acontecem as atividades, ou seja, todas as informações pertinentes que compõe a atividade turística.

Fazenda Santa Eufrásia



Figura 3: Fazenda Santa Eufrásia e suas características Fonte: Portal Vale do Café (2018)

A Fazenda Santa Eufrásia foi construída em 1830, está localizada entre duas importantes vias, a BR-393 (trecho entre Vassouras e Barra do Piraí) e a RJ-127 (trecho entre Vassouras e Mendes), sendo a única fazenda particular tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN no Vale do Café, desde 1970 de acordo com a site *The Intercept*, e é uma das construções históricas mais importantes da área. Seu acervo é composto por mobiliário e utensílios autênticos do século XIX, como louças e objetos comuns referentes à época, entre eles se destacam a liteira (utilizada na coleta do leite na atuava na produção de queijos e derivados na fazenda) e as carruagens.

A fazenda foi originalmente produtora de café e em 1905 e foi vendida ao Coronel Horácio Lemos, o bisavô de Elizabeth Dolson (vestida de sinhá na figura 2), atual proprietária da fazenda. O Coronel queimou o cafezal, a fim de implantar em suas terras, a criação de gado bovino chegando a exportar carne para a Europa. Com a Elizabeth sendo uma de suas descendentes e dona da propriedade, retornou na localidade uma pequena produção de café e ampliou para a atividade turística, envolvendo visitação, em sua residência.

Atualmente, existem na fazenda a casa principal e um anexo (garagem, depósito etc.) e de acordo com a pesquisa Caminhos Singulares, supervisionada pelo INEPAC em 2003, ao fundo da propriedade ficavam as construções do engenho, tulha e senzala, cujo local está demarcado por um estreito trecho em pedra. No interior, encontra-se importante acervo

composto por mobiliário, louças e objetos comuns a uma casa do século XIX, e ainda compõem o acervo tombado, o bosque e a represa, essa criada para mover a roda d'água do antigo engenho.

Por estes aspectos históricos, a fazenda recebeu um selo do Projeto Tour da Experiência, trabalhando com o produto/serviços de inovação destinado a feitura de um piquenique, hábito que chegou ao Brasil no reinado de D. Pedro II. As atividades, com a finalidade de promover visitas para o turista, centraram-se num resgate histórico a respeito da produção de café que existia na fazenda e que era importante no período imperial, dispendo aos seus visitantes um lanche no final da visita e a possibilidade de desfrutar do café colhido na própria propriedade em uma pequena loja de antiguidades.

Para realização da atividade é necessário o agendamento de um grupo com no mínimo 15 pessoas (Gomes, 2016). A visita começa a partir dos jardins da Fazenda, logo na entrada, com a recepção da guia de turismo caracterizada com vestimentas que lembravam as "Sinhás" na época do império, e com frases de entonações que expressam estar sozinha porque as "mucamas" estavam de folga. Os turistas, após a apresentação, recebem uma cesta que servirá para o piquenique (produto ofertado pelo estabelecimento) com frutas, bolos, sucos, entre outros. A ambientação pela propriedade se inicia pelos campos da fazenda, onde a guia de turismo "Sinhá" narra a história da colheita e produção de café que aconteciam ali; posteriormente, apresenta-se ao turista uma pequena área a qual a fazenda destinou para representar a colheita do café, onde o turista pode colher e comprar os grãos. Após realizar a visita na parte externa da fazenda, a guia-sinhá apresenta a arquitetura, os utensílios, os sabores e os costumes da casa grande que lembravam o período imperial brasileiro.

Entretanto, a Fazenda Santa Eufrásia se encontra temporariamente fechada para visita devido a uma interdição jurídica realizada pelo Ministério Público Federal (MPF) após uma reportagem do *The Intercept Brasil* em dezembro de 2016 questionando as atividades turísticas desenvolvidas na fazenda, pois segundo o periódico, estava sendo reproduzidos atos racistas nos tours ofertados, como exemplo a própria visita que a fazenda realizava, por usar pessoas negras como guia para reproduzir o período da escravidão. No *site* (2018) disponibilizado pela fazenda, consta um comunicado informando que a visita está suspensa devido à uma obra de restauração do local.



Figura 4: Funcionários vestidos de escravos. Fonte: Site Foco Regional (2018)

A atuação do MPF na propriedade resultou na elaboração do TAC- Termo de Ajustamento de Conduta, assinado respectivamente no dia 6 de maio de 2017 pela Elizabeth Dolson (proprietária da fazenda) e os responsáveis pelo MPF. O TAC serviu como instrumento para sensibilizar à população e aos estabelecimentos do Tour da Experiência sobre uma nova maneira de praticar o turismo de memória na região.

Mara Palace Hotel

O Hotel Mara Palace é um hotel que apresenta características do período imperial. Compreende um dos 5 estabelecimentos credenciados pelo projeto Tour da Experiência no município de Vassouras, e um dos 21 empreendimentos da região do Vale do Café.

Considerado pela comunidade de Vassouras como sendo um dos mais tradicionais da cidade, o hotel foi construído a partir de 1870, quando o Comendador Antônio Carlos Teixeira Leite, oriundo de uma família de abastados cafeicultores fluminenses, a chamada aristocracia cafeeira do Vale do Paraíba, ordenou que construíssem um palacete, hoje conhecido onde se situa como Mara Palace Hotel, localizado no centro histórico de Vassouras.



Figura 5: Chá Com Eufrásia Fonte: Portal do Vale do Café (2018)

O centro histórico de Vassouras onde se situa o Hotel é uma localização privilegiada, pois apresenta elementos arquitetônicos históricos, tendo o principal eixo do centro, a Rua Barão de Vassouras, tombada pelo IPHAN, desde 1958. Segundo o site Mara Palace (2018), o hotel faz parte do conjunto histórico urbanístico e paisagístico do município, encontra-se próximo da antiga Estação Ferroviária, das casas do Barão de Massambará e de Vassouras, da Câmara Municipal e do Paço Municipal.

O produto elaborado pelo Hotel Mara Palace, para se adequar ao projeto Tour da Experiência e certificado pelo Selo é o “Chá com Eufrásia”. Eufrásia é uma figura famosa na região devido ao passado histórico da sua família, que eram proprietários de terras e de café. O serviço/produto certificado oferecido ao turista traz características da época Belle Époque francesa, como a música e a culinária, como bolos, chás, biscoitos amanteigados, entre outros.

Para que a experiência possa ser compartilhada é necessário que haja um agendamento de no mínimo trinta pessoas, sendo o valor cobrado para cada um R\$80,00. E para que haja familiarização com a história e a experiência do “Chá”, recomenda-se que o grupo realize a visita anteriormente à Casa da Hera, local onde é contextualizada a história de Eufrásia por historiadores e guia de turismo especializados. (GOMES, 2016, p. 99)

Hotel Santa Amália



Figura 6: Cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo. Fonte: Portal do Vale do Café (2018)

No hotel Santa Amália, o produto certificado é elaborado com base na ambientação da propriedade ressaltando aos turistas os aspectos ali existentes do século XIX, na conjuntura do Brasil Imperial, como receitas típicas, danças e costumes.

São recebidos por mucamas do século XIX que contará histórias dos negros e nobres do ciclo histórico do café ao mesmo tempo que são servidos aperitivos de receitas típicas. Com apenas tochas iluminando o ambiente, um grupo de maculelê e jongo faz apresentação para os convidados. O jantar temático acontece no salão, servido por garçons vestidos de escravos africanos. (PORTAL VALE DO CAFÉ, 2018)

Os hóspedes ou turistas que chegam na localidade, pois a visitação é aberta ao público que queira desfrutar desses elementos, são recebidos por funcionárias do estabelecimento com vestimentas que relembram as "mucamas" do passado. (Portal Vale do Café, 2018)

O Batuque do Quilombo é uma forma de destacar as manifestações, que são importantes e relevantes na região, tais como o maculelê, o jongo e a capoeira. São oferecidos também a comida típica quilombola, feita com alguns alimentos que eram utilizados pelos negros escravizados.

No hotel este produto é servido com aspectos de um Coquetel, onde se junta a gastronomia, a dança e a música num único espaço para que o turista desfrute e desperte emoções únicas fazendo parte de um resgate cultural. No banquete gastronômico o cardápio é enriquecido com os pratos como feijão, couve, cachaça, banana, carne seca, típicos da fazenda; posteriormente, no restaurante (outro ambiente do hotel), os pratos se resumem a parte da "cozinha da baronesa". (GOMES, 2016)

Na parte externa, há apresentações de grupos da região que dançam capoeira, o jongo e o maculelê. Segundo Gomes (2016) essas encenações não são contextualizadas ao conteúdo, aos relatos e aos contos sobre a importância daqueles elementos, e os significados que representavam para a população negra na época do período imperial.

Cabe ressaltar, primordialmente, que esse produto elaborado, credenciado e chancelado pelo Sebrae em conjunto com o Hotel Santa Amália, acontece entre duas ou três vezes ao ano, devido a necessidade do planejamento, marketing promocional e a adequação dentro do calendário festivo da região. (GOMES, 2016, p. 97)

Botequim Por Acaso



Figura 7: Raízes e Viagens por um Brasil Imperial Fonte: Portal do Vale do Café (2018)

Segundo o Portal Vale do Café (2018), o Botequim Por Acaso "formulou um cardápio com elementos da dieta alimentar dos indígenas, africanos e tropeiros. "Raízes e Viagens por um Brasil Imperial" explora a gastronomia do Brasil Império através das influências herdadas desses povos." (PORTAL DO VALE DO CAFÉ, 2018)

De acordo com Gomes (2016) o produto trabalhado pelo empreendimento, sendo o único estabelecimento dentre os 5 certificados com o Selo Tour da Experiência em Vassouras, que utiliza elementos na culinária com aspectos regionais e étnicos. Isso denota um diferencial sobre os demais produtos por não apresentar os costumes da classe dominante da época, formada pela nobreza, proprietários de terra e de escravos, e os grandes comerciantes de café.

Fazenda Cachoeira Grande



Figura 8: Fazenda Cachoeira Grande Fonte: Portal do Vale do Café (2018)

A história da fazenda Cachoeira Grande começa no ano de 1824, quando foi construída e pertencia ao Barão de Vassouras, um dos mais importantes produtores de café da região. Atualmente são realizadas visitas à propriedade, a qual se encontra restaurada e decorada com utensílios de antiquários mantendo o cenário ainda nostálgico do período do Império Brasileiro.

A visitação à fazenda aberta ao turista acontece em dois horários que são as 11h e às 15hs diariamente e com guias de turismo bilíngues, que falam além do português, idiomas como inglês, espanhol ou francês, cabendo ressaltar que as visitas guiadas só foram disponibilizadas pela propriedade (ideia vindo do SEBRAE) no período da copa do mundo e das olimpíadas que aconteciam no Brasil. (Gomes *apud* BORGES, 2017)

De acordo com Gomes (2016), a visitação custa cerca de R\$70,00. O tour pela fazenda começa no jardim com o guia narrando a história do surgimento da propriedade, sobre a produção de café, o declínio da atividade cafeeira, até alcançar a sede da fazenda - a casa grande, que atualmente está mobilhada com os artigos de antiquários, pois a fazenda tinha sido comprada com danos estruturais e os objetos antigos que faziam parte da antiga sede foram saqueados.

O produto certificado pelo SEBRAE no estabelecimento é o "Banquete Imperial", que proporciona ao turista uma atividade que reúne a música clássica, como representada nos jantares da nobreza, os convidados são recepcionados por funcionários vestidos de negros escravizados.

Entretanto, o Banquete Imperial só foi realizado uma vez até a atual data, pois Gomes (*apud* Borges, 2017) ao entrevistar um funcionário local, alegou que a produção do banquete era caro, e só podendo ser realizada mediante agendamento de grupos com no mínimo 20 pessoas, e o valor do Banquete varia na faixa de sete mil reais.

Os produtos certificados e trabalhados pelos estabelecimentos do município de Vassouras, de acordo com a proposta do Tour da Experiência, são permeados de elementos como a memória, história e identidade, cuja centralidade está na atividade do café e no período do império, sendo apropriados para atender um mercado a partir de uma nova experiência. Assim um questionamento pode ser feito: que tipo de conteúdo e qual história está sendo promovida e reproduzida através deste projeto?

Que tipo de experiências está sendo contada nesse turismo na cidade de Vassouras, qual o objetivo de selecionar e transformar em produtos/serviços elementos históricos do período imperial brasileiro de forma trivial? Por que e como o contexto histórico-cultural, memória e identidade afro-brasileira do período destacado estão sendo utilizados sob uma única narrativa, cujo sujeito é a nobreza? Qual experiência está sendo incentivada, promovida, chancelada e intermediada pelo poder público e demais agentes executores responsáveis?

No próximo capítulo será realizado um estudo detalhado, através de perspectivas conceituais e teóricas, de como o racismo pode ser enxergado e reproduzido na prática destas visitas nos estabelecimentos credenciados pelo projeto Tour da Experiência em Vassouras, discutiremos também como a valorização da história, memória e identidade do povo negro pode ser utilizada no turismo de memória de forma ética, na medida em que as atividades turísticas tem uma faceta pedagógica e podem (e devem) ser instrumentos de valorização da cultura de todos os grupos sociais envolvidos nesses produtos/destinos mobilizados pelo turismo.

CAPÍTULO II

Memória e Identidade Negra em Vassouras

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

(Trecho do samba-enredo de 2019 da Mangueira)

O samba enredo da Estação Primeira de Mangueira, campeã do carnaval do Rio de Janeiro de 2019, traz uma reflexão da qual faz parte este capítulo, principalmente no que tange a importância da desconstrução das imagens dos heróis emoldurados pela história hegemônica, porque é a mais popular, quase senso comum, como a dos barões de café (a elite cafeeira) e a monarquia, além da necessidade de ressaltar a história que não está devidamente dimensionada e inserida nos livros didáticos, aquela voltada à imagem dos negros e índios como heróis nacionais e resistentes, na luta pela liberdade e na construção do Brasil em todos os seus aspectos, sejam os culturais e sociais ou econômicos.

Neste capítulo busca-se trazer a história do negro como protagonista nacional, contando a história que foge do senso comum, valorizando a memória e identidade desse povo. Dividido em três partes, cujo primeiro tópico está relacionado à história do município de Vassouras, visto enquanto cidade dos barões do café, passando pelas fazendas cafeeiras e apresentando as culturas e tradições herdadas da monarquia imperial brasileira, destacando como a cidade conserva o estereótipo glamouroso e refinado dos tempos do Império; o segundo tópico aborda a história do negro na construção da cidade e sua influência cultural e identitária na região, narrativas que são silenciadas, buscando trazer esse contraponto com a cidade dos barões e a cidade que a história não conta; por último, no terceiro tópico é feita uma análise trazendo o objetivo principal do capítulo, que é a discussão sobre a memória e identidade para pensar a imagem dessa população, na intenção de correlacionar as narrativas e as imagens que são reproduzidas nos tours do Projeto Tour da Experiência em Vassouras.

De acordo com Oliveira (2015), traçar uma revisão historiográfica do período imperial brasileiro, que abrange tanto a história dos barões como a escravidão, tende a proporcionar uma reflexão sobre a identidade nacional e a diversidade cultural de acordo com a formação do território, para tanto é necessário destacar a importância da memória e a formação dos patrimônios culturais do Vale do Paraíba, como as fazendas com suas casas grandes que materializam a representação de uma herança do Império Brasileiro e a expansão do cultivo do café, como também a ascensão política e econômica de uma classe senhorial formadora de uma hierarquia social pautada na propriedade de terras, escravos e títulos de nobreza.

O desenvolvimento da discussão ao longo do capítulo levará em consideração que a tradição historiográfica atribui à cidade de Vassouras uma identidade imperial, na qual se evidenciam alguns aspectos de poder da sociedade escravocrata do século XIX, pois nesse momento em que se desenvolveu o prestígio dessa aristocracia, que teve sua proeminência

econômica, social e política procedente, sobretudo, da agricultura cafeeira baseada no regime servil, apenas uma faceta desse processo é ressaltado; o tópico seguinte apresentará uma história que é vista como hegemônica/popular (no sentido de senso comum) onde a nobreza em suas luxuosas residências em Vassouras é /foi a protagonista, reproduzindo como memórias, sua identidade, ou seja, a narrativa dessa faceta, deixando de lado as demais perspectivas.

2.1. Vassouras como a Cidade dos Barões

De acordo com Renan Vinicius, prefeito de Vassouras no ano de 2013, o município de Vassouras, assim como os outros que integram a região do Vale do Café, é detentora de um patrimônio histórico, material e imaterial, que retrata um período que muito contribuiu para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil. Como aborda Oliveira (2015, p.4) cabe ressaltar que ao se referir aos bens culturais como patrimônios materiais e imateriais, como são os casos existentes no município, busca-se associar a uma memória formalizada num processo institucional, oficial do patrimônio cultural brasileiro.

Vassouras possui um conjunto de bens como suntuosos palacetes, casarões e fazendas que pertenceram aos barões do café, além de outras construções imponentes de época, o estilo de vida destacando a riqueza daquele período e retratando a importância econômica da região para o Brasil como produto da grande produção de café. Ao definirmos patrimônio material e imaterial, utilizamos Chuva (2012) para destacar

A divisão entre patrimônio material e imaterial é, conceitualmente, enganosa, posto que qualquer intervenção na materialidade de um bem cultural provocará modificações na sua imaterialidade. Além disso, essa divisão artificial implica uma política institucional que promove uma distribuição desigual de recursos. (CHUVA, 2012, p.162)

Ao pensarmos sobre essa divisão entre material e imaterial, que na prática refere-se ao valor, já que patrimônio está ligado ao processo de valorização feito pela sociedade através do Estado, ressaltamos que apenas a uma parte da população de Vassouras no período imperial brasileiro está sendo retratada, retoma-se a premissa da riqueza senhorial em razão primeiramente da importância do município no ciclo econômico brasileiro devido à grande produção cafeeira.

A gênese da história da região da cidade de Vassouras, está diretamente ligada à distribuição de terras de sesmarias. Segundo Fridman (2008, p. 29) nos períodos colonial e imperial a menor divisão territorial e da administração pública era formada por freguesias e sesmarias.

Ocorreram a partir do século XVIII, em razão do plano regional e urbano para o "sertão do oeste" conquistado dos índios coroados e puris, dando início à ocupação "serra acima" através da abertura de caminhos, da doação de sesmarias, da instalação de postos de fiscalização e do estabelecimento de freguesias e vilas. (FRIDMAN, 2008 p. 28)

A cidade de Vassouras, tem sua formação em razão do desmembramento da grande Fazenda das Vassouras, esta conhecida em alguns documentos como Bassura, que compõem a Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito, de propriedade dos açorianos Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo, sendo esse território ocupados por índios aldeados primeiramente, posteriormente por negros escravizados e por grandes fazendeiros, como José Teixeira Leite, agraciado com o título de Barão de Vassouras

Antes de receber o nome de Vassouras e ter seu território delimitado, pesquisadores como Fridman (2008) e Monteiro (2012) destacam na história do município a doação de 360 braças de testada pelo o Guarda-Mor José Teixeira Gomes e sua mulher Ana Maria do Espírito Santo, para a construção da Estrada que margeava o Rio das Mortes (atual distrito de Barão de Vassouras), para a formação do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, que seria o núcleo urbano da futura Vila de Vassouras. Os marcos divisórios da Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito foram verificados por Juiz das Sesmarias da Corte e da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e Cavaleiro da Ordem de Cristo (MONTEIRO, 2012)

Monteiro (2012, p. 31) explica como ocorreu o processo de reconhecimento das divisões territoriais da Sesmaria de Vassouras e o processo de afirmação que só se concretizou em 1836:

O Guarda-Mor, João Teixeira Gomes e outros herdeiros de Luiz Homem de Azevedo, de Fellis Rodrigues Alves e de seu filho Francisco Rodrigues Alves, solicitaram, em 1818, ao Juiz das Sesmarias da Corte e Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e Cavaleiro da Ordem de Cristo, Dr. Manoel Rodrigues Pacheco e Moraes, a abertura de uma ação judicial de medição, demarcação e aviventação dos marcos e rumos da referida sesmaria. Sendo deferida uma nova demarcação, de acordo com a certidão de 1786, o processo se desenrolou até o ano de 1836. O que se verifica é que ao longo de 18 anos, o conflito pela posse da terra, ultrapassou inclusive a criação da vila de Vassouras. Em 1833, esta era uma pequena parte permutada da então Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito. (MONTEIRO, 2012, p.31)

Para Fridman (2008), a capela Nossa Senhora da Conceição, foi construída na Roça da Conceição do Alferes da Serra Acima, sagrada freguesia em 1755 por Francisco Tavares. As chamadas freguesias, eram as menores divisões territoriais e de administração pública que tinham em sua constituição o mínimo dez famílias (ou fogos) às quais era prestada assistência material e espiritual em troca de submissão à hierarquia católica e do Estado, nos períodos colonial e imperial. (LIRA, 2000; SILVA e LINHARES, 1995 *apud* FRIDMAN, 2008, p.).

A ideia de formação de freguesias no século XVIII, a Portugal, o qual suas instalações dependiam das terras doadas pelos poderosos proprietários de terras, considerando uma forma de dominação e poder político, econômico e social. (OMEGNA, 1971 *apud* FRIDMAN, 2008, p.29)

Em 1790, devido a presença de povos indígenas aos arredores que intimidavam os moradores de Sacra Família do Tinguá e de Paty do Alferes, foi feita uma ordem real que determinou o deslocamento dos gentios para a aldeia de Nossa Senhora da Glória de Valença e foram criadas as freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras na propriedade de Francisco José Teixeira Leite, posteriormente foi criada a freguesia de Santa Cruz de Mendes em terras da Imperial Fazenda de Santa Cruz e a de Sant'Anna das Palmeiras na grande gleba do coronel Ambrósio de Souza Coutinho.

Em 1795, a freguesia de Nossa Senhora da Conceição, possuía em seu povoado cerca de 1.230 pessoas em 120 fogos, dispondo também de engenhos de açúcar, aguardente e inúmeras lavouras. Considerando que nesses territórios, além da construção de engenhos de açúcar e alambiques, possuíam roças de gêneros para subsistência e da criação de bois, cavalos e porco e posteriormente, ao longo das veredas, assentaram-se ranchos com estalagens para os tropeiros e postos de fiscalização do ouro. (FRIDMAN, 2008).

Após a independência, o país se organizaria política administrativamente em municípios, aquelas terras ficariam em um município cuja sede seria Vassouras e Paty que até então era a vila mais próspera perderia a centralidade administrativa. Com o decreto, no período

da Regência, estabelecido em 15 de janeiro de 1833, pelo ministro da Justiça Honório Hermeto Carneiro Leão, futuro marquês do Paraná e de família proprietária de extensas terras no Vale do Paraíba, sugeriu à Câmara Municipal de Paty do Alferes a sua mudança para Vassouras e criou a Vila de Vassouras e retirando de Paty do Alferes a sede do novo município. (FRIDMAN, 2008)

O termo da cidade de Vassouras incluiu as freguesias de Sacra Família, parte de Paty do Alferes e posteriormente a de Santa Cruz dos Mendes. Vassouras era então um pequeno arraial, erguida na propriedade de Francisco José Teixeira Leite, o barão de Vassouras, por onde passavam a Estrada da Polícia e um ramo da Estrada do Comércio, e nascido de um pouso para tropeiros com uma centena de fogos, a capela mor da igreja matriz e 700 habitantes, incluindo os índios aldeados (TAUNAY, 1939, vol.2 *apud* FRIDMAN, p. 32).

Segundo a autora (2008, p. 32), o rápido crescimento dessa vila que ainda não era “dos barões”, possuía em 1836, 1.300 casas, pode ser avaliada pela atração que exercia nos estrangeiros tais como agricultores alemães, artífices portugueses e franceses (carpinteiros, pedreiros, marceneiros, pintores, oleiros e ferreiros) e mascates portugueses e italianos.

Os pobres da cidade, dentre eles considerando os negros escravizados fugidos e/ou alforriados, viviam nos arredores de Vassouras. Esses arredores eram conhecidos pelos locais como pequenas aldeias da “periferia” urbana - exemplo o “Valão Português” e o povoado de Ferreiros, esse último associado a um pelourinho, denotando uma segregação socioespacial. Há referências a uma forte seca em 1836 que fez a população rural faminta invadir Vassouras e à greve de operários estrangeiros em 1864 (RAPOSO, 1978 *apud* FRIDMAN, 2008).

Segundo Fridman (2006) a formação territorial de Vassouras foi reflexo da conquista das terras, do cativeiro de africanos e indígenas, da exploração de trabalhadores livres e de uma política colonizadora implementada pela metrópole portuguesa e depois o cultivo de café. Desta forma, por volta do final da década de 1840 a cidade de Vassouras desenvolveu-se por meio dos melhoramentos urbanos e economia regional. O vínculo crescente da economia regional cafeeira se reforça ao quantitativo de força de trabalho escrava, que chegava à 7.863 negros escravizados e 2.310 negros considerados livres, atuantes nas lavouras e cafezais da cidade, no ano de 1840.

Segundo Rodrigues (2015, p.181), o município de Vassouras no século XIX tornou-se um grande centro produtor de café, sendo uma das mais ricas cidades do estado do Rio de Janeiro. A autora repete a análise de Stanley Stein (1990) sobre Vassouras, afirmando que “a fazenda de café de meados do século XIX era a base da economia nacional: seu núcleo político, econômico e social”. (STEIN, 1990, p. 13 *apud* RODRIGUES, 2015, p.181).

Mariana Muaze (2008, p.303), destaca que a comercialização do café não foi a única responsável pelas fortunas erguidas da região. Comércio como o tráfico de escravos, mineração, cana de açúcar, ouro e empréstimos de dinheiro a juros realizado por muitos patriarcas contribuíram também na construção do local, além de criarem uma identidade da cidade e memórias enraizadas e associadas à elite da época.

De acordo com os autores, pode-se afirmar que a cidade de Vassouras era o principal polo de desenvolvimento econômico do país, através do comércio da produção e exportação de café que acontecia nas grandes fazendas da região. Como destaca Oliveira (2015, p.6), diversas fazendas cafeeicultoras da região do Vale do Paraíba se desenvolveram e integraram a principal atividade econômica do país.

A produção de café, além de ser a principal atividade econômica da região, influenciou também os aspectos sociais e culturais daquela sociedade, pois ao enriquecer um grupo social, valorizou os atributos desse grupo em detrimento dos demais. Tidos como conservadores e

aristocráticos os Barões de Café representavam a ideia de uma identidade local, que segundo Rodrigues (2015) destaca como sendo movida pelo poder, proeminência social, riqueza e política de sua elite rural aristocrática. (RODRIGUES, 2015, p.182)

Na visão de Salles (2008), Vassouras foi uma das principais áreas dessa primeira fase de expansão do ciclo cafeeiro e se afirmou como principal centro urbano de referência da cultura e do modo de vida senhorial. Como afirmação desse estilo de vida, os grandes barões, proprietários vassourenses que também possuíam casas e diversas outras propriedades, inclusive na Corte (cidade do Rio de Janeiro), onde se inspiravam para construir modelos de civilidade e ostentar sua pujança econômica e seus refinamentos, não só levaram para as grandes casas em Vassouras itens de decoração, entre eles pianos, caixas de música, grandes espelhos emoldurados, candelabros de bronze e de ouro, como passaram a realizar encontros como saraus e bailes, para reunir os nobres e fortalecer os laços econômicos. (SALLES, 2008, p. 146)

Na afirmação de uma identidade local, a cidade de Vassouras está ligada à preservação do estilo de vida e as histórias dos Barões. Essa identidade se reforça através dos laços de sociabilidades construídos pelo grupo, que Knauss (1988) denominou de imaginária urbana, visto que materializaram também em equipamentos e móveis essa distinção social, tendendo a estabelecer o sentido de representação e expressão de uma relação simbólica, delimitada de acordo com o período histórico e territorial, promovendo personalidades, eventos e temas predominantes, como exemplo a reprodução de um passado histórico, personagens, monumentos, entre outros.

Em Vassouras, a ideia de imaginária urbana está associada ao período imperial brasileiro, valorizando os barões, os palacetes, assim como produzindo um cenário escravocrata, personificando a cidade como ela foi no período destacado

A imaginária urbana de caráter histórico e artístico pode ser considerada uma unidade de significantes, um suporte de mensagem no contexto da sintaxe urbana. Como inscrição na paisagem edificada, ela participa de uma estrutura de significação do território da cidade, operando uma articulação entre a ordem espacial e a ordem temporal, revelando conteúdos históricos acerca da sociedade. (KNAUSS, 1988 *apud* RODRIGUES, 2015, p. 182)

Rodrigues (2015, p. 183) ratificando o estudo de Knauss (1988) considera que a presença de elementos e imagens em espaços citadinos despertam a construção de memórias, sendo elas coletivas ou individuais, e por conseguinte a identidade de um grupo étnico social ou de toda a comunidade. A cidade de Vassouras tem essa propriedade, de ser conhecida popularmente como a cidade dos Barões devido a presença dos principais proprietários de terra e cafeicultores e a forte influência da Corte na região, como símbolos e construções que remetem à nobreza Imperial, sejam os palacetes ou casarões, que assume uma posição de vanguarda no movimento de disseminação das imagens urbanas de caráter histórico nos centros públicos.

As imagens urbanas como emblemas da cidade, instauram no plano simbólico a identidade urbana da cidade. Como metáforas de poder, as imagens urbanas se tornam instrumentos do poder simbólico, sacralizando e legitimando a ordem social vigente e as estruturas de poder da sociedade. A imaginária urbana afirma, então, a cidade como espaço de poder simbólico. (KNAUSS, 1998, 221-222)

Ao pensarmos sobre essa imagem urbana como promotora de símbolo de identidade coletiva, essa imagem pode ser formada através de uma narrativa histórica, como destaca

Maurice Halbwachs (2006) e enfatizado por Pollak (1989) quando dizem sobre a formação da memória nacional, que está associada a presença de uma memória hegemônica, que está sob tensão com as memórias subterrâneas.

Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 2)

A construção da memória nacional se dá através do enquadramento da memória, como trabalhado por Pollak (1989), que é uma forma de construção que se alimenta do material fornecido pela história. A memória nacional se funda e se consolida nos símbolos históricos de um passado, como exemplo a própria cidade de Vassouras. Os pontos de referência de uma época longínqua que frequentemente são lembrados se integram em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente incluídos num fundo cultural comum a toda a humanidade, entrelaçando as memórias individuais e coletivas no presente.

Como exemplo, em Vassouras, essa memória nacional se construiu a partir dos costumes da classe dominante e foi adotada pelo Estado no período imperial porque eles estavam dentro do próprio estado e a disseminaram como única, transformando em uma unidade nacional e conseqüentemente se apresentando popularmente como uma memória oficial.

Rodrigues (2015, p. 185) traz a reflexão de que a construção da memória nacional incorpora também “o simbolismo” de poder do Estado utilizado estrategicamente pela classe dominante, como as imagens urbanas escultóricas, ícones, objetos de culto, museus, bandeira nacional, heróis nacionais, como única narrativa possível de exaltação de uma parte do passado oficial brasileiro.

Podemos dizer, então, que a construção da memória se projeta enquanto expressão de poder simbólico do Estado, traço significativo afirmado pelo erguimento e pela promoção das imagens urbanas nos espaços públicos das cidades, que teve início ainda no final do século XIX, e se consolidou nas oito décadas que se seguiram o século XX. (RODRIGUES, 2015, p. 185)

Salles (2008) analisando a imagem de Vassouras, a partir do contexto histórico da formação da classe senhorial na cidade, nos informa que a mesma se desenvolveu com base em uma hierarquização que acabou por configurar o território social e simbólico do local, como a presença influente dos barões, a “civilização”, a província, as fazendas cafeeiculturas, a sociedade aristocrática e as relações raciais, aquelas estabelecidas entre brancos e negros que construíram o ideário do imaginário urbano, voltado à escravidão.

Este território simbólico “o Império é o café e o café é o Vale” tinha representação no ramo que emoldurava o brasão do Império, elementos que expressam, com perfeição, o acontecer histórico da classe senhorial em sua conexão com o latifúndio escravista cafeeicultor da região fluminense, com a Corte e o Estado Imperial. (SALLES, 2008, p.54)

Segundo Oliveira (2015), com base em Muaze (2008), a sociedade imperial tinha sua estrutura ancorada em uma classe senhorial detentora de terras, escravos e prestígios. Assim, esses elementos simbólicos, tornaram-se condicionante para expressar o pertencimento e construir identidades - o Império do Brasil, a nobreza, o Estado, a escravidão como modo de

produção - que passaram a balizar e a conferir estabilidade e solidez às identidades, aos pertencimentos e às práticas sociais mais imediatas e particulares, vivenciadas nos âmbitos local, do grupo de interesses e relações, familiar e do indivíduo. (SALLES, 2008, p. 55)

Assim enfatiza Salles (2008) a respeito de como as identidades e memórias da Corte foram reproduzidas com ar de sofisticação e estilo de vida soberana e de imponência, principalmente em Vassouras:

A partir de 1850, e mais ainda de 1860, começou a mudar o estilo da decoração das casas, onde multiplicaram-se imensas salas de jantar, de receber, de jogos, de baile. Nos inventários começam a surgir referências aos pianos, às caixas de música, aos grandes espelhos de moldura dourada colocados sobre aparadores, a cortinas com guarnições douradas, a lustres e candelabros de bronze com mangas de cristal francês ou de *overlay*. Tais salas eram decoradas com retratos da família imperial e se tornou mesmo moda retratar os membros da própria família em grandes telas a óleo. Saraus e bailes se tornaram frequentes. (SALLES, 2008, p. 55)

A coesão da classe senhorial se encontrava para além do âmbito imediato dos interesses econômicos, regionais, locais e familiares. Ela estava ancorada em sua subordinação política e simbólica ao Estado imperial. Subordinação que conferia a cada uma de suas frações, grupos, famílias e indivíduos um senso de identidade e unidade superiores, além, do apoio efetivo dos recursos administrativos, financeiros, militares e políticos do Estado, sempre que necessário. (SALLES, 2008, p.55)

A instituição monárquica, inicialmente personificada na Coroa e depois na figura do imperador, garantia que esse mesmo Estado, ainda que solidamente ancorado no apoio e no favorecimento de uma fração específica da classe - a dos grandes Barões de Café da região fluminense -, não fosse instrumentalizado diretamente por nenhum grupo ou facção em particular. Do ponto de vista simbólico, essa ideia de que não era instrumentalizado pelos grupos particulares, na prática se contradiz, pois ao mesmo tempo que o estado encobria esses grupos sociais, fortalecia essa parcela social em seus interesses mais amplos e fundamentais.

A formação da classe senhorial como classe dominante consolidou uma ordem hierárquica, em cujo ápice encontravam-se os grandes senhores de escravos, em particular os da província fluminense. Tal ordem, por sua vez, implicou a construção de uma ordem política hierárquica, em cujo topo encontravam-se o imperador e os estadistas imperiais, a nobreza e a “boa sociedade”, condição de manutenção da primeira. (SALLES, 2008, p.55)

Entretanto, cabe afirmar que existem outras leituras do passado da cidade, que podem ser observadas a partir do estudo da imaginária urbana. Essa identidade local exclui uma parte da história fundamental na construção de Vassouras, e como expressa Rodrigues (2015), é possível analisarmos essas outras narrativas, através do estudo da imaginária urbana, como a verificação de elementos que representam a memória social.

Curiosamente, a imaginária urbana de Vassouras consolida-se em torno das figuras relacionadas ao Estado como a dos Barões (assim já citados), os grandes fazendeiros entre outros, que apresentam a cidade como seu espaço. É nesse ambiente, construído socialmente, que a materialização do passado na ótica da imaginária urbana, traz novas referências, “relacionando outras leituras do passado e possibilitando a emergência de memórias, antes, marginalizadas que podem se integrar à própria memória nacional e/ou (re) construí-la.” (RODRIGUES, 2015, p. 155)

Em relação às memórias subterrâneas, ligadas à práticas de um grupo marginalizado no período imperial, e que não estão inseridos nessa identidade nacional traçada por essa memória oficial vislumbrada em Vassouras, segue no próximo tópico a história silenciada, trazendo um

pouco da memória e identidade dos negros escravizados, que foram por muitos séculos oprimidos, submetidos à maltrato, impedidos de manifestar as culturas originárias dos suas respectivas comunidades, visto que trazidos traficados pela classe senhorial (grandes proprietários de terras e “donos de escravos”).

2.2. “A História que a história não conta”: a comunidade negra escravizada em Vassouras durante o Império

Brasil, o teu nome é Dandara

E a tua cara é de cariri

Não veio do céu

Nem das mãos de Isabel

A liberdade é um dragão no mar de Aracati

(Trecho do samba-enredo de 2019 da Mangueira)

Ainda trazendo a discussão proposta pelo samba enredo da Estação Primeira de Mangueira no Carnaval 2019, quando ressalta que existe uma história que não está contada nas páginas dos livros didáticos, no nosso caso aquela voltada à construção social do negro no território do Vale, e enfatizando suas vivências e sua participação na formação territorial e cultural de Vassouras. Exemplos de histórias poucos conhecidas são aquelas que valorizam manifestações culturais como as rodas de jongo, capoeira, maculelê, gastronomia, rituais religiosos, gastronomia, ou a luta de um grupo étnico pela liberdade para além da Abolição, cuja referência é a princesa Isabel

De acordo com Anjos (2013, p. 52), o Brasil entre o período de 1520 e 1850, cerca de 4.000.000 africanos foram retirados de suas comunidades e trazidos para o país em porões de navios negreiros. Ainda afirma que a África, denominada por alguns estudiosos (MUNANGA, 2019; SANTANA JR, 2017) como mãe África por ter sido o continente que influenciou culturalmente outros povos, contribuindo na estruturação e consolidação de diversas manifestações culturais das sociedades de outros continentes nos últimos cinco séculos, particularmente na formação do Novo Mundo, a América. O Brasil é a unidade política contemporânea que registra as maiores estatísticas de importação forçada de negros africanos ao longo dos séculos XVI a XIX. (ANJOS, 2013, p.45)

Segundo Martins (2013, p. 108), cabe primeiramente compreender que os negros trazidos da África não eram um grupo homogêneo, pois a variedade étnica, linguística e cultural do continente Africano era bastante acentuada e sempre rico em diversidades. Pode-se dizer, conforme abordado por Salles (2008), o Brasil diáspora recebeu grandes fluxos do tráfico negreiro que tinha como rotas países como Angola, Moçambique, Guiné, Costa da Mina³ etc.

(...) aproximadamente na década de 1690, as regiões de Angola e de Costa da Mina forneceram escravos para o Brasil. Os provenientes da Costa da Mina se destinaram em especial à Bahia, enquanto que os que vieram de Angola foram localizados na região do Rio de Janeiro. No século XIX, foram exportados para o Atlântico, aproximadamente 3,5 milhões de escravos. (LIMA, 2010, p.4)

³ A Costa da Mina designava o litoral da África Ocidental que se estendia a leste do Castelo de São Jorge da Mina, na atual Gana, incluindo as antigas Costa do Ouro e Costa dos Escravos. Disponível em: <<http://www.costadamina.ufba.br/>> Acesso: junho 2019

Como afirma Anjos (2013):

São “trazidos” para constituir a formação, a expansão e a ocupação efetiva do território brasileiro seres humanos: Minas, Congos, Ombundo, Bacongós, Ovibundos, Monjolos, Balundos, Jejes, Angolas, Anjicos, Lundas, Quetos, Hauças, Fulas, Ijexás, Jalofos, Mandingas, Anagôs, Fons, Ardas, dentre muitos outros, que possibilitaram o que podemos simplesmente denominar afro-brasileiros, brasileiros de matriz africana ou população de ascendência africana. Por exemplo, as populações de matriz africana ou população de ascendência africana. Por exemplo, as populações de matriz Bantu, com origem na África Ocidental, apresenta registros e características relevantes no cotidiano do “Brasil Real”. (ANJOS, 2013, p. 52)

A maioria dos africanos escravizados que foram trazidos para a atual região sudeste do Brasil, entre o século XVIII até meados do século XIX, são oriundos de sociedades de línguas bantu, como a atual Angola, tendo como característica comum – não só com a cultura bantu – como praticamente todas as sociedades africanas, o fato de se estruturarem em torno da família concebida como linhagem, enquanto grupo que traça seu parentesco a partir de ancestrais comum. (SLENES, 2011, p. 151)

A região sudeste tornou-se referência de desenvolvimento durante o império brasileiro, por ser uma região que proporcionou maior produtividade na colheita do café em suas grandes fazendas. Salles (2012) denota que o café estava organizado na fazenda, o grande proprietário, mas antes de tudo, o café como o Império assentava-se na mão de obra escrava. (SALLES, 2012, p. 155)

Segundo Leite (2016), com o “ciclo do café”, produto que chegou ao Brasil por volta da segunda década do século XVIII, tendo as primeiras sementes plantadas nos morros da cidade do Rio de Janeiro, sendo expandido para a região do Vale do Paraíba, encontrando condições favoráveis para o desenvolvimento da produção, à mão de obra escrava competia limpar o terreno, plantar e colher. Após a colheita, deveriam expor o café ao Sol, quando secos deveriam ser batidos com vara ou moídos em pilões. Depois, ainda os negros, deveriam ensacar o café e transportá-los em mulas até os portos de embarque.

Sendo o café intrinsecamente ligado a mão de obra escrava, conforme frase de Salles (2012) “o vale era o escravo”, em Vassouras com a expansão da cultura do café, o número de africanos escravizados que chegaram para trabalhar nas fazendas, entre 1836 à 1850, gerava em torno de 19.000 africanos. Salles (2012) informa que o número de negros escravizados em Vassouras passou a crescer entre 1840 a 1884, onde a acumulação da propriedade escrava elevou brutalmente em 34%, chegando no final de 1884 a 23.073 negros escravizados na população de Vassouras.

Segundo Martins (2013), os negros traficados, aqueles que sobreviviam a viagem, traziam consigo suas próprias rivalidades, como a dificuldade de confiar nos outros negros devido às diferentes etnias as quais já tinha um histórico de guerras anterior a sua chegada ao novo mundo através da escravidão. A citação abaixo do site Geledés (2012), diz que os negros vindos da África através da diáspora foram separados de suas etnias, culturas e tradições, passando a ser considerados apenas como mão-de-obra para os brancos senhores, essa a maior desumanização, pois passavam a serem vistos apenas como mercadoria.

Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo lingüístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para que não pudessem se comunicar. Seu papel de agora em diante seria servir de mão-de-obra para seus senhores, fazendo tudo o que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos. Além de terem sido trazidos de sua terra natal, de não terem

nenhum direito, os escravos tinham que conviver com a violência e a humilhação em seu dia-a-dia. (GELEDÉS, 2012)

Santana Jr. (2017, p.24) em sua dissertação, aborda que o intenso processo de escravização dos povos africanos produziu relações que deram origem à formação da família negra no Brasil, iniciadas ainda nas embarcações que eram utilizadas para o tráfico dos negros, que saíam do continente Africano.

Com a chegada dos africanos escravizados, o território então denominado de senzala, local onde os negros eram aprisionados e juntados aos outros que chegavam, passa a se constituir no lugar onde ocorreriam as interações dos sujeitos de diversas localidades, com tradições, línguas, culturas e costumes, podendo estes criarem novos laços nas terras onde se encontravam.

Segundo Sodré (2002) o uso do termo território para designar a senzala tem o sentido de expressar o lugar marcado de um grupo que desenvolve uma cultura sob constante movimentação e um relacionamento com o meio, constituindo assim num sentido identitário:

A ideia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir se a demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica também localizá-lo territorialmente (SODRÉ, 2002, p. 23).

Para melhor definição do território, de forma mais direta, Sodré traz a ideia que devemos entendê-lo como uma relação entre o espaço e o tempo em constante movimento, associando o exemplo da senzala como uma estrutura física passível de uma reinvenção de outro território, diferente do continente de origem dos escravizados, isto significa dizer que mesmo sendo signo da escravidão, é entendido como lugar de sociabilidade e cultura.

Santana Jr (2017) afirma que a família negra começa a ser formada na diáspora brasileira dentro das senzalas, em meio ao regime escravocrata, como forma de existir dentro de um regime que coisificavam e desumanizavam esses indivíduos. Considerando então a senzala como “embrião” de relações que formariam a identidade negra, uma vez que:

No convívio da senzala e dos grupos de trabalho da cidade, a partir do reconhecimento de semelhanças linguísticas e comportamentais e da identificação de lugares de procedências comuns ou próximos, novos grupos mais amplos foram ganhando uma autoconsciência coletiva. Esse reconhecimento da semelhança com certos indivíduos era forçado pelo reconhecimento de diferenças com os outros (PARÉS, 2007, p.76 *apud* SANTANA JR., 2017, p.24).

Pensar a senzala, espaço no qual os negros dormiam juntos e logo cedo eram chamados para o trabalho, como primeiro território de interação onde as nações, rivais ou não, deram continuidade aos laços criados nas embarcações para a formação da família negra, nos ajuda a entender também como os territórios denominados de quilombo ou mocambo⁴ foram espaços de resistência ao sistema opressor da classe dominante e lugar de cultura, afro-brasileira

De acordo com Santana Jr. (2014, p.28) esses territórios - senzala e quilombo - foram espaços que se construíram e reconstruíram as relações culturais a ponto de gerar um processo de interação cultural que deu origem à diversas ressignificações. Lembrados como lugares que

⁴ Mocambo é o nome denominado aos locais que eram construídos pelos negros escravizados do Brasil Colonial dentro da Mata Atlântica, como também conhecido de Quilombos, por serem aldeias habitadas pela comunidade dos negros fugitivos.

são identificados com a dor e sofrimento, pois símbolos imediatos do sistema escravocrata, são espaços que devem também ser associados como meio de interação dos escravizados sem a interferência da visão da casa-grande.

Faz-se necessário demarcar as leituras destes espaços para poder ressaltar que um olhar foi construído pela classe dominante e por muito tempo foi a que prevaleceu, não dando voz a classe escravizada, não considerando as diversas manifestações e culturas que ali surgiram e que compuseram a sociedade naquele período. (SANTANA, JR. 2014)

Observamos que por mais que existissem várias formas de violência no período escravocrata, houve também respostas em muitas formas de resistência, pois mesmo sendo considerado socialmente como uma mercadoria, os escravizados construía m táticas de sobrevivências e de lutas contra o senhor de terras, ou seja, mesmo reconhecendo que a sociedade estava dividida em dois grupos sociais antagônicos, os oprimidos criaram várias maneiras de fazerem oposição aos dominadores.

Martins (2013, p.111) afirma que a historiografia, por um longo período, criou o estereótipo do negro como sendo adaptado à condição escrava, pois o via como dócil e produtivo. Desta forma, uma discussão a respeito das estratégias de resistência dos escravizados durante os séculos, principalmente XVIII e XIX, faz-se necessária, principalmente no que se refere as rebeliões e as fugas.

A resistência dos escravizados foi ganhando diferentes contornos até a abolição, em 13 de maio de 1888, pela princesa regente Isabel, quando assinou a Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea. Ao mencionar abolição, cabe trazer alguns dados que permearam as ações dos escravizados. Emilia Viotti da Costa (1982) diz que durante três séculos, XVI à XVIII, a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo. (COSTA, 1982, p. 17)

A classe dominante tentava legitimar a escravidão afirmando que os negros não foram retirados de seu país de origem à força, e sim, resgatados, para não viverem na ignorância e serem convertidos ao cristianismo, fazendo-os acreditar que a conversão os libertava do pecado e lhes abriram a porta do céu, como forma de salvação eterna. (COSTA, 1998, p. 17)

Ainda segundo Costa (1998), no início do século XIX as doutrinas que justificavam a escravidão foram abaladas pelas ideias abolicionistas e o seu pensamento revolucionário sobre a liberdade dos negros e o fim do comércio ilegal de escravizados. Esse ideário vinha atrelado com as teorias e movimentos pró-abolição (abolicionista). Teorias essas que influenciaram a prática da luta pela libertação dos escravizados.

Um dos grandes exemplos de resistência dos negros foram os quilombos, como outro território dos escravizados. Segundo Anjos (2013), o quilombo era uma reconstrução e elaboração concreta de um tipo de organização territorial existente na África, que apresentava variadas significações, e uma delas é um estado permanente de guerra. A palavra aportuguesada quilombo tem sua origem na estrutura da língua bantu (kilombo) e pode ser entendida ainda, como acampamento guerreiro na floresta, o nome de uma região administrativa de Angola, habitação no território do antigo Reino do Congo; lugar para estar com Deus na Região Central da Bacia do rio Congo e, significa, ainda, na região Centro-Norte de Angola filho de preto que não é preto. (ANJOS, 2013, p. 52)

Os quilombos como ato de resistência tinham como significação além de luta aberta contra o senhor, mostrava também a insatisfação contra ao sistema no qual estavam sendo oprimidos. “Estamos convictos que realmente os escravos, como sempre vinculou uma historiografia mais tradicional, foram rebeldes, mas num significado amplo, principalmente no sentido de oferecer resistência e essa se deu de várias formas”. (MARTINS, 2013, p. 111)

O “papel do escravo” sempre foi objeto de reflexão ao longo dos anos pela historiografia. Alguns estudiosos, assim como Martins (2013), analisam como se construíram as relações sociais entre senhores e escravizados, considerando a perpetuação do estereótipo do negro como animal em cativeiro e apresentando uma leitura, incômoda e realista, de que esse grupo no período imperial brasileiro, estaria sob uma única imagem diante à sociedade definida nas revoltas e fugas. (MARTINS, 2013, p. 111)

O quilombo foi considerado pela historiografia por muito tempo apenas como o local para onde os escravizados fugiam, mas também foi outro espaço em que se construíam relações familiares. Segundo Reis (1995) os quilombolas não tinham como objetivo demolir a escravidão, e sim resistir, procurar melhor maneira para viver longe da violência das fazendas, entretanto buscavam estratégias também para libertar outros negros das formas opressoras que lhes eram impostos.

Em Vassouras, durante todo o processo em que existiu escravidão no município, a relação entre os senhores e os africanos escravizados era extremamente conturbada, e o medo assombrava os senhores de escravos devido às diversas tentativas de ataques e insurreições dos negros, como talvez a mais conhecida do município que foi a formação do Quilombo de Manoel Congo.

Manoel Congo foi trazido como escravizado no ano de 1837 para a fazenda denominada Freguesia, que era então de propriedade do capitão-mor Manuel Francisco Xavier. Segundo Gomes (2006) a naturalidade dos negros escravizados ditos como propriedade de Manuel Francisco Xavier era das regiões africanas de Congo, Benguela Cabinda e Moçambique. Manoel Congo, nascido em África, tinha como função na fazenda ser ferreiro e caldeireiro. (ARAÚJO, 2011)⁵

De acordo com Araújo (2011), os negros eram maltratados pelos fazendeiros que nada sofriam em função da impunidade que o tribunal da Corte e o Juiz de Paz concedia aos proprietários, como foi o caso de Manoel Xavier (dono das fazendas Freguesia e Maravilha), com histórico de perversidade com seus escravos. Em decorrência dessas impunidades, o negro Manoel Congo que trabalhava na fazenda Freguesia organizou a maior rebelião de cativos da região, juntando cerca de mais de 300 escravizados.

O grupo de cativos se organizou dando início aos ataques à fazenda Maravilha. Utilizando apenas de pau, machado e fogo, tentaram matar o feitor, chegaram a arrombar os paióis e armazéns, de onde saquearam os mantimentos e ferramentas, conseguindo libertar outros escravizados da casa grande. Em seguida fugiram para a floresta vizinha, reunindo-se com outros negros que haviam fugidos da fazenda de outro fazendeiro, como destaca Gomes (2006):

O grupo que havia fugido da fazenda chamada Freguesia rumou, na madrugada seguinte, para a outra fazenda, denominada Maravilha. Lá, tentaram matar o feitor, arrombaram os paióis e casas de vivenda, de onde roubaram mantimentos e ferramentas, e reuniram mais cativos para uma escapada definitiva. Puseram até escadas na janela da cozinha - nos fundos da casa grande -, facilitando assim a retirada de escravas que ali dormiam. Após reunir grande quantidade de provisões, rumaram para a floresta vizinha, onde se encontrava outro grupo de escravos - pertencentes ao fazendeiro Paulo Gomes Ribeiro de Avelar - que também havia fugido. (GOMES, 2006, p. 146)

⁵ Araújo, Patrícia Cristina de Aragão. Representações da Luta e da Resistência Negra no Quilombo Manuel Congo. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 21 (set. 2011) – 1-136 – ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>) 93 [86-100]. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol21/TRvol21h.pdf>

Curiosamente, os ataques realizados em função da violência que os negros sofriam dos proprietários das fazendas, o grupo preferiu se reunir por provisões e formar seu território na mata para posteriormente salvar outros escravizados das demais propriedades e vilas. Assim, segundo a narrativa histórica sobre Manoel Congo, a ação coletiva construída pelos escravizados em função da prática do feitor foi o que motivou a iniciativa da luta e da elaboração de formas de resistência, nascendo então o Quilombo de Manoel Congo, e não pelo ideário de liberdade imediata, a situação de construção do quilombo foi conjuntural.

O quilombo foi formado nas matas da localidade de Santa Catarina, nas fraldas da serra da Mantiqueira, sendo Manoel Congo o líder do território e considerado um dos mais importantes líderes quilombolas do século XIX. Para formação do quilombo, os escravizados percorreram mata e se dividiram em dois grupos, aqueles que foram pelo caminho das serras da Taquara e da Estrela e o outro que tomou a direção da serra do Couto. (GOMES, 2006)

As matas de Santa Catarina tinham uma vegetação considerada espessa e fechada, o que dificultava a perseguição e caminhar em grupo. Com isso, os negros para facilitarem o percurso de modo coletivo e fugirem dos senhores, formavam uma trilha aberta para o restante dos negros fugidos. Grupos eram divididos durante o dia e noite para assumirem a responsabilidade de abrirem o caminho, derrubando árvores e eliminando obstáculos. Conhecidos como aqueles que faziam “as picadas”, haviam também outros grupos que ficavam na função de batedores, outros de carregar provisões e ferramentas, e outros de coletar frutos e caçar pequenos animais para se alimentar e outros, ainda, de preparar alimentos e construir os ranchos nas paradas para o pernoite. (GOMES, 2006, p.152)

Essas trilhas, que também eram feitas de forma vagarosa, por mais que facilitassem o restante do grupo dos negros fugidos para se localizarem, entre eles mulheres, velhos e crianças carregando as bagagens (ferramentas, alimentos, armas, etc.), acabaram por facilitar a perseguição deles pelos senhores de terra. (GOMES, 2006)

Não obstante a organização para escapada, a marcha dos fugitivos era, por certo, mais vagarosa. Na ocisão dos interrogatórios dos capturados e arrolados no processo de insurreição instaurado no final do ano de 1838, alguns descreveram com detalhes a organização da fuga. Manuel Congo, suposto líder dos revoltosos, declarou que “levavam sempre uma porção de gente fazendo picadas”. Já Mariana Crioula, acusada de ser a “rainha” do quilombo, perguntada sobre os que faziam as picadas na floresta, disse “que iam três e à noite dormiam juntos”. Outros, porém, forneceram informações mais detalhadas. Miguel Crioulo esclareceu que “iam seis pessoas fazendo a picada [e] que destes Pedro Cabinda é quem dirigia a picada”. (GOMES, 2006, p. 151)

Gomes (2006) ao abordar sobre a formação do quilombo liderado por Manoel Congo, destaca também que o grupo detinha um conhecimento razoável da floresta e do local onde se instalaram, e a divisão de atividades dos grupos em mocambos contribuía para a ampliação de locais de resistência, caso fossem descobertos.

No quilombo Manoel Congo, Mariana Crioula denominada pelos outros negros do acampamento como “rainha do quilombo”, foi de propriedade de Francisca Xavier, na fazenda de Freguesia. Mariana nasceu no Brasil, por isso a denominação “crioula”. Tinha como ocupação os cuidados domésticos na fazenda do senhor Manoel Francisco Xavier e era considerada como “preta de estimação”.

A figura de Mariana Crioula no quilombo foi considerada como uma das cabeças junto à Manoel Congo para libertarem os negros das outras propriedades e na organização e formação

do quilombo e mocambos. Alguns documentos dão a entender que Mariana Crioula foi esposa de Manoel Congo, mas há outras fontes que dizem que Mariana foi casada com “José”, negro que trabalhava na lavoura da fazenda onde ela vivia. Há ainda aqueles que afirmam que “José” era o próprio Manoel Congo.

Com a projeção das ações de resistência dos escravizados, mobilizando novas fugas para os quilombos, ocorreram rapidamente represálias por parte dos fazendeiros da região. Como ressalta Gomes (2006, p.154) a partir do ataque à fazenda Maravilha e a fuga de mais de 300 negros de outras propriedades, o fazendeiro capitão-mor não perdeu tempo e imediatamente comunicou-se ao juiz de paz da freguesia do Paty do Alferes, José Pinheiro de Souza Werneck, o que repercutiu o alerta aos outros fazendeiros da região. E no dia 8 de novembro de 1838, o juiz de paz convocou o coronel chefe da Guarda Nacional para que tomasse providências alertando sobre a gravidade da situação, ressaltando que eram necessárias as devidas ações para que novos ataques não surgissem e/ou fossem aumentados.

A Guarda Nacional enviada à Vassouras conseguiu chegar ao quilombo através das trilhas que os negros fizeram na mata da floresta, e prender alguns líderes quilombolas, mas além do quilombo havia outros acampamentos construídos pelos escravizados, caso houvesse invasão militar. Nesses outros acampamentos, a expedição militar não chegou alcançar.

É importante ressaltar que se, de um lado, havia uma liderança entre os cativos, que se configurava na figura de Manoel Congo e Mariana Crioula, nascia outra, de forte influência no exército brasileiro, que, posteriormente, seria conhecido como Duque de Caxias. Segundo a Câmara Municipal de Vassouras (2018), no dia 14 de novembro de 1838, tropas comandadas pelo Oficial Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, Mariana Crioula e Manuel Congo foram feitos prisioneiros, juntamente com outros líderes da revolta.

A invasão nas matas de Santa Catarina pela Guarda Nacional ocorreu em 11 e 12 de novembro de 1838. Segundo Gomes (2006) quando avistados pela força militar, os fugitivos estavam, ao que parece, levantando mais um acampamento para pernoitarem. Quase surpreendidos, pois já esperavam a invasão pela movimentação da tropa, os fugitivos, cerca de 150, tentaram resistir através de armas, umas de fogo e outras cortantes contra os soldados, conforme o relato de um coronel da Guarda Nacional. Efetivamente, foram presos vivos, 22 fugitivos no primeiro dia de combate. No dia 13 de novembro de 1838, foram capturados mais dois feridos. E em 20 de novembro do mesmo ano, constataram que mais de 29 cativos haviam sido presos. (GOMES, 2006)

Após o primeiro ataque, muito fugitivos se embrenharam na floresta de Santa Catarina. Em razão das mortes, prisões e sequestros da bagagem como ferramentas e mantimentos fizeram com que a decisão de prosseguir a fuga fosse reavaliada. No primeiro combate com os militares, dentre os cativos capturados estavam alguns dos principais líderes do quilombo, como Manuel Congo e Mariana Crioula - “rei” e “rainha” do quilombo. (GOMES, 2006, p. 159)

Gomes (2006) ressalta ainda que no combate nas matas de Santa Catarina, o coronel da Guarda Nacional se referiu a Mariana Crioula como “uma crioula de estimação de d. Francisca Xavier” e que não se entregou senão a base cacete e gritava: “morrer sim, entregar não!!!”. Além de apontada como uma das comandantes do enfrentamento naquela ocasião, foi acusada por várias testemunhas como sendo, juntamente com Manuel Congo, também líder do quilombo que construíram na floresta.

No julgamento acontecido entre dezembro de 1838 e início de 1839, dezesseis escravos, sete mulheres e nove homens foram indiciados: Justino Benguela, Antonio Magro, Pedro Dias, Bellarmino, Miguel Creôlo, Canuto Moçambique e Affonso Angola, como líderes da revolta,

sofreram a pena de seiscentas e cinquenta chibatadas (50 por dia para que não morressem em decorrência do castigo) e gargalheira⁶ pôr três anos, porém absolvido e entregues ao seus “donos”.⁷ Mariana, que havia demonstrado valentia na mata, quando interrogada, procurou dissimular seu verdadeiro papel nos acontecimentos e alegou que havia sido induzida à fuga. Mesmo tendo sido delatada por outros réus como a rainha do Quilombo, Mariana fora absolvida. O único acusado de homicídio foi Manuel Congo.

Então no dia 6 de setembro de 1839, a sentença foi cumprida a Manoel Congo, que subiu ao cadafalso na cidade de Vassouras, para ser enforcado em praça pública. O desfecho da trama, que culminou com a derrocada do quilombo e a morte de seu líder maior, Manoel Congo. O significado da morte desse líder, símbolo que remete à luta, resistência e organização dos escravizados não se esgotou com o seu fim, visto que rapidamente entrou para imaginário local, não só como representação de organização do povo negro em prol da liberdade, mas pelo medo de novas revoltas

Manoel Congo com cuidado
Muitos escravos juntou,
Recolhidas várias armas
Mantimento e cobertor,
Passaram, seguindo a trilha,
Na Fazenda Maravilha
E já outros libertou. (Cordel de Medeiros Braga)⁸

Após 10 anos de insurreição do Quilombo de Manoel Congo, especificamente em 1848/9, ocorreu outra tentativa de rebelião. Aconteceu no dia 24 de junho, e teve como origem uma conspiração baseada num culto-religioso, centro-africano e de raízes kongo/mbundo, pois o objetivo era atacar os senhores, envenenando-os através das “Mucamas de Anjo”, que eram as que ficavam mais próximas dos senhores. As mucamas que também eram vistas como pessoas de grandes espiritualidades (podendo ser mães de santo) tinham poder na comunidade e em função disto, elas convenceram os demais a possibilidade de fuga do cativo.

O quilombo (como o do Manoel Congo), assim como nas senzalas (como as que permitiram rebelião “as mucamas de anjo”), também foram espaços nos quais os negros recriavam suas tradições e práticas religiosas. A linguagem religiosa ocorria de forma sincrética, pois era uma maneira que os negros viam como estratégia para poder cultivar as suas divindades. (SANTANA JR., 2014, p. 31)

Senzalas e quilombos são pensados como espaços de construção e reconstrução de relações da família negra, não só consanguíneas, mas também religiosa, pois houve a formação das roças/terreiros de Candomblé que permitiram guardar memória e potencializar a formação cultural através de suas heranças, ancestralidade e tradições que foram estruturados nesses espaços de resistência. (SANTANA JR., 2017, p. 29)

Martins (2013) afirma que umas das principais formas dos negros se oporem ao sistema a que eram submetidos, eram se reunir formando os seus próprios territórios e nesses territórios cultivarem suas tradições como revivendo a cultura trazida do continente Africano nas manifestações de dança, por exemplo. O formato do Jongo representa não só uma ginga, mas traz principalmente nos versos cantados as vivências em cativo.

⁶ Gargalheiras eram coleiras de ferro ou madeira, com que se prendiam, para castigar, os negros escravizados.

⁷ A saga de Manoel Congo. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-saga-de-manoel-congo/>> Acesso: maio/2019

⁸ Disponível em <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/quilombo-manoel-congo.htm>

Santana Jr. (2017) observa que os quilombos também trazem forte referência as roças, como terreiros de Candomblé:

As nações também foram de grande relevância para o território da roça de Candomblé, e o que vai diferenciar em relação aos outros territórios é a ligação ancestral e religiosa que envolve todo o território físico e simbólico da roça. É na roça que a nação vai ter seu culto a ancestralidade serão vivenciados. A roça/terreiro é o local onde as festas aconteciam e as culturas interagem. Através dessas relações entre culturas que nasceram diversas manifestações contemporâneas que se expressam de forma festiva com música e dança, como o samba, por exemplo. (SANTANA JR. 2017, p.31)

E como forma expressiva dessa cultura, o Jongo se fez presente, mesmo sendo uma dança, expressava a vivência do cativo sendo retratadas nos versos, cultuando também as ancestralidades, ligando-se ao divino na exaltação da natureza, acreditando nos deuses como orixás, como representado pela religiosidade.

A partir disso, a atividade religiosa através do culto de determinados ancestrais e de outras entidades espirituais, permanecia como veículo da identidade étnica ou comunitária (PARÉS, 2007). Como aborda Sodré (2002) as religiões passam a ser apresentadas como uma relação direta entre o mundo visível e o invisível, e o ser humano como um elemento da natureza, e as relações familiares traziam a sua ligação através de um ancestral em comum

Como dito, nesses territórios - a senzala e o quilombo -, os negros possuíam o sentimento de pertencimento e despertava o senso de identidade coletiva. Essa identidade coletiva nas sociedades da África Ocidental estava articulada em outros níveis, entre eles o étnico, o religioso, o territorial, o linguístico, o político, e estabelecia vínculos de parentescos que reconheciam uma ancestralidade comum. (SANTANA JR., 2017)

As rodas de jongo eram e ainda são uma das mais importantes manifestações da cultura africana. O termo é referente à dança e às cantigas que a acompanham, conhecidas como pontos que tem como origem na região do Congo-Angola, de influência bantu. Como mencionado, sua importância está no fato de trazer em seus versos curtos e metafóricos, além da dança, a vivência dos negros nas fazendas cafeeiras do vale do Paraíba.

Como cita Lima (2010), outra manifestação praticada foi a capoeira. A capoeira é uma mistura de luta, dança e música. Se caracteriza por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando partes do corpo, como os pés, as mãos, a cabeça, os joelhos, cotovelos, e algumas vezes, golpes desferidos com bastões e facões. Uma característica que a diferencia das artes marciais é o fato de ser acompanhada por música e ancestralidade que o tambor dá vida.

Mas, cabe lembrar conforme abordado por Anjos (2013) a classe dominante tentou forçar o processo de pulverização das distintas matrizes africanas na extensão do território brasileiro, como estratégia de dificultar a organização dos negros como comunidade. A intenção era reprimir qualquer tipo de manifestação e contato para que a língua de origem fosse extinta, assim como as etnias, religiões, tradições e culturas que eram referências identitárias, tendo como objetivo uma diluição da identidade étnica africana no Brasil. (ANJOS, 2013, p. 52)

Como destaca Santana Jr. (2017), a opressão dos senhores de escravos às culturas e costumes do povo negro escravizado se dava no campo cultural também:

Observa-se que por mais que a retirada dos africanos de seu território fosse forçada e na condição de escravizados, os mesmos conseguiam formas de existir enquanto sujeitos, preservando os seus costumes na formação das novas famílias. Para a melhor compreensão, devemos levar em consideração que a partir da linhagem os africanos não tinham as suas raízes presas ao território, mas sim, aos seus ancestrais e que os

sujeitos transportados seriam os formadores dessa nova família. (SANTANA JR. 2017, p. 27)

Mesmo na conjuntura da abolição, a luta pela liberdade de expressão ainda continuava, pois a inserção do negro na sociedade foi repleta de preconceitos e discriminação, atribuídos a preconceitos religiosos e culturais também. Destaca-se ainda como herança desse povo a questão da religiosidade, que permeia até os dias de hoje, e possui forte influência em Vassouras, pois a presença dos elementos destacados - Jongo, Capoeira, Maculelê - possuem características que fazem alusão às religiões de matriz africana. sendo as linhas do candomblé como da umbanda, como assim veremos no próximo tópico e aprofundado no capítulo 3.

2.3. “Somos Herança da memória”: a cultura negra representativa no tour da Experiência

Giovana Xavier e Martha Abreu (2018) juntas com mais dois historiadores no livro *Cultura Negra - Festas, Carnavais e Patrimônios Negros*, trabalham o conceito de cultura acentuando feições muito mais ligadas aos conflitos do que consensos. Pensar a ação dos escravos e libertos no pós-abolição, de acordo com o ensino da história social, é refletir sobre as relações familiares, festas religiosas, irmandades e batuques herdados como manifestação popular.

A história hegemônica então conhecida, como já abordada, retrata que mulheres e homens negros descendentes de africanos que carregavam como a marca da escravidão na própria cor da pele, sendo libertos antes ou depois 1888, foram entregues à própria sorte, dando continuidade a pobreza e pretensa marginalidade à qual sempre foram expostos. Suas lutas e projetos continuaram sendo visibilizados pelo Estado e por grande parte dos livros de história, como apresenta Xavier et. al (2018).

Os mesmos autores (2018, p.9) ainda trazem que “se essa negligência impressiona, ela revela muito mais. Por um lado, podemos identificar o próprio racismo escondido no ato de esquecer e silenciar vozes.” (XAVIER et al, 2018, p.9). Pensando de tal modo, é necessário refletirmos o que vem a ser o racismo. Como dito anteriormente, o racismo está na sociedade desde o período da escravidão. Mesmo no pós-abolição não foi extinto e continua se perpetuando na atualidade.

Campos (2006) ressalta que o racismo no Brasil é produzido a partir da invisibilidade dos declarados negros e pardos a partir de suas diferenças culturais, nos modos de vida, nas crenças, nas tradições e identidades étnicas, em razão da superioridade de um grupo - autodeclarados brancos - sobre outro, potencializada pelas questões raciais, regionais, religiosas, entre outras. Para o autor,

A relação entre tempo e o espaço pertence ao sistema simbólico, levado a efeito pelas práticas sociais oriundas das afinidades inter e intragrupos que são postas de maneira hierárquica em quase todas as partes do mundo e em quase todos os tempos. No Brasil, de certa maneira, a sociedade produziu a “invisibilidade” dos afrodescendentes, delineados a partir dos elementos étnico-raciais do negro e do pardo. (CAMPOS, 2006, p.56)

A reprodução dos elementos históricos narrados sobre o período imperial brasileiro acontece de forma unívoca e sobre os prismas dos privilégios da nobreza, reconhecida publicamente como a classe dominante. De acordo com Bourdieu (1989), em *O Poder Simbólico*, o autor destaca os interesses da classe:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimos, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação (BOURDIEU, 1989, p.12)

As múltiplas interpretações da classe dominante podem ser analisadas sobre o viés racial, porque esta hierarquia é presumida por sua legitimação de dominação, com interesses e padrões ocidentais. O termo raça foi se adequando a partir do século XX, onde surgiram estudos que buscaram argumentar, compreender e explicar à sociedade de que as diferenças entre os indivíduos eram biologicamente intransponíveis, assim como as questões étnico-raciais brasileira. (CAMPOS, 2006, p.49)

Segundo Guimarães (2012) em seu livro *Classes, Raças e Democracia*, o conceito de raça de acordo com o mundo social, permite identificarmos grupos sociais conforme as desigualdades, discriminações e hierarquias atribuídas à cor, assim possibilitando refletir quem está no grupo dos oprimidos e quem não se encaixa ao grupo da classe dominante (opressores). (GUIMARÃES, 2012, p.50)

De acordo com Hall (2006) o termo raça decorre de uma lógica referente a construção social, expressa pelas relações de poder e hierarquias presentes numa sociedade, que inferioriza determinadas culturas de grupos étnicos, como representa:

(...) raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão - ou seja - o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (HALL, 2006, p.69)

No Brasil, o discurso racial é importante para entendermos como sucederam as construções de identidades étnico-raciais e o contexto das relações de poder e simbologia que ainda predominam nos espaços sociais. Conforme aborda Paixão (2008), é necessário entender as relações raciais no Brasil a partir da revisão de traços históricos, como dos negros que foram transportados ilegalmente como mercadorias do continente africano para o território brasileiro. A partir dessa compreensão histórica, a análise sobre a construção de identidades e memórias do povo negro se faz presente no entendimento da cultura afro-brasileira.

A importância da cultura negra e a sua influência em nossa sociedade se reflete na estruturação da memória (individual e coletiva) da população negra e da sociedade brasileira como todo. A memória é formada pela sistematização de fatos marcantes que um indivíduo ou grupo esteja exposto. Melhor definindo, a memória é considerada como um fenômeno que se constrói a partir do sentimento de pertencimento à um lugar, ou a um grupo, etc, como exemplo a memória nacional que remete às diversas culturas e grupos étnicos presentes numa determinada sociedade, que se destaca sobre os marcos e datas históricos

A memória se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, sendo esta uma sensação de continuidade e coerência individual ou coletiva para reconstrução de si.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser

compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLACK, 1992, p.5)

Para Nora (1993) em seu texto "Entre Memória e História: a problemática de lugares", a memória é referência ao passado e só existe quando evocada no presente, podendo ser efetiva, mágica, e conter lembranças flutuantes, particulares, simbólicas e sensíveis. Em outros termos, isto significa apontar que a memória e a história, ao serem evocadas no presente, serão lembradas e contadas a partir de uma apropriação parcial que se fará entendida e percebida como "única" e "oficial". Como é possível analisar na história contada na cidade de Vassouras a partir do seu reconhecimento popular de "a Cidade dos Barões", sem levar em consideração que essa cidade foi construída pelos escravizados, pois como Salles afirmou o "Vale era o escravo".

Pollack (1992), em Memória e Identidade Social, trabalha memória como sendo um fenômeno que é construído também através dos outros sujeitos, que podem ser compreendidos como essências oriundos de meios coletivos, grupos étnicos sociais ou de classe, e individuais.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (...) A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLACK, 1992, p. 4)

Pollack (1992) utiliza como referência Nora e Halbwachs, que definem memória como elemento complexo, pois a memória não se constrói unicamente como algo individual, mas também de forma coletiva e social. Refere-se a memória tanto individual como coletiva formada por acontecimentos (que podem ser vividos por indivíduo ou pela coletividade, e que podem ser transmitidas por "tabela"), com personagens e lugares. Assim, o autor chega a definir que a memória também é seletiva, devido a junção desses três elementos, pois "nem tudo fica gravado" "nem tudo fica registrado", por ser em parte uma memória herdada. (POLLACK, 1992, p.4)

Em Vassouras, com o tour da experiência é possível perceber os que os autores acima discutem, pois a história que os tours proporcionam está enraizada numa prática seletiva, que exalta apenas o glamour de um período histórico - o período imperial brasileiro. A imagem popularmente conhecida da cidade do glamour imperial retrata uma memória unívoca que foi herdada da elite do período imperial, dos barões de café.

Nascimento (2018) diz que o desenvolvimento de atividades com memória, perpassa a trajetória das memórias individuais, por isso possibilita um movimento entre o passado e presente, como é o caso do objeto de estudo deste trabalho - o Tour da Experiência em Vassouras. Este tour traz uma memória da população negra com apresentações de grupos culturais que desenvolvem as danças, como o que ocorre no Hotel Santa Amália, só que também traz o contraste, porque vislumbra também a memória negro aquela referida à escravidão. Os tours oferecidos são encarregados de encenar a senzala e a casa grande, reforçando o estereótipo da sociedade imperial. Dando continuidade ao sistema opressor, na medida em que mantem a visão da casa-grande, o da classe dominante, como sistema de entendimento da sociedade.

Ao pensar a presença das memórias negras, a configuração de uma identidade negra corresponde ao fortalecimento enquanto grupo, que experimentam vivências sociais provocadas pelo racismo e as práticas coletivas construtoras de identidades, que correspondem

também as dinâmicas de posicionamento político de como o “eu” se coloca no mundo, um exemplo disto é o grupo de jongo Caxambu Renascer de Vassouras, visto que através das apresentações com pontos cantados em versos reconstróem o tempo no cativoiro. (NASCIMENTO, 2018, p.110)

Segundo Bhabha (1998), em seu livro *O local da cultura*, numa de suas passagens analisando Renée Green, artista afro-americana, diz que a diferença cultural, como produção de identidades, deve ser compreendida em seus contextos sociais de acordo com os grupos étnicos existentes, levando-se em consideração a negociação de significados

O multiculturalismo não reflete a complexidade da situação como eu a enfrento no dia a dia...É preciso que a pessoa saia de si mesma para de fato ver o que está fazendo. Não quero condenar gente bem intencionada e dizer (como aquelas camisetas que são vendidas nas calçadas) “É coisa de negro, você não entenderia.” Para mim, isto é essencializar a negrura. (BHABHA, 1998, p.21)

Bhabha (1998) realiza síntese a respeito do conceito de identidade ligada a um forte movimento de embate cultural, no qual ele nos dá a entender que é entre a cultura dominante e dominada, que ocorre esta negociação, não sem tensão, principalmente porque atualmente devido a Globalização linguística e multicultural, são muitos os descentramentos, hibridização e tradução. Ao trazer para a análise a discussão sobre a cultura negra no município de Vassouras, é possível destacar que uma história é reproduzida como encenação nos passeios guiados. Essas reproduções encenam de um lado a cultura “sofisticada da elite” que remete à identidade de um grupo étnico - o branco colonizador - de forma ampliada, mostrando toda a história de formação, e do outro lado a cultura “popular”, que remete à identidade negra, porém de forma limitada já que apresenta apenas a imagem do negro como submisso.

Refletindo sobre as práticas desenvolvidas no turismo de experiência na cidade de Vassouras, a identidade que é associada nos tours parece ser uniforme, por esta razão ao pensar no que diz Bhabha (1998) não há identidade única e realmente isso se comprova à medida que ao se ter contato como uma outra cultura, a identidade passa por um deslocamento, este considerado em razão da diversidade de culturas, sendo portanto, fruto de negociação. Sendo perceptível quando no tour é apresentado o glamour da nobreza imperial e as manifestações culturais que retratam a cultura afro-diaspórica.

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” - *enquanto base do comparativismo cultural* -, estão em profundo processo de redefinição. O extremismo odioso do nacionalismo sérvio prova que a própria ideia de uma identidade nacional pura, “eticamente purificada”, só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade [*nationhood*] moderna. (BHABHA, 1998, p.24)

Bhabha é enfático ao considerar que a identidade cultural não pode ser única, uma vez que a diversidade cultural está presente em todo o mundo e que a identidade é continuamente negociada e contestada. Entendida como sendo costumes e tradições que se fundamentam com o tempo e estão em constante movimentação, a cultura é vista pela ótica do multiculturalismo e do intercâmbio cultural da humanidade.

Se a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o

reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. (BHABHA, 1998, p.24)

O projeto Caminhos do Brasil Imperial em Vassouras pode ser lido através da discussão apresentada por Bhabha (1998) quando discorre sobre a diversidade cultural e faz a crítica a imposição de uma cultura dominante, centrada no reforço da história do Brasil escravocrata cujo eixo é o deslocamento de negros da África e sua inserção subalterna em um novo continente, que tinha como cultura a europeia.

O autor (1998, p. 65) diz que a cultura não é única e sim a humanidade, enfatizando ainda a crítica aos valores estéticos conservadores e políticos que constituem essa cultura única, como por exemplo a cultura dos grupos dominantes. Por esta razão, é possível utilizar o autor para fazer uma crítica ao tour por personificar uma só cultura, valorizando a elite imperial brasileira.

Segundo Hall (2006) “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. (HALL, 2006, p. 85) Nesta passagem acredita-se que esse fortalecimento esteja enraizado na preservação da cultura dominante, na tentativa até mesmo de reconstruir uma identidade una, unificada, filtrando as ameaças da experiência social. E de modo crítico analítico, inclinando-se no que pode ser entendido como um racismo cultural, por medo do diferente.

Como acontece atualmente com o grupo de jongo Caxambu Renascer, atuante no município de Vassouras. Segundo a líder do grupo (2019), há necessidade de resistir para que essa cultura não seja apenas apropriada pelo sistema embranquecido e lucrativo que remete ao trade turístico da cidade. A associação dos tours que retratam os costumes dos grandes senhores de terras, as sinhás, apresentam a cultura negra nessas atividades de forma inferiorizada, quando apenas querem vender uma apresentação, sem se importar com a história e formação daquela cultura.

Ainda abordando a ideia de identidade cultural, porque as práticas do tour repousam numa cultura construída a partir das histórias dos barões e dos escravizados, busca-se articular ao conceito do hibridismo cultural, também explorado por Canclini em sua obra Diferentes, Desiguais e conectados, que define cultura a partir da análise da desigualdade e dos diferentes processos de inclusão e exclusão interculturais.

Para Canclini (2009) a cultura é importante por expressar em instância simbólica o pertencimento de um grupo, mas é preciso também analisá-la nas formas de interação e recusa numa sociedade:

(...) dizer que a cultura é uma instância simbólica na qual cada grupo organiza sua identidade é dizer muito pouco nas atuais condições de comunicação globalizada. É preciso analisar a complexidade que assumem as formas de interação e de recusa, de apreço, discriminação ou hostilidade em relação aos outros, nestas situações de confrontação assídua. (CANCLINI, 2009, p. 44)

Para Canclini (2009) a cultura na atual conjuntura social ganha ressignificados como forma de comercialização a partir das desigualdades, diferenças e exclusões, tendo a relação com os valores simbólicos e a representação identitária desconectadas. De acordo com a prefeitura de Vassouras, o município é o berço da diversidade cultural, possui um riquíssimo

legado histórico-cultural em sua formação, em razão do período do café do Vale do Paraíba fluminense, e vem se consolidando como importante destino turístico no estado do Rio de Janeiro. E como iniciativa pública nesta valorização, foram elaborados projetos políticos no âmbito turístico para ressaltar essa imagem da cidade, como apresentado no capítulo 1, surge o Projeto Economia da Experiência.

Desta forma, a ideia que Canclini (2009) apresenta se concretiza nesse Projeto do Tour da Experiência em Vassouras, em razão das formas como são exploradas as diversidades culturais para fins mercadológicos. Em Vassouras, com o turismo de experiência, parte da memória e identidade dos negros é contada, outra parte de sua história, como o Memorial Manoel Congo, a herança africana com a presença de grupo de jongo Caxambu Renascer, os grupos de capoeira, maculelê, calango e as rezadeiras (conhecidas como benzedadeiras), não.

Sobre o memorial Manoel Congo, este é um espaço que remete a figura de um dos principais líderes quilombolas do século XIX e que teve grande influência naquela região, e que foi construído em 1996:

O memorial Manuel Congo foi erigido em 1996 e é mantido pela Prefeitura de Vassouras e pelo Centro Espírita Pai Manuel Congo. Está localizado no Largo da Pedreira, no final de uma rua sem saída. Cinco anos após o erguimento do memorial, no dia 13 de maio de 2001 o jornal O Dia traz a seguinte manchete: “Relíquias do ciclo do café - 200 anos de história, que estavam às traças, começaram a ser recuperados no centro de documentação da Fundação Severino Sombra.” As relíquias que a manchete menciona são 750 caixas, contendo documentos que foram encontrados nos porões de fóruns, cartórios, prefeituras e igrejas, sobre processos criminais, civis e comerciais dos séculos XVIII, XIX e XX, referentes à região do Vale do Paraíba do Sul. Com base nos estudos desses documentos, que trouxeram informações importantes sobre a **insurreição escrava** de Vassouras ocorrida em 1838, pesquisadores, autoridades políticas e outros segmentos da sociedade começaram a reivindicar um lugar na história para Manuel Congo, bem como seu reconhecimento como herói nacional. (RODRIGUES, 2015, p.188)

Esses elementos de valorização e exaltação da cultura afro-brasileira em Vassouras, são compostos também por variadas famílias que se reúnem para fazer com que seja vivo e cultuado as vivências dos seus ancestrais com o jongo, também chamado de caxambu ou tambu, como forma de diversão, manutenção e transmissão da manifestação cultural e identidade de um povo. O jongo é uma herança familiar do tempo da escravidão e expressa através do seu canto uma história de resistência e luta, como já dito anteriormente. (OLIVEIRA, 2015, p. 11)

Como enfatiza Canclini (2009), devemos pensar que a cultura é expressada através de processos sociais que se apropriam de uma história social, no sentido de pensá-la como uma junção de objetos materiais que se consolida em sentidos e símbolos e dá sentido as práticas cotidianas:

Ao conceituar a cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social. (CANCLINI, 2009, p. 41)

Desta forma, pensar a história social como representação de uma cultura, faz-se necessário problematizar a cultura que é mostrada em Vassouras, que é reproduzida sob uma homogeneização, naturalização e reprodução de estereótipos da história nacional. Corriqueiramente atribuídos às práticas culturais como tours, musicais, entre outros, a

localidade em si usufruir de culturas populares que se tornaram propriamente negras, em função das lutas sociais e das identidades políticas construídas pelos descendentes de africanos em todas as Américas depois da tragédia do tráfico da escravidão moderna e da experiência do racismo. De fato, não existem culturas negras - muito menos uma única cultura negra - definidas a priori como um conjunto de práticas com certas características comuns, consensuais e imutáveis. (XAVIER et. al, 2018 p. 11)

Como então já mencionado, o jongo, a capoeira, o Monumento Manoel Congo, as rezadeiras, etc, fazem parte do patrimônio negro de Vassouras, fruto da história (herança ancestral dos negros escravizados) e da afirmação da negritude local em seu cotidiano, mas estes são inexistentes nos Tours.

Na visão de Anjos (2013, p.45) o território africano é um componente fundamental para uma compreensão das questões que envolvem o papel da população de ascendência africana na sociedade brasileira. Por isso, o Brasil continental, plurirracial, multicultural e com uma historicidade em processo de reconstrução e uma diversidade étnica com conflitos, tem ainda, o desafio de assumir decisivamente a nação multiétnica resultante destes séculos de intercâmbio com a África. Vassouras, assim como o restante do país, a construção social e as relações culturais existentes estão sob a integração das relações étnico-raciais, melhor dizendo, as manifestações culturais ali existentes são frutos de tradições culturais de diferentes grupos étnicos que estiveram presentes na construção territorial do município.

A presença das diferentes culturas num mesmo espaço, preconizam a busca de equilíbrio na sociedade brasileira e no seu território e, sobretudo um tratamento ético. Por isso mesmo, se fazem necessário, interpretações mais consistentes das origens das suas populações nos primórdios de suas formações; e de um melhor entendimento quanto a representação da dinâmica desta diáspora no espaço e uma melhor configuração da sua identidade territorial ancestral.

Contudo, fazendo o recorte dos Tours praticados e narrativas reproduzidas em Vassouras, os marcos históricos que compõem o período imperial naquela região, escamoteiam as narrativas e a presença dos diferentes grupos étnicos sociais que ali viveram, forjando assim uma imagem que, de modo unívoco, representaria a sociedade que teria existido ali.

Os elementos utilizados que estão associados à cultura negra da cidade também são apropriados, conforme será abordado no próximo capítulo. A história negra e elementos da cultura negra são explorados para ratificar mais uma vez uma cultura dominante, e o *trade* turístico local se utiliza desses elementos da cultura para reforçar um sistema racista em nossa sociedade.

CAPÍTULO III

Por um outro Tour da Experiência em Vassouras

O município de Vassouras é considerado pelos órgãos públicos estaduais do Rio de Janeiro, com grande potencial turístico por possuir características arquitetônicas e históricas do período imperial brasileiro, principalmente no que tange aos traços que fazem analogia à nobreza da época.

Vassouras faz parte do circuito do Tour da Experiência, como já especificado anteriormente. Desta forma, neste capítulo buscarei primeiramente descrever a formação e a história do movimento negro na região do Vale do Café, dando destaque a cidade de Vassouras, e trazendo, através das entrevistas realizadas, o posicionamento das lideranças negras localmente reconhecidas no município, visando destacar as perspectivas desses atores sobre o projeto Tour da Experiência que vem se desenvolvendo na localidade. Em seguida é analisado o turismo em Vassouras, ressaltando os tours e produtos desenvolvidos nos estabelecimentos chancelados pelo Tour da Experiência, como os divulgados através de um aplicativo para celulares, da mesma forma que os atrativos turísticos trabalhados nos panfletos distribuídos pela secretaria de turismo e pela sociedade civil, e que são considerados parte da memória da construção da cidade, embora não façam parte do projeto Tour da Experiência. O sentido desta análise é ressaltar as narrativas que não são contadas no tour e que podem ser consideradas também como uma experiência histórica. No final do capítulo, busca-se fazer um contraponto entre o contexto de atuação do projeto e a intervenção do MPF com o TAC – Termo de Ajustamento de Conduta aplicado à fazenda Santa Eufrásia, em razão do produto certificado pelo Tour da Experiência.

A escolha deste percurso se justifica por duas razões: a primeira, em função da inexistência de um movimento negro estruturado na cidade, o que faz com que as críticas às narrativas apresentadas nos tours tenham pouca visibilidade social; a segunda refere-se a ação das práticas governamentais locais em relação ao turismo, cujas narrativas desenvolvidas, principalmente ao Tour da Experiência se assentam na imagem do negro escravizado ao mesmo tempo em utiliza a cultura afro-brasileira como produto específico do município.

3.1. O contexto de atuação do Movimento Negro de Vassouras

No município de Vassouras não há um movimento negro estruturado, tal como se concebe um movimento social que milite a favor das causas da comunidade negra no município, que se posicione politicamente a respeito das práticas desenvolvidas para a população negra ou que seja visto como interlocutor nas discussões que envolvam a comunidade, como é no caso do Tour da Experiência. Desta forma, “oficialmente” não há um movimento negro na localidade.

O ex secretário de cultura de Vassouras e atualmente diretor de turismo do município informou que na cidade não há um Conselho de Direito dos Negros, entretanto, ainda segundo ele, já foram realizadas diversas tentativas de reunir membros da comunidade negra para compor, por exemplo um conselho de igualdade racial, sem sucesso. Segundo as perspectivas do diretor, não há um movimento negro político estruturado e/ou institucionalizado na

localidade devido aos fatores ligados à cultura presente na cidade que é fortemente ligada à uma imagem histórica (considerando que a cidade ainda respira a cultura dos Barões), confusão sobre a própria identidade, falta de autoestima, de estímulo, entre outros elementos.

Nota-se que, de acordo com a visão do Diretor, a inexistência de um conselho representativo, um movimento institucionalizado e um órgão destinado às pautas do movimento negro dentro da prefeitura é retrato da não mobilização da própria comunidade negra local, isto é, se não tem conselho é porque não tem movimento. Entretanto, a perspectiva do Diretor se encaixa na leitura que desconsidera as possíveis razões da dificuldade de institucionalização, pois a razão para a ausência de um movimento negro estruturado em Vassouras, não é por culpa da comunidade negra e sim pela dificuldade encontrada pelos militantes e ativistas engajados em debater as questões raciais de forma crítica e analítica, ter efetivamente espaço dentro da prefeitura, além da influência da própria história presente no município, ainda narrada enfaticamente nos tours da região, como já apresentado no capítulo 2.

Apesar do município não possuir um movimento negro estruturado que se apresente politicamente, há figuras importantes que tem representatividade e atuam em prol da comunidade, discutindo e lutando contra a discriminação racial, pois exaltam e valorizam a cultura negra. São essas lideranças reconhecidas que carregam o debate e militam pela cultura negra, são elas: uma guia local, turismóloga, funcionária pública alocada na secretaria de cultura da cidade; a rezadeira mais antiga e reconhecida pela religiosidade e moradora no município de Vassouras desde o nascimento; e o grupo de jongo Caxambu Renascer, fundado desde 2005 que mantém as tradições da cultura afro-brasileira, como a dança.

Segundo um dos representantes do Movimento Negro Unificado que atua na região do Vale do Café, em Vassouras não houve mobilização de nenhuma liderança contra as práticas supostamente racista do tour da experiência nas fazendas, pois a visão dos militantes locais é que a história contada nas fazendas é pertinente, tentam até ressaltar a necessidade de destacar a escravidão com os maus tratos e o sistema de submissão do povo negro para que sobressaia as formas de resistência.

De acordo com a guia oficial local, não há práticas racistas nas atividades turísticas desenvolvidas nesses atrativos. A guia de turismo, credenciada pelo Ministério do Turismo, técnica em turismo, cursou gestão cultural e políticas públicas na UERJ, é funcionária pública na prefeitura de Vassouras, alocada na secretaria de cultura e turismo, desenvolve um trabalho na cidade de promoção e valorização da história, da cultura e da identidade afro-brasileira. Muitas vezes caracterizada de Mariana Crioula, a guia realiza o city tour acreditando ser uma forma de homenagear as suas raízes e dar visibilidade a povo negro. Além do City Tour, a guia trabalha vestida da mesma forma em atrativos que são credenciados pelo Tour da Experiência, como na fazenda Santa Eufrásia, Hotel Santa Amália, Fazenda Cachoeira Grande.

Outras representatividades negras locais, como as rezadeiras da cidade, em destaque a mais antiga, importante líder espiritual local com seus 96 anos e sua sabedoria de vida, atende a comunidade, mas pouco conhece sobre a existência dos tours de experiência e das atividades turísticas desenvolvidas na cidade, porque os órgãos responsáveis da própria prefeitura, assim como o Sebrae e o Mtur, não divulgam para a população local o que efetivamente contém no Tour da Experiência e no turismo da região.

Quanto ao grupo de jongo Caxambu Renascer, inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão como Patrimônio Cultural do Brasil, conforme instrução do IPHAN em relação a preservação do velho Jongo Sudeste, foi fundado em 2005. Segundo uma das líderes do grupo (figura 11), o jongo Caxambu Renascer é fruto de um trabalho de fortalecimento da identidade afro-brasileira em Vassouras, principalmente porque a memória dos jongueiros encontra

materialidade do passado escravista na presença das fazendas de café na região de Vassouras, como em outras também. As casas de fazenda, as senzalas e a relação dos escravos com os senhores estão presentes nos seus relatos e nos pontos que cantam nas rodas de jongo. (OLIVEIRA, 2015, p. 11)



Figura 9: Representantes do Jongo. Fonte: facebook Jongo Caxambu Renascer

Segundo a página Mapa de Cultura RJ (2019), a Associação Afro Jongo Caxambu Renascer preserva suas tradições fazendo encontros onde formam rodas, com mulheres usando saias floridas e blusas brancas, e homens de calça e blusa branca, ambos com suas guias de orixás no pescoço. Há os atabaques que dão o ritmo para o casal que vai para o centro, dançar e cantar.

Segundo o líder, falecido em novembro de 2015, conhecido como Mestre Cacalo, nascido e criado em Vassoura, o jongo Caxambu é composto por cerca de 50 componentes, e que o trabalho que fazem não ficam apenas limitados às rodas, mas propagam e desenvolvem atividades em escolas pela região do Vale do Café para difundir a cultura negra.



Figura 10: Símbolo do Jongo Caxambu Renascer. Fonte: Facebook Jongo Caxambu Renascer

O grupo do jongo Caxambu não se posiciona efetivamente em relação à história contada ou as atividades desenvolvidas no tour. Não se sabe se por desconhecimento do que acontece nesses atrativos turísticos, ou se por não ver problemas nas atividades. O mesmo só realiza apresentações na cidade em dias de festejos culturais e populares que ressaltam a tradição cultural.

A presença e atuação da guia, da rezadeira e do jongo Caxambu Renascer significam uma forma de manifestação e mobilização do movimento negro local, mesmo que formalmente não exista. Considerando a situação aqui destacada, em relação às atividades desenvolvidas pelo Tour da Experiência, a ausência de um posicionamento político estruturado do Movimento negro, contribui para que medidas legislativas não sejam tomadas contra a promoção de uma atividade que reproduz uma prática que gera preconceito e legitima o racismo.

3.2. Atividades Turísticas em Vassouras

A partir das visitas de campo foi possível analisar como o Tour da Experiência vem se desenvolvendo nos atrativos e estabelecimentos, que são certificados pelo programa Economia da Experiência desde 2013 (fruto da expansão do projeto com o “Caminhos do Brasil Imperial”), e aqueles que se utilizam do conceito “turismo de experiência” sem ser credenciados pelo SEBRAE. Foram visitados os pontos turísticos da Praça Barão do Campo Belo, a Igreja Matriz N. Sr da Conceição, Memorial Manoel Congo, a antiga estação ferroviária de Vassouras, o museu Casa da Hera, a Fazenda Cachoeira Grande, a Câmara Municipal de Vassouras, o Botequim Por Acaso, o Hotel Mara Palace e o Hotel Santa Amália. Não foi possível a visita na fazenda Santa Eufrásia em função das reformas na propriedade.

A secretaria de turismo de Vassouras, elaborou um mapa (figura 13) de divulgação com os principais pontos turísticos na cidade. Esses atrativos foram considerados de acordo com as respectivas histórias, importância e relevância na representação da formação da cidade. São cerca de 14 atrativos sendo eles, respectivamente: (1) Praça Barão de Campo Belo; (2) Igreja Matriz N. Sr. da Conceição; (3) Praça Sebastião Lacerda; (4) Cemitério Nossa Sr. da Conceição; (5) Vagão da leitura; (6) Memorial Manoel Congo; (7) Palacete Barão de Itambé; (8) Casa da Cultura; (9) Palacete Barão do Ribeirão; (10) Câmara Municipal de Vassouras; (11) Antiga Estação Ferroviária de Vassouras; (12) Museu Casa da Hera; (13) Observatório Magnético de Vassouras; e (14) Mirante do Imperador.



Figura 11: Mapa/folder dos pontos turísticos da cidade de Vassouras. Fonte PMV/ Secretaria de Turismo de Vassouras, 2018

Esses atrativos, que não estão incluídos no roteiro do Tour da Experiência, grande parte está relacionada às histórias dos grandes Barões de café que ali viveram, e se busca conservar os ares majestosos de outrora e o estilo da época do império⁹. Pode-se quantificar e destacar, mediante o mapa (figura 13), quais deles estão ligados à essa história. São 7 pontos visíveis e considerados como marco histórico-cultural local, envolve a Praça Barão de Campo Belo, Igreja Matriz N. Sr. da Conceição, Cemitério Nossa Sr. da Conceição, Palacete Barão de Itambé, Casa da Cultura (atualmente reconhecida como Casa da Cultura Viva Cazusa), Palacete Barão do Ribeirão, Câmara Municipal de Vassouras e o Museu Casa da Hera.

Segundo a Secretaria de Estado de Turismo (SeTur), a cidade de Vassouras tem como ponto forte e predominante o turismo histórico-cultural. A visitação pelos turistas e excursionistas começa pela Praça Barão de Campo Belo, designado segundo dados históricos, símbolo de Vassouras, que foi construída a pedido do Barão de Campo Belo entre 1835 e 1857. Em seguida, a Igreja Matriz, erguida em 1828 em estilo neoclássico pelo Barão de Ayruuoca.

Outro atrativo muito visitado por turistas que chegam à cidade e por estar inserido nos folders de divulgação do turismo local como o apresentado, é o Museu Casa da Hera (número 12 do mapa). O Museu, antiga casa de Joaquim José Teixeira Leite construída na primeira metade do século XIX, estabelece a relação de um tour histórico-cultural sobre cidade e a figura representativa de Eufrásia Leite, sendo umas das referências para a criação de um “produto certificado” oferecido pelo hotel Mara Palace com o nome “chá com Eufrásia”. A visitação ao museu, aberto para o público desde 1965, tem como finalidade conhecer a história do “ciclo do café” da região, a família Teixeira Leite, importante família da região voltada, principalmente,

⁹ Fonte: Rio +3: Destinos Além do Rio. Publicado pela Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, p. 35

aos negócios entre fazendeiros, compra e venda de negros traficados do continente africano e exportação de café, além de expressar a nobreza e os costumes da época.

O museu detalha efetivamente os costumes da família Teixeira Leite dando destaque a filha do barão, Eufrásia Leite. A influência da cultura dos negros dentro da casa ficou resumida apenas a informação na área da residência destinada às negociações do tráfico dos negros vindos de países africanos. Entretanto, no jardim externo, a partir do ano de 2011, foram colocados bonecos que retratam as figuras de Manoel Congo e Mariana Crioula, personagens que representam a resistência dos negros da região contra a escravidão.

Os bonecos expostos, tentam expressar como símbolos uma homenagem a todos os negros escravizados que contribuíram para a formação histórica, territorial, cultural e econômica da região (que por muito tempo foi escravista e que ainda herda marcas desse tempo). Entretanto, este espaço, voltado à memória do negro, com a exposição de utensílios representativos da época que os escravizados utilizavam para sua subsistência (figura 6), não é tratado com a mesma relevância o que tem dentro da Casa dos Teixeira Leite, e pode-se concluir que uma das razões dessa invisibilidade histórica do negro é devido a opulência da época do império estar fortemente presente nas narrativas que se pretendem expor ao visitante. As virtudes, os costumes da grande nobreza que ali viveram são lembrados e unificados de forma majestosa, requintada e glamourosa. E os costumes de quem realmente deu o sangue, a força e a vida - o negro - não é devidamente exposto porque a imagem turística de Vassouras é a riqueza e nobreza no “ciclo de café”.



Figura 12: Utensílios dos escravos no preparo das refeições. Fonte: Acervo da Autora (2018)

Um dos atrativos do mapa (figura 5) que não se enquadra nas histórias dos Barões de Vassouras no ciclo do café é o Memorial Manoel Congo, que fica localizado no largo da antiga forca e pelourinho, e que foi construído em homenagem ao líder quilombola que abalou o império em 1838 comandando a maior rebelião da região das fazendas do Vale do Café.

Este atrativo foi inserido para mostrar que há outras narrativas, histórias que fizeram parte da história da cidade, embora os barões sejam sempre lembrados, a riqueza dos nobres sempre exaltada. Observa-se a falta de divulgação e estímulo pela própria secretaria de turismo local aos turistas para conhecer a outra história.

O Memorial que devia ser um ponto de referência da importância da cultura negra no local e receber recursos técnicos e financeiros da prefeitura, se encontra em um estado de

descaso e abandono. As ruas de acesso ao atrativo estão precárias devido à ausência de infraestrutura. A coleta de lixo não é regular, ocasionando assim acúmulo de resíduos próximo a entrada do Memorial. Além da falta de saneamento básico em seu entorno.



Figura 13: Memorial Manuel Congo. Fonte: Acervo da Autora (2018)

Dentro do memorial, foi possível observar como a história de um dos maiores líderes quilombolas que existiu na região é contada. Notícias, reportagens são retratados em folhas de papel ofício, em péssima conservação e destruídos em razão do tempo, como se pode observar na foto abaixo. Quase não é possível a leitura. Não há um guia de turismo, historiador ou alguém responsável dentro do local que possa explicar sobre as histórias do período imperial e dos quilombolas na região e a importância do memorial na cidade.



Figura 14: mural do Memorial Manuel Congo. Fonte: Acervo da Autora (2018)

Há de se considerar que o ponto turístico na verdade não retrata a importância da cultura, memória e história negra local. No espaço não ocorrem manifestações como danças, encontros, festividades que relembrem os costumes e tradições da cultura afro-brasileira. No próprio mês de novembro, considerado um mês onde diversos eventos sobre a conscientização racial negra acontecem em quase todo território nacional, não houve no município nenhum incentivo de valorização e destaque para tal. O calendário turístico cultural, como apresentado na figura 17, não apresenta nenhum evento próximo ao Memorial em novembro, e sim atividades apenas como o Dia Nacional da Cultura e o Viva Cultura, que acontece no Centro Cultural Cazuya e que são financiados geralmente por entidades privadas responsáveis pelo Centro Cultural tendo apoio do órgão público municipal, a prefeitura, onde são divulgados.



Figura 15: Calendário Turístico Cultural 2019 Fonte: Secretaria de Turismo de Vassouras (2019)

Entretanto, neste calendário turístico cultural há informações relevantes sobre as atrações e manifestações que se apresentam no decorrer do ano, como destacado pela secretaria de turismo de Vassouras. As atividades elaboradas representam a riqueza cultural do local e os meses as quais elas representam devido aos contextos históricos. Observa-se que a maioria desses eventos estão ligados à cultura popular.

A tradição e história de Vassouras com apresentações ligadas a folia de reis no mês de janeiro, o samba no mês de fevereiro, café, cachaça e chorinho no mês de abril, o festival do café (no mês de julho), o dia do folclore no mês de agosto o tributo à Manoel Congo no mês de setembro, estão presentes junto com o projeto Viva Cultura, que acontece desde 2012 (antigamente realizado no Museu Casa da Hera e atualmente no Centro Cultural Viva Cazuzu. Conforme exposto na figura 17, o projeto Viva Cultura Popular tem como objetivo difundir e fortalecer a rica e variada cultura do Vale do Café, além de promover o diálogo e o intercâmbio entre os grupos culturais locais.

De acordo com o Programa Nacional de Educação Museal - PNEM (2019), desde sua implementação, o projeto contou com o apoio dos grupos de cultura popular e órgãos da prefeitura, tais como a Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura de Vassouras, que, inclusive, foram consultados em reuniões realizadas durante a elaboração da ação. O projeto já atuava mensalmente desde 2013, porém com a falta de apoio externo deixou de ser realizado com frequência, e passou a ocorrer somente em eventos específicos e datas comemorativas em Vassouras. Atualmente, como observado no folder do Calendário Turístico (figura 18), o Projeto “Viva Cultura Popular!” está presente em todos os meses do ano de 2019, e assim todos os principais grupos de cultura popular de Vassouras foram contemplados para realizarem suas apresentações e atividades, como o Abadá Capoeira, a Capoeira Arte Rasteira, o Jongo Caxambu Renascer de Vassouras, a Caninha Verde do Morro da Vaca e o Eta Calango. (PNEM, 2019)



Figura 16: Viva Cultura! Fonte: Programa Nacional de Educação Museal

A ausência de manifestações e eventos nas proximidades do Memorial Manoel Congo no mês de referência nacional à consciência negra (novembro), aparentemente pode levar a pensar que não há uma preocupação com a cultura/história negra local, principalmente porque o calendário oficial de eventos da cidade traz no mês de setembro o tributo realizado ao grande líder dos negros escravizados do Vale do Café. O tributo, segundo o convite (figura 19) elaborado e divulgado em 2017 como uma forma de propaganda turística, é uma mensagem que a prefeitura de Vassouras, através da Secretaria de Cultura e Turismo, faz homenagem à

memória do líder quilombola morto, em seu mês de morte. Na figura 17 pode se observar que o evento dispõe de palestras para narrar a história do líder e da companheira, Mariana Criola, além de contar também com apresentações de grupos culturais, como o jongo, caninha verde, capoeira, roda de samba.



Figura 17: Convite ao tributo à Manoel Congo: facebook Jongo Caxambu Renascer

Tanto o memorial quanto o tributo são duas formas de retificar uma história, o memorial Manoel Congo é um espaço construído para ser utilizado e visitado apenas para lembrar à sua morte, como descrito acima, ou seja, é a morte e não o legado que deve ser lembrado, por isto a prefeitura não faz este tributo em novembro. Limitando assim a trajetória e a importância da valorização da diversidade de culturas existentes, a interculturalidade e as narrativas na história brasileira e na formação da cidade. Além dos quadros (figura 16) com informações que contam a trajetória de um dos maiores líderes negros da época do império em papéis desmanchados pelo tempo, a casa só dispõe de uma mesa de centro e uma placa com os dizeres: “A luta pela Liberdade eterniza o homem”.

Essa frase pode nos levar a reflexão de como a luta de um povo escravizado foi e é invisibilizada, sem ganhar a devida atenção pelo mérito de sua resistência. Esse povo, através das políticas de Estado com suas ações de esquecimento, é eternizado em sua invisibilidade e/ou subalternidade. A atuação ou a ausência do poder público local reflete o que ainda existe na sociedade: o racismo institucional e estrutural.

O memorial por ser um símbolo que representa a resistência e memória da comunidade negra deveria ter representatividade, valorização, reparo e cuidados para que outras identidades pudessem ser narradas e contadas com o mesmo tratamento que é o de encantamento a quem visita as fazendas, museus que retratam a vida dos barões e sinhas da época do império brasileiro. Mas, infelizmente, o abandono e o descaso dos órgãos públicos locais a esse monumento demonstram a seletividade da história e o que resolveram ressaltar, escolhendo contar e narrar de maneira que abrilhantam os aspectos voltados a nobreza em detrimento dos da cultura/história negra.

O City Tour da cidade, como já foi dito, é realizado pela guia de turismo caracterizada de Mariana Crioula, ela conta narrativas da época do Brasil Imperial através das histórias grandiosas dos grandes barões que enriqueceram a cidade de Vassouras, conta também a história dos negros, dizendo que eles construíram o local. Visita os diversos atrativos que relembram onde viviam os Barões, a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição que fica na praça Barão de Campo Belo onde se realizavam as missas e às quais só a nobreza podia frequentar. As únicas narrativas surgidas sobre o negro dentro do city tour, além do motivo da vestimenta da guia, é que a cidade recebeu grande número de escravizados, tendo a praça Barão de Campo Belo o local onde os negros se reuniam para fazer “fofoca”, e que os mesmos ficavam nas “sarjetas” quando estavam próximos aos locais onde a elite frequentava, colocando-os no meio-fio, no nível mais baixo da rua.

Segundo a guia (2019), na cidade de Vassouras, o projeto DTI (Destinos Turísticos Inteligentes)¹⁰ vem atuando há 1 ano, e é formado pelos responsáveis do *trade* turístico da cidade, que tem o nome “Café com Turismo”. O grupo do DT de Vassouras é composto pelo secretário de Turismo, empresários e agentes que estão envolvidos com a atividade turística no local. O grupo realiza troca de mensagens por uma rede social, que envolve discussões, ações a serem praticadas na cidade em relação ao projeto para um fim específico, datas de reuniões etc.

Uma das ações do DTI na cidade de Vassouras é o *Urban Hacking* - Invasão Urbana. Segundo a guia (2019), *Urban Hacking* teve como objetivo valorizar a cultura local e dar visibilidade aos artistas da região. Esta ação aconteceu na Fazenda São Luiz da Boa Sorte, que elaborou um produto com o nome “Uma viagem ao tempo do Barão e aos Escravizados”. Esse projeto buscou ofertar um “turismo pedagógico” com a inclusão da Lei 10.639/03¹¹ no roteiro oferecido às escolas públicas da cidade. O roteiro envolvia a visita da parte restaurada da fazenda como a senzala onde foi construído, em uma parte desta área, o Museu do Café, local onde os guias de turismo, utilizando vestimentas que caracterizam o período imperial, proporcionam narrativas sobre a história do negro e as relações de subserviência aos seus “donos”. Atualmente a visita não é mais oferecida às escolas públicas, e tornaram essa ação como mais um potencial produto a atender turistas que buscam ter essa experiência. Entretanto, não é realizado com frequência, a fazenda não tem interesse, já que a visita deve ser realizada em grupo com o mínimo de 10 pessoas, sendo o valor cobrado de cento e trinta e cinco reais com direito ao almoço, e com duração de 2 horas.

Muito parecido com o projeto Tour da Experiência, a guia (2019) afirma que também o DTI não tem uma agenda formal de eventos, datas específicas, mas o objetivo é ressaltar a cultura local e a inserção da comunidade no mesmo. Assim como o tour, e conforme as informações disponíveis em meio virtual e por agentes governamentais locais, pouco se pode

¹⁰ não foi revelado quantos componentes fazem parte do grupo

¹¹ A Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Fonte: www.planalto.gov.br Acesso em: 08 de janeiro de 2019

notar a inserção da comunidade local no projeto ou até mesmo a valorização de uma cultura afro-brasileira local, pode-se apenas observar uma ampliação de informação, mas todas restritas à memória do negro como o escravo e as formas de torturas e maus tratos a que estavam submetidos. A semelhança fica clara nos textos abaixo, o primeiro do Tour

A abordagem metodológica busca trabalhar a valorização da singularidade local através da sua cultura, o resgate das histórias, mitos e lendas, de forma simples e objetiva visando desenvolver novos produtos e serviços ou agregar valor aos já existentes, visando promover o encantamento dos turistas em atendimento a demanda existente que procura envolver o visitante em experiências turísticas, surpreendendo-o para que, dessa forma, aumente a competitividade dos empreendimentos e destinos e aumente o fluxo turístico. (Fonte: http://www.tourdaexperiencia.com.br/arquivos/manual_adexao.pdf Acesso em: 08 de fev 2019)

E o segundo do DTI

O projeto Destinos Turísticos Inteligentes é realizado em diversas regiões do estado. É uma proposta do Sebrae para oferecer ao visitante a melhor experiência turística, promovendo a interação do turista com o destino, por meio de tecnologias inovadoras, governança e sustentabilidade. Dois aplicativos desenvolvidos pelo Sebrae, o Tour da Experiência – Caminhos do Brasil Imperial, e Embaixadores dos Parques Nacionais, também são aliados dos empresários na divulgação dos destinos. (Agência Sebrae de Notícias, 2018)

Diferente do DTI, o projeto Tour da Experiência dispõe de um aplicativo (para ser acessado de forma gratuita em qualquer aparelho celular), com o objetivo de elencar todos os atrativos e estabelecimentos que estão dentro do tour na região do Vale do Café. É possível filtrar a pesquisa informando a localidade e obter a informação de onde ir, o que comer, onde dormir e que o fazer. Na pesquisa relacionada à cidade de Vassouras, o aplicativo fornece informações como o City Tour pelo centro histórico, o hotel e o restaurante colonial Mara Palace, hospedagem customizada na fazenda Cachoeira Grande (não acontece mais), visita guiada histórica à fazenda Cachoeira Grande, festival Vale do Café (que completou 16 anos de existência em 2018, que tem como finalidade valorizar a cultura presente na região), festa cigana no Hotel Santa Amália, Chá com Eufrásia.

Pode-se perceber que os produtos certificados pelo programa Economia da Experiência, apenas dois destes estão colocados como informativo no aplicativo: a visita guiada à fazenda Cachoeira Grande e o Chá com Eufrásia. As atualizações dos produtos no aplicativo são aplicados aos outros municípios como Valença, que apresenta programações que aconteceram durante o ano de 2018 na fazenda Florença.

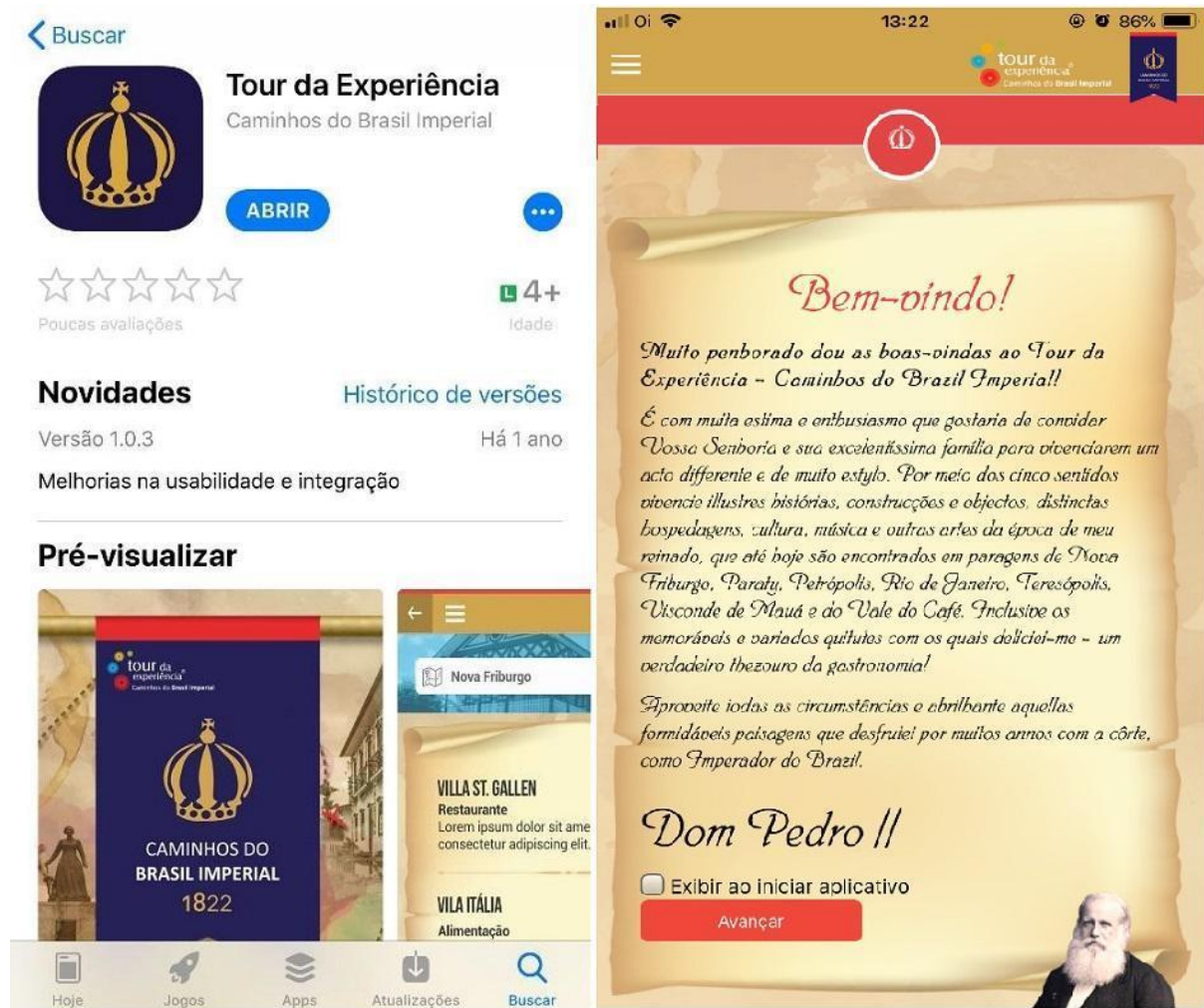


Figura 18: Informações do aplicativo Tour da Experiência. Fonte: Tour da Experiência (2018)

Importante destacar que a apresentação no aplicativo, logo de início (como destacado na figura 20), é idealizado na saudação de “boas vindas” de Dom Pedro II. A comunicação da carta tenta associar a escrita como acontecia no tempo do Império, e com os dizeres de que o Imperador tem o prazer de receber e convidar o “visitante” (turista) a desfrutar e vivenciar uma experiência diferente e de muito estilo, através dos sentidos, histórias, construções e objetos, hospedagens, cultura, música e outras artes de sua época. Terminando a carta com a mensagem: “Aproveite todas as circunstâncias e abrilhante aquelas formidáveis paisagens que desfrutei por muitos annos com a côrte como Imperador do Brasil”.

Ao ler essa apresentação e método informativo que o próprio aplicativo dispõe, podemos perceber que a história valorizada nos tours é aquela vivenciada por Dom Pedro II, como as belas paisagens, as comidas, a sofisticação, os costumes, dentre outros elementos que relembram a nobreza, grupo do qual ele pertencia. A cultura afro-brasileira, a história do negro e suas vivências não estão incluídas nessa saudação de boas vindas de Dom Pedro II. Essa cultura destacada e querendo ser experienciada está engessada na história branca local/nacional, em outras palavras, enfaticamente eurocêntrica e colonizadora.

Os costumes da culinária afro-brasileiras, as danças como o jongo e a capoeira são exploradas e vendidas no Tour, como está disponível no aplicativo, sob um viés de representação de uma cultura. Porém, toda essa apresentação e produtos elaborados escondem como a cidade foi construída pelas mãos dos negros escravizados, valorizando somente os

grandes Barões, sendo quase unicamente as ruas nomeadas com nomes da elite vassourense da época, o “ciclo do café”, a nobreza, e assim, pouco se aprofundam da riqueza da cultura do povo negro que ali residiu e resistiu.

O informativo ao demonstrar a vivência da época do Império de Dom Pedro II sob a ótica do sistema escravocrata, traz à tona o negro novamente como o submisso e inferior, ou o mais comum, invisível. O aplicativo e meios de divulgação do tour da experiência, como na figura 14 e 15, onde foi realizado um pequeno mapa turístico ilustrativo da região do Vale do Café com a inserção do Projeto Tour da Experiência destaca a ilustração do café como produto e identidade da região, a casa grande representando as fazendas, o imperador Dom Pedro II personificando a riqueza e a nobreza da época imperial, e os quitutes que eram servidos como forma de cordialidade aos visitantes/nobres.





Figura 19: Mapa ilustrativo do Tour da Experiência no Vale do Café (frente e verso). Fonte: Sebrae, 2015

A experiência que busca ser vivenciada não coloca a cultura afro-brasileira em destaque na ilustração e muito menos nos tours realizados. A prática está fortemente calcada em reproduzir uma época na qual a sociedade era escravocrata e a imagem de que a riqueza do vale eram só os barões e seus costumes, conforto e glamour, como é possível observar na figura 22, onde as imagens mostram a culinária colonial, os senhores das fazendas e seus escravos, as festas e banquetes. É essa a vivência que o Tour da Experiência mostra em seus meios de divulgação e nos produtos elaborados para alcançar seu público-alvo - os turistas.

A guia informa que todas as fazendas de Vassouras possuem seus produtos e que os estabelecimentos contidos no projeto Tour da Experiência apenas recebem o certificado do SEBRAE e o recurso técnico que o mesmo oferece. Ainda explica que esse recurso técnico é a forma que o órgão orienta o empreendedor através de sugestões de como realizar o tour e a divulgação da atividade. Entretanto, os discursos são contraditórios, como o que conta a proprietária da fazenda Cachoeira Grande.

A fazenda Cachoeira Grande começou a receber os turistas por volta do ano de 1999-2000. Na propriedade foram realizadas atividades que fizeram parte do Festival do Vale do Café e a inserção do Tour da Experiência com o produto certificado pelo Sebrae, a visitação histórica na fazenda. Segundo a proprietária¹², o Tour da Experiência passou a ser apenas uma certificação. Não há repasses, fiscalização ou controle do SEBRAE com o produto. O que podemos notar é apenas a divulgação no aplicativo, nos folders que secretaria de turismo distribui, mas sem a real intenção de atingir algum público-alvo.

Na propriedade, como comentado acima, entre 2003 até 2016, ocorria o Festival do Vale do Café. O festival era a “cereja do bolo”, o evento primordial que acontecia na fazenda, devido ao glamour que reproduzia em suas produções que relembavam a riqueza de um Brasil

¹² Em entrevista realizada em novembro de 2018.

Imperial e seus costumes eurocêntricos. Mas as atividades se encerraram entre os anos de 2015 e 2016, pois ficou muito caro, trabalhoso e pouco lucrativo.

Em uma das paredes da sala de estar da propriedade (figura 22), há fotos do festival do Vale do Café que acontecia na fazenda, e essas fotos mostram como as atividades eram realizadas. Funcionários da fazenda se vestiam a caráter que lembravam os trajes da época, com negros vestido de pessoas escravizadas, brancos com vestimentas de sinhá, barão, entre outras características. Nenhuma história, novamente, sobre os negros foi lembrada, a não ser de subserviência e silenciamento perante a nobreza.

A proprietária da fazenda ressalta que o Tour da Experiência foi uma tentativa de manter esse tour do glamour com o produto que seria o “Banquete Imperial”, que custava cerca de 300 reais por pessoa e deveria ter no mínimo 18 pessoas para que pudesse ser realizado, como já descrito no capítulo 1.



Figura 20: Fotos do Festival do Vale do Café e do Banquete Imperial da Fazenda Cachoeira Grande. Fonte: Acervo da Autora (2018)

Já no Hotel Santa Amália, estabelecimento certificado pelo projeto Tour da Experiência com O Batuque dos Quilombo e a Cozinha da Baronesa, é um dos únicos produtos que ainda acontece. A afirmação feita pelos responsáveis para a manutenção da realização da atividade tem como base a tentativa de valorizar a cultura negra, como demonstrar a base de toda riqueza da construção do Vale, através das manifestações, como a culinária, o jongo, a capoeira, etc. Segundo informações coletadas no Centro de Atendimento ao Turista em Vassouras, essa atividade não tem período certo de acontecer, não há cronograma a seguir, mas é um dos produtos que são mais vendidos e procurados na cidade pelos turistas que procuram o turismo de experiência e que geralmente suas exibições acontecem entre março e agosto, entretanto é passível de alterações.

No Botequim Por Acaso, um dos estabelecimentos que mais se aproximou do conceito de turismo de experiência, como explicado no Cap. 1, não proporciona atualmente um cardápio ou um prato específico como elaborado para ser inserido no projeto. Hoje, é apenas um bar, e não está mais incluído no roteiro do Tour da Experiência no aplicativo disponível.

A partir dessas informações é possível perceber também uma analogia às festas que aconteciam na época do Império, em que os escravos cantavam e dançavam para os senhores em dias de festejos para animar o ambiente, como exemplo o que acontece com o produto elaborado para o tour da experiência no hotel Santa Amália.

A divulgação dos eventos contidos nos folders turísticos (figura 18) pouco destaca as manifestações que representam a cultura negra. Temos o Viva Cultura, mas este projeto, como já explicado, reúne grupos populares como o jongo, capoeira, para lembrar a cultura tradicional da cidade, mas esse projeto não especifica a valorização da cultura afro-brasileira, como se esse popular não fosse negro.

Nos outros meios de divulgação, como veremos nos próximos itens, há um folder turístico, pouco circulado na cidade, que constam eventos voltados às tradições da comunidade negra, mas estes acontecem unicamente no mês de julho, não havendo em outras épocas do ano realce para a cultura dos afrodescendentes, embora em outro folder haja destaque em setembro (em razão da morte do grande líder quilombola Manoel Congo) e o mês de novembro, conhecido nacionalmente como o mês da consciência negra.

3. 3. Um contraponto: O TAC

A pesquisa na cidade teve como objetivo também buscar informações que sobre os desdobramentos da inserção do MPF e a criação do TAC no tour da Fazenda Santa Eufrásia. Foram procurados os representantes do Movimento Negro que estiveram à frente da mobilização, principalmente as lideranças negras representativas do município de Vassouras.

A guia que afirma que esteve presente nas reuniões que resultaram no TAC, acreditando que não via problema nos tours e que foi uma lástima toda essa mobilização que infelizmente resultou no adocimento da proprietária da fazenda Santa Eufrásia, Elizabeth Dolson. Sobre o TAC, a guia ainda diz que é uma situação delicada e que no seu ponto de vista não consegue ver o tipo de preconceito que dizem que estava acontecendo, pois a única situação desenvolvida era a caracterização da Sinhá e da Mucama nos tours. A mesma diz que isso dá visibilidade à história, identidade e memória do negro. Mostrando o outro lado, das raízes, dos ancestrais. Ela acredita que a caracterização não é racismo e sim uma forma de não esquecer da história que existiu.

Depois do TAC, a guia acredita que o negro ficou ainda mais invisibilizado no Vale, pois as fazendas não queriam mais contratar as pessoas negras para caracterizar, trabalhar, porque não queriam sofrer as penalidades como a proprietária da fazenda Santa Eufrásia sofreu.

A guia acha importante a intervenção e conhecer os produtos que são oferecidos no tour, entretanto, ela diz que coibir e “colocar tudo no mesmo saco” dificulta o tipo de turismo, a rentabilidade e oferta de empregos. Como a mesma relata, teve situação em que ela teve a oportunidade de ser contratada por uma fazenda para fazer esse tipo de tour, pois a fazenda para que ela usasse roupas de sinhá, e na outra, pediram para que ela não se caracterizasse como Mariana Crioula (o que ela negou, na medida em que o uso da roupa a caracteriza na cidade) e que fosse realizar o tour com roupas “normais”, “comuns”, sem representação a nenhum personagem.

A guia faz analogia às baianas que usam vestimentas para receber os turistas, assim como as mulheres que se caracterizam e dançam ao representar o estereótipo da cultura alemã em Petrópolis. Desta forma, a guia questiona o porquê de só considerar uma reprodução racista o Tour da Experiência com encenações sobre o sistema escravocrata nas fazendas do lugar.

Segundo o diretor de turismo da cidade, acredita que o MPF e a elaboração do TAC proporcionou algo positivo como o olhar do Estado sobre a temática racial que acontece na cidade, entretanto o diretor questiona o modo como foi propagada as informações expostas no *The Intercept* pela jornalista Cecília, que sequer foi a fazenda Santa Eufrásia para averiguar os fatos, não informando a real atividade turística desenvolvida, e inclusive já existia. O diretor afirma que há/havia situações piores das denunciadas ao MP, pois havia/há encenações em outras fazendas que contavam suas narrativas baseadas nos instrumentos de tortura dos negros nas senzalas, os barões como cordiais aos escravos e sempre vencedores¹³.

O diretor destaca ainda que o movimento negro da região (das cidades próximas) queria utilizar o TAC para proibir qualquer tipo de representação da escravidão, o que era negativo, pois em sua perspectiva não se podia negar/esconder a história. Na fazenda São Roque, como ele afirma, foi criado um projeto com teatro, em conjunto com episódio da fazenda histórica Santa Eufrásia como estratégia de represália para provar que era possível falar da escravidão, tratar esse período como produto turístico, sem espetacularizar e ridicularizar os negros. Trata-se de uma peça teatral com pessoas caracterizadas com um roteiro dentro da fazenda e que acontece sob forma agendada de um grupo com um mínimo de 10 pessoas.

Sobre o posicionamento da guia de turismo e do diretor de turismo, pode-se afirmar que a atividade turística em Vassouras, especificamente nas fazendas e nos dois hotéis que fazem parte do projeto do Tour da Experiência, para eles o turismo o que acontece no local é enriquecedor, mesmo com alguns problemas operacionais como comunicação e recursos da prefeitura. Consideram que a forma como é desenvolvido o tour é um método de contar uma história que existiu no Brasil, e assim não veem ou consideram uma prática racista e preconceituosa. Importante frisar que, em relação a guia de turismo, que guia vestida lembrando Mariana Criola e chamando os visitantes de Sinhá ou Sinhozinho, é reforçar um estereótipo do negro escravizado em sua situação de opressão. Devemos deixar claro que essa reprodução não é culpa da guia de turismo, que precisa do trabalho como fonte de renda, e sim daqueles que querem reforçar um turismo de experiência baseado no Brasil escravocrata, enfatizando o branco dominador pertencente a nobreza e o negro como “pobreza natural”.

Assim, sobre as visões dos entrevistados, ambos tentam argumentar que não há racismo nessas atividades e que retratar o período da escravidão é um produto comum como outros vendáveis na indústria do turismo. Só que esquecem de articular e trazer para essas atividades a resistência e a importância da cultura africana no município de Vassouras. Fazer do Tour uma estratégia para abordar como se construíram ali as relações raciais, esmiuçando a importância da construção histórico-cultural dos usos do conceito de raça, etnia, mestiçagem e suas implicações no território através de um turismo pedagógico, com utilização de atividades lúdicas (apresentação informal, rodas de conversas, encenação, etc) e prazerosas, afinal é momento de lazer.

Como afirma Munanga (2019), “a diversidade é uma riqueza da humanidade”. Sendo assim, afirma-se que nos tours não são oferecidos a riqueza existente, visto que só uma história narrada é valorizada e exaltada, não só por excluir a história do outro, um dos elementos que compõe o racismo, mas por não explorar a tensão do convívio entre os grupos sociais. É como

¹³ Ele citou vagamente a fazenda São Roque, mas não quis detalhar porque atualmente fa mesma fazenda az um trabalho pedagógico de resgate da cultura negra

se afirmássemos que uma dada cultura não é digna de ser lembrada. Se o negro contribuiu para o processo de construção cultural do Brasil, trouxe religião, visão de mundo, culinária, conhecimentos medicinais, não podemos negligenciar toda essa influência. Além de ter produzido riqueza, construiu o Brasil com seu suor e sangue. (MUNANGA, 2019)

A Lei 10.639 poderia de fato ser aplicada aos tours, mas para isso é necessário que a comunidade negra esteja presente no *trade* turístico de Vassouras amplie seu olhar para o sistema racista e estrutural existente. A lei contribui e auxilia para trabalhar a questão da história do negro com propostas pedagógicas diferentes, que vêm a enriquecer a educação. O turismo também pode ser considerado uma atividade educacional, pedagógica. Há diversas formas de trabalhar esse turismo de experiência.

3.4. O vale Verde é negro!

“Tem batuque, jongo, capoeira
Na mandinga da vovó benzedeira
No terreiro firma o ponto, gira dos meus orixás
Força da fé que dobra o capataz”

(Samba enredo da Império da Tijuca, 2019)

O enredo da escola de samba Império da Tijuca (2019) nos permite observar como as origens do Vale carregam fortemente as identidades negras. As tradições vindas da própria cultura afro-brasileira são enfatizadas com a presença dos batuques, que se refere às rodas de jongo e capoeira, as formas de resistência dos negros contra a violência dos senhores e para instrumento de manutenção de suas memórias. O destaque das benzedeadas, que reconstrói a ideia de religiosidade dos negros escravizados com o culto da natureza e com a celebração dos orixás.

Segundo Siqueira e Santos (2015), na terra dos barões, os governantes juntamente com aqueles que desenvolvem o turismo local, como empresários de hotéis, pousadas, restaurantes, resolveram, a partir de seus próprios interesses, desenvolver o mercado turístico do município, “colocar o bloco na rua”, apresentando diversas manifestações culturais como a caninha verde, a folia de reis, as rezadeiras, os sanfoneiros, o calango, o maculelê, a capoeira, o jongo e a culinária afro-brasileira, realizando assim uma exaltação das manifestações da cultura negra, como é possível observar no folder divulgado (figura 23) pela sociedade civil Abrace Vassouras, com o nome “Riquezas e Tradições do Vale”, em que consta as características de cada uma dessas manifestações, assim como datas de apresentações e os períodos em que acontecem durante o ano.

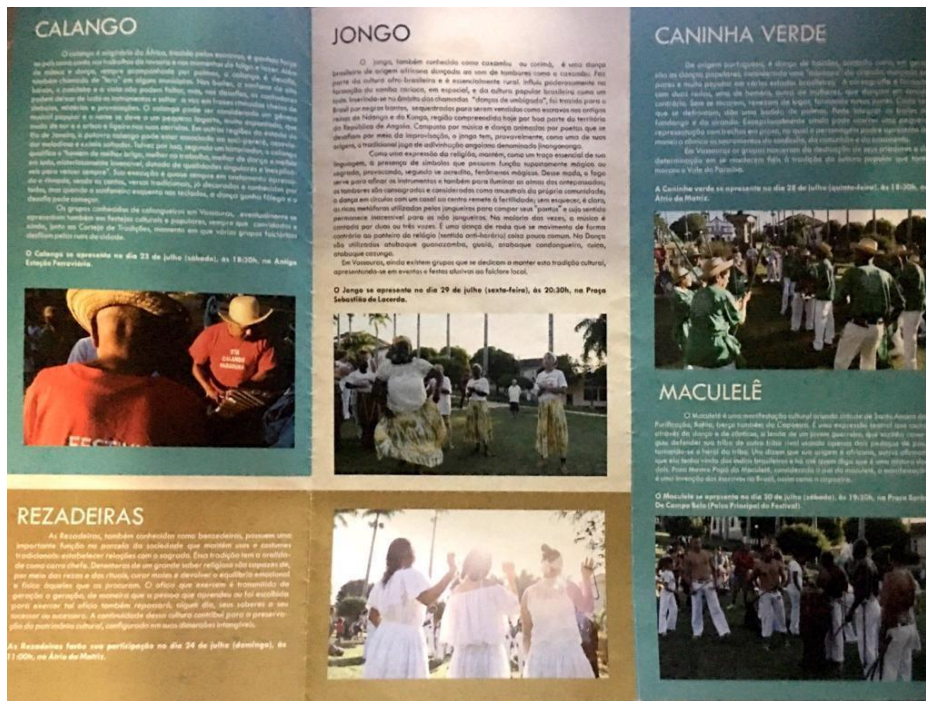


Figura 21: Folder com as datas dos eventos e apresentações que acontecem no ano em Vassouras.

No folder está descrito os eventos que acontecem unicamente no mês de julho na cidade, como o calango, jongo, as rezadeiras, caninha verde, maculelê, capoeira e folia de reis. É folder que revela majoritariamente tradições da cultura afro-brasileira existente no município que se apresentam na cidade.

De acordo com o folder, a história dessas tradições segue um roteiro histórico, partindo do calango, visto como sendo originário da África, trazido pelos escravos, e que ganhou força no país como canto nos trabalhos da lavoura e nos momentos de folga e lazer. Através da música e da dança, é acompanhado por palmas. A sanfona de oito baixos, o pandeiro e a viola estão presentes, como as frases ritmadas cheias de símbolos, mistérios e provocações. O calango é, pela cidade, considerado um gênero musical popular, cujo nome se deve a um pequeno lagarto, muito espantado, que muda de cor e é arisco, ligeiro nas suas corridas. Em outras regiões do estado do Rio de Janeiro, a palavra calango pode estar associada ao saci-pererê, assobiador melodioso e exímio saltador.

Os grupos de calangueiros de Vassouras se apresentam em festejos culturais e populares, sempre convidados e ainda, junto ao Cortejo de Tradições, momento em que vários grupos folclóricos desfilam pelas ruas da cidade. Para a comunidade negra, segundo a guia, a manifestação desses grupos é importante por ressaltar a cultura que ainda prevalece na região, como forma identitária do povo negro e as apresentações servem de reconhecimento dessa população.

Outra atração popular, incluído no folder do Abraces Vassouras, são as rezadeiras da cidade. As rezadeiras, também conhecidas como benzedeadas, possuem uma importante função na comunidade pois mantém usos e costumes tradicionais, estabelecendo relações com o sagrado. Essa tradição tem na oralidade a sua base para manutenção da tradição. Detentoras de um grande saber religioso são capazes de, por meio das rezas e dos rituais, curar males e devolver o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram. O ofício que exercem é transmitido de geração a geração, de maneira que a pessoa que aprendeu ou foi escolhida para exercer tal ofício também repassará, algum dia, seus saberes a seu sucessor ou sucessora. A

continuidade dessa cultura contribui para a preservação do patrimônio cultural, configurado em suas dimensões intangíveis. Como exemplo, a rezadeira mais antiga, como citada no início do capítulo, cuja história está enraizada no saber religioso e sua relação com a cidade. A secretaria de turismo não soube informar quantas rezadeiras há no município e nem informar sobre esse tipo de manifestação, pois não é do interesse deles trabalhar a importância da cultura das rezadeiras no município, elas são vistas apenas no contexto da manifestação cultural, que inclui os interesses econômicos vindo da atividade turística (segmento cultural).

Além das rezadeiras, o folder traz em destaque o jongo, também conhecido como caxambu ou corimá, é uma dança brasileira de origem africana dançada ao som de tambores como o caxambu. Faz parte da cultura afro-brasileira e é essencialmente rural. Influuiu poderosamente na formação do samba carioca, dando destaque a cultura popular brasileira como um todo. A roda conta com as chamadas “danças umbigadas” que foi trazido para o Brasil por negros bantos, sequestrados para serem vendidos como escravos nos antigos reinos de Ndongo e do Kongo, região compreendida hoje por boa parte do território da República de Angola. Composto por música e dança animadas por poetas que se desafiam por meio da improvisação, o jongo tem, provavelmente, como uma de suas origens, o tradicional jogo de adivinhação angolano denominado jinongonongo. (Abrace Vassouras, 2018)

Segundo a sociedade civil Abrace Vassouras (2018), como uma expressão da religião, o jongo mantém a presença de símbolos que possuem função sagrada. Segundo os elementos que compõem, seus respectivos conceitos se enquadram como exemplo o fogo que serve para afinar os instrumentos e também para iluminar as almas dos antepassados; os tambores são consagrados e considerados como ancestrais da própria comunidade; a dança em círculos com um casal ao centro remete à fertilidade; e as ricas metáforas utilizadas pelos jongueiros para compor seus “pontos” e cujo sentido permanece inacessível para os não jongueiros. É uma dança de roda que se movimenta de forma contrária ao ponteiro do relógio (sentido anti-horário) coisa pouca comum. Na Dança, são utilizados atabaque guanazamba, guaiá, atabaque candongueiro, cuíca, atabaque cazunga.

Em Vassouras, ainda existem grupos que se dedicam a manter esta tradição cultural, apresentando-se em eventos e festas alusivas ao folclore local, como o Jongo Caxambu. Para a comunidade negra o jongo representa a herança dos ancestrais, como afirmado pela líder do grupo. As rodas de jongo fazem parte da cultura de Vassouras, cultura negra sem a interferência da cultura dos Barões. Traz a autenticidade e identidade para a comunidade.

Outra manifestação é a Caninha Verde, essa de origem portuguesa. A Caninha Verde é uma dança de bastões, uma dança popular, considerada como “miudeza” da ciranda, dançada em pares e muito popular em vários estados brasileiros. A coreografia é formada com duas rodas, uma de homens, outra de mulheres, que dançam em sentido contrário. Sem se tocarem, revezam de lugar, formando novos pares. Cada vez que se defrontam, dão uma batida de palmas. Pode integrar os bailes do fandango e da ciranda. Excepcionalmente ainda pode ocorrer uma pequena representação com trechos em prosa, no qual o personagem padre apresenta de maneira cômica os sacramentos da confissão, da comunhão e do casamento.

O maculelê, é outra manifestação que está inserida no folder do Abrace Vassouras. Mas não foi possível saber quantos grupos existem no município, pois muitos grupos vêm de fora do estado do Rio de Janeiro para apresentação. É uma manifestação cultural oriunda da cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia, berço também da Capoeira. É uma expressão teatral que conta através da dança e de cânticos, a lenda de um jovem guerreiro, que sozinho conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo. Uns dizem que sua origem africana, outros afirmam que ela tenha vindo dos índios brasileiros e há até quem diga que é uma mistura dos dois. Para Mestre Popó do Maculelê,

considerado o pai do maculelê, a manifestação é uma invenção dos escravos no Brasil, assim como a capoeira.

Já a Folia de Reis é uma festa católica que celebra a visita dos Três Reis Magos, com o intuito de comemorar o nascimento de Jesus Cristo em 25 de dezembro, adotou-se a data da visita dos Reis Magos como sendo o dia 6 de janeiro. Na cultura tradicional brasileira, os festejos de Natal eram comemorados por grupos que visitavam as casas tocando músicas alegres em louvor aos “Santos Reis” e ao nascimento de Cristo. No Brasil, essa visita é feita por grupos organizados, compostos por músicos tocando instrumentos, em sua maioria de confecção caseira e artesanal, com dançarinos, palhaços e outras figuras folclóricas devidamente caracterizadas segundo as lendas e tradições locais. Costuma se apresentar no local a Folia de Reis Maria e Lázaro, e não há informações se são originárias de Vassouras.

E como fechamento das informações das manifestações culturais que constam no folder, o destaque para a capoeira. A história da capoeira começa no século XVI, na época em que o Brasil era colônia de Portugal. A mão-de-obra escrava africana foi muito utilizada no Brasil, sendo Vassouras um dos municípios que mais tiveram negros escravizados. Muitos destes escravos vinham da região de Angola, também colônia portuguesa e ao chegarem ao Brasil, à força e em péssimas condições, perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e repressão. Sendo proibidos de praticar qualquer tipo de luta, os negros utilizaram então o ritmo de suas danças africanas, adaptando a um tipo de luta, assim surgiu a capoeira, denominada atualmente uma arte marcial, a qual muito tempo foi disfarçada de dança.

O estilo de capoeira mais antigo é a capoeira angola, com ritmo lento, golpes próximos ao solo e muita malícia. O estilo regional tem a malícia da capoeira angola com golpes rápidos e secos. O terceiro tipo é o contemporâneo, que une os dois primeiros estilos e é o mais praticado na atualidade.

Em Vassouras, os Grupos de Capoeira têm seus Mestres e Instrutores que além de praticar a luta, também se apresentam em eventos e comemorações. Segundo a secretaria de Vassouras, não há nomes de grupos específicos que se apresentam, o que dificulta o acesso a informação, conforme descrito nos parágrafos acima. Foi apenas ressaltado a presença de uma associação conhecida como Abadá Capoeira, que recebe parceria de empresários e comerciantes locais.

Desta forma, com as informações contidas no folder em contraste com o calendário cultural que a própria secretaria de turismo apresenta, tende a caracterizar prioritariamente o Vale como sendo rico na cultura afro-brasileira. Ainda assim, a secretaria de turismo e o trade turístico de Vassouras fortalecem uma identidade ligada a elite imperial que impede a visibilidade da história do município que permita aparecer a grande influência do negro na formação social do Vale.

O Vale do café, dando ênfase ao município de Vassouras, é mais do que a história que ressalta apenas o papel do branco. É negro. É preto. É rico na memória dos antepassados escravizados. A visibilidade, a qual a sociedade civil Abrace Vassouras tenta trazer, valoriza a cultura negra como atrativo cultural podendo o turismo de experiência olhar o Caminhos do Brasil Imperial não só pela nobreza e seus costumes.

E como diz o final do samba enredo da escola Império da Tijuca (2019):

“Traz o Vale do Café, negritude de valor
Num lindo rosário de amor”

As histórias, memórias e identidades de Vassouras, que tem como base o próprio Vale do Café, são produtos de grupos sociais diferentes, no caso da negra, forjada na resistência à escravidão, as relações construídas pelas famílias negras que ali viveram e que dão continuidade as heranças herdadas, trazem na memória tradições afro-brasileiras e costumes de um povo que sofreu e lutou pela liberdade. São essas memórias que devem ser lembradas!

Portanto, pesquisar sobre a atividade turística desenvolvida em Vassouras utilizando uma história hegemônica, pois o que é reproduzida nos tours ofertados pelo projeto, é sempre a mesma narrativa, significa apontar para a valorização de apenas um grupo social em detrimento dos demais, exaltando uma cultura, obscurecendo as outras.

Os tours não valorizam as identidades, memória e histórias construídas por outros grupos étnicos, neste caso, o negro. A valorização da cultura afro-brasileira é pouco reconhecida e sua visibilidade fica subsumida em encenações e produtos finalizados que não proporcionam a experiência e vivência que deveriam ser ressaltadas, principalmente porque está assentada sobre aquelas narrativas que a desconsideram totalmente. O negro contribuiu, construindo o Vale do café, em especial a cidade de Vassouras, por isto deve e merece, ter o mesmo lugar de apresentação dos barões do café, não como subalterno, mas como artífice da região, afinal como afirma Gilberto Gil, na letra de mão da limpeza “negra é a mão de imaculada nobreza”.

CONCLUSÃO

O “Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial”, foi implantado na região do Vale do café em 2013 com a proposta de valorização de práticas turísticas que proporcionasse o despertar dos sentimentos dos turistas em relação ao vivenciar determinados fatos da época do Brasil Imperial. O tour então praticado na região, garantido por uma política pública de turismo, visa promover o desenvolvimento do município através das atividades turísticas.

Fruto de uma política pública, tal como descrito no primeiro capítulo, o projeto Tour da Experiência teve como objetivo desenvolver alguns destinos turísticos através de empreendimentos que trabalhassem com um produto inovador. A ideia e o conceito de inovação em um produto e/ou serviço turístico é fazê-lo com que o turista tenha uma experiência diferenciada, única em contraponto ao turismo tradicional, do qual trabalha com um produto já finalizado e comercializado. É a concepção de um turismo participativo e não apenas um turismo observador/contemplativo

O turismo por ser um fenômeno social e uma prática econômica desenvolvida nos territórios, utiliza-se de elementos como a cultura, economia, natureza, entre outros. A cultura é um dos elementos em destaque porque a atividade no território de Vassouras está organizada em torno de garantir uma experiência histórico-cultural, ou seja, a vivência de uma determinada história conjugado ao turismo rural, quando é realizado em uma fazenda. Além deste, há o turismo no espaço rural, este voltado para atividades de lazer como arborismo, etc.

Em Vassouras, apenas cinco estabelecimentos fizeram e fazem parte do projeto Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial, como então já mencionado nos capítulos anteriores. Esses estabelecimentos (Botequim Por Acaso, Fazenda Santa Eufrásia, Fazenda Cachoeira Grande, Hotel Santa Amália e o Hotel Mara Palace) produziram produtos tidos como “inovadores” baseados em experiências que destacam os costumes da nobreza do período imperial brasileiro

Os produtos e serviços foram cancelados com o selo Tour da Experiência, selo este concedido pelo projeto aos estabelecimentos que promoveram um novo tipo de produto que trabalhasse com o conceito de turismo de experiência, foram desenvolvidos com caráter de despertar ao turista um sentimento do qual eles pudessem se sentir parte daquela história narrada sob uma visão dos barões que ali viveram. Foi ofertado um tour em uma fazenda cujo o mote era apresentar relações escravistas através do “pic nic na fazenda Santa Eufrásia” onde os turistas eram recebidos pela proprietária vestida de “sinhá” e ela afirmando que a “mucama” se encontrava de folga e durante o percurso do roteiro na fazenda havia a presença de pessoas negras com vestimentas que faziam alusão à escravidão

Outros produtos como o “Banquete Imperial” no Hotel Mara Palace, a “Visita Histórica” na Fazenda Cachoeira Grande e a “A Cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo Raízes do Brasil Imperial” no Hotel Santa Amália, são experiências que trabalham com uma “história conhecida, popular” nos produtos, trazendo encenações que valorizam a cultura dominante, tendo a representatividade da cultura negra associada apenas ao “batuque do quilombo” trazendo apresentações com rodas de capoeira e o jongo

Com base nesses tours, duas questões se impõem. A primeira está relacionada com a elaboração de uma política pública que deveria estar condicionada a respeitar as necessidades

da população ou da sociedade como um todo, já que para Dias (2003) a política pública é elaborada com a finalidade de reunir um conjunto de ações para que sejam executadas por órgãos públicos responsáveis na intenção de satisfazer os interesses públicos, buscando estar direcionadas ao bem comum. A primeira constatação é que não há controle ou avaliação desta política, pois caso houvesse, não permitiria que fosse utilizada para ressaltar uma história em detrimento de outras, e principalmente, de forma desrespeitosa aos negros.

Considerando que a elaboração de políticas públicas são desenvolvidas em ações e programas do governo, com a finalidade de atender à todos, colocando em prática direitos que são previstos na Constituição Federal de 88, e dedicadas a garantir o bem-estar de todos, e não somente há um grupo específico da sociedade, o projeto Tour da Experiência em Vassouras se contradiz com estas funções definidas pelo Estado.

A política do Tour da Experiência desenvolvida no município traz um estereótipo que “fere” um grupo étnico social. Reforçando a desvalorização da memória e da identidade dos negros em relação a forma como são representados. A experiência vivida apresenta o branco nobre como inteligente, culto e empreendedor, enquanto o negro é visto a partir da subalternidade, como se todos os escravizados aceitassem e se sujeitassem aquela condição

A reflexão que a pesquisa traz é pensar como o Tour da Experiência acaba se transformando em uma ação que reproduz uma história ligada à nobreza, como a da plantação do café, das fazendas, da escravidão e dos costumes e tradições daquela época. O problema da pesquisa está voltado a questionar como a política pública elaborada, - Projeto Economia da Experiência - com os tours praticados em Vassouras, que tende a promover o desenvolvimento do município através das atividades turísticas, serve como manutenção da história de um grupo social que tem o efeito de perpetuar o preconceito e o racismo. Essa é a segunda questão

Especificamente, este trabalho buscou analisar como essa atividade turística na região do Vale do Café que visava desenvolver uma experiência utilizando-se de dados históricos, ao privilegiar as marcas conhecidas do período imperial acabou por ser instrumento de reforço de preconceito e racismo.

A sociedade, indubitavelmente ainda possui marcas expressivas do período imperial brasileiro, como a escravização dos negros. A escravidão deixou como resquícios a desigualdade, uma imagem que coloca o negro como o submisso, inferiorizado, negando sua estética, tradições, culturas, religiosidades, culinárias, entre outros. O racismo então se estabelece. Na sociedade brasileira o racismo é dito e visto como estrutural devido às relações raciais - brancos e negros - que são sempre atualizadas, buscando sempre a referência em períodos históricos anteriores como o imperial, valorizando a cultura dominante e invisibilizando a cultura dos oprimidos.

O racismo continua se perpetuando na sociedade e perceber como o Tour da Experiência, que deveria agir de forma inclusiva, reproduz esse sistema racista ao negar a memória do povo negro, ou seja, o repertório de luta e de tradições, o que poderia garantir assim uma sociedade mais igualitária, respeitando as diferenças de cada grupo étnico, principalmente daqueles que vem lutando para que suas histórias possam ser contadas, não só porque fazem parte dela, mas porque dar voz ao próprio negro para narrar as histórias de seu povo e suas ancestralidades permite o avanço na luta contra o racismo e na visibilidade da formação familiar negra que foram construídas durante esse processo.

Ao abordar sobre a questão do racismo e o preconceito racial na pesquisa, busco destacar como esses elementos se desenvolvem no município de Vassouras não unicamente pela cor da pele, mas sim por uma narrativa eurocêntrica. No Brasil, o preconceito e a discriminação contra os negros são evidentes, e o racismo é dividido em categorias que são

institucionais, cultural, religioso, entre outros, e todos formam “sistema racista estrutural” velado pela sociedade

A prática do Tour da Experiência nos leva a pensar em um racismo cultural, visto que uma dada cultura, aquela ligada a nobreza é apresentada/ encenada como superior à outra, como podemos observar durante o trabalho de campo ao trazer a história dos barões negando a existência da história dos negros, essa carregada de crenças, músicas, religiões, idiomas e afins

A pesquisa também trouxe um pouco de reflexão acerca da identidade e da memória do povo negro e como esses elementos são trabalhados na prática turística na região de Vassouras, com isso destaque na pesquisa manifestações afro-brasileiras que estão inseridas como elementos culturais na cidade e no entorno, como o Jongo, o Memorial Manoel Congo, a capoeira, maculelê, as rezadeiras, entre outros

Um olhar mais crítico a respeito das narrativas contadas desse grupo étnico em Vassouras, permite-nos pensar que essas histórias podem ser trabalhadas de modo diferente no Tour da Experiência, ou seja, mais respeitadas, inclusivas e valorizadas, visibilizando a população negra a partir de seus heróis, costumes e tradições

Como é o caso do Memorial Manoel Congo, tal como visto no capítulo 3. O espaço do memorial pode ser utilizado para contar um pouco das histórias que não são contadas, como a dos principais líderes quilombolas da região, que foram Mariana Criola e Manoel Congo. Traçando uma relação de como essas figuras são lembradas no ponto turístico contido no guia turístico de Vassouras. O Memorial Manoel Congo deve ser apresentado como um marco e símbolo da comunidade negra, devido a representativa histórica que se configura materialmente como luta pela liberdade e resistência dos negros escravizados. Pena que isto não acontece, visto que o lugar está abandonado.

Em Vassouras, por mais que o valor da atuação negra na história local seja reconhecida formalmente, na prática pode-se observar o descaso governamental e as tentativas da sociedade civil, como o Abrace Vassouras em valorizá-la apenas para poder mercantilizá-la.

A letra “Levanta meu povo cativo acabou” relembra um dos principais pontos de jongo cantados nas rodas, que tem a intenção de exaltar os ancestrais e lembrar que o cativo terminou, pois a história que deve ser valorizada não é a de submissão e sim de resistência cultural. A letra traz o reconhecimento e a valorização daqueles que por séculos foram oprimidos, inferiorizados e humilhados por uma classe popularmente vista como dominante.

Quando os versos são cantados nas rodas de jongo busca-se trazer uma memória de encontro do povo negro lembrando como as reuniões aconteciam e um sociabilidade foi criada em meio à violência sofrida. O Jongo tem o poder de trazer o passado no presente através dos versos que narram as vivências, tanto o sofrimento como as alegrias, respeitando a história, a memória e a preservação dessas identidades.

Portanto, esta dissertação tentou contribuir para que um novo olhar sobre a história negra em Vassouras fosse lembrada e valorizada. Acentuando que uma política pública de turismo, o Tour da Experiência, pode ser desenvolvido com uma outra perspectiva. Sendo inclusiva e proporcionando a visão da diversidade cultural em suas respectivas histórias. Sem torná-las únicas e hegemônicas, o exemplo do folder “Riquezas e Tradições do Vale” (figura 23) apresenta esta possibilidade de um turismo étnico e ético.

Sendo negra, turismóloga e militante do movimento negro, fazer uma pesquisa sobre uma atividade turística que deveria ser lúdica e inclusiva, no sentido de ser menos preconceituosa e desigual, mas que acaba por reproduzir um estereótipo racista do qual luto cotidianamente contra. É visando contribuir de algum modo, como acadêmica e profissional,

que fiz esta pesquisa, com o intuito de que as histórias negras possam ser contadas e vistas de acordo com as nossas (minha e de outros negros) histórias de formação e de construção de identidade!

BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Urban Hacking será realizado pela primeira vez em Petrópolis**. 2018. Disponível em: <<http://www.rj.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/RJ/urban-hacking-sera-realizado-pela-primeira-vez-em-petropolis,1cbfcabd03c1610VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: 09 fev. 2019

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Matrizes Africanas do Território Brasileiro. In: FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio Gomes P.. **História e Geografia do Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Prefeitura de Vassouras, 2013. p. 45-58.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. Turismo étnico e cultural: a coroação da rainha das taieiras como atrativo turístico potencial em Laranjeiras (SE). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 15, n. 2, 2015.

BENI, Mário Carlos. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. **Turismo Visão e Ação**, v. 6, n. 3, p. 295, 2004. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1063/872>> Acesso em: 14 set. 2017

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Linha Reis, Gláucia Renate Gonçalves Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BORGES, Marcio Silva; RODRIGUES, Gabriel Magalhães. O Vale do Café no século XXI: comparação de indicadores de desenvolvimento rural sustentável e os desafios de escala geográfica. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ENANPUR, 17, 2017, São Paulo. **Anais XVII ENANPUR**. São Paulo: FAUUSP, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sesseos_Tematicas/ST%202/ST%202.10/ST%202.10-04.pdf> Acesso em: 14 fev. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Economia da Experiência**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/53-economia-da-experiencia.html>> Acesso em: 27 ago. 2017

_____. **Estudo de Caso – Tour de Experiência**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_de_Caso_Tour_Experiencia.pdf> Acesso em: 27 ago. 2017

_____. **Sugestão de texto de folder explicativo para o lançamento do projeto**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Sugestao_de_texto_de_folder_explicativo_para_o_lancamento_do_projeto.pdf>

acoes/Sugestao_de_texto_de_folder_explicativo_para_o_lancamento_do_projeto.doc>
Acesso em: 27 ago. 2017

_____. **Tour da experiência:** cartilha completa. Brasília: Instituto Marca Brasil, 2010.
Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Cartilha_Metodologia_Projeto_Economia_Experiencia.pdf> Acesso em: 27 ago. 2017

_____. **Turismo cultural:** Orientações básicas. 3ª Edição. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo; SEBRAE; IMB; SHRBS. **Manual Tour da Experiência** (2010): adesão. Disponível em:

<http://www.tourdaexperiencia.com.br/arquivos/manual_adesao.pdf> Acesso em: 27 ago. 2017

BRASIL. Ministério Público Federal. **MPF debate com a sociedade novas diretrizes para o turismo nas fazendas do Vale do Café (RJ)**. 2017. Disponível em:

<<https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/461987511/mpf-debate-com-a-sociedade-novas-diretrizes-para-o-turismo-nas-fazendas-do-vale-do-cafe-rj>> Acesso em: 09 jun. 2017..

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. O patrimônio cultural e a construção do imaginário do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 94–115, 1994.

_____. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa; Tradução da introdução de Gênese Andrade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARDOSO, Lourenço. O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude. **Revista Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 13, n. 1, 2011.

CARVALHO, Fábio Pereira de. **Vassouras:** comunidade escrava, conflitos e sociabilidade (1850-1888). 2013. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2013.

CHUVA, Marcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. v. 34, p. 147-165, 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/2%20-%20CHUVA.pdf>> Acesso: 11 nov. 2017

COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição**. São Paulo: Global, 1982. (História Popular, n.10)

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo, fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Turismo. **Vale do Café**. Disponível em: <<http://www.cidadesmaravilhosas.rj.gov.br/valedocafe.asp>> Acesso: 11 nov.

2017

FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio Gomes P. (org.). **História e Geografia do Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, CREA-RJ, Prefeitura de Vassouras, 2013.

FERRAZ, Rafael de Abreu. **Paisagem e Patrimônio**: a atividade turística no município de Vassouras (RJ). 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), Rio de Janeiro, 2011.

FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 10, n. 1, p.28-46, 2002.

FRIDMAN, Fania. As cidades e o café. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 18-19, p.131-149, dez. 2006. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_18-19/Cap-6-Fania_Fridman.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

FRIDMAN, Fania. As cidades e o café. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 4, n. 3, 2008, p. 27-48. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/151/124>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODINHO, Márcia Grespan. **Proposta de Lançamento no Mercado Produto Economia da Experiência**. Instituto Marca Brasil. 2009. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Proposta_de_lancamento_no_mercado_-_Produto_EE.pdf> Acesso em: 14 fev. 2018.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombos**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Pâmela Ketulin Mattos; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. O tour da experiência caminhos do Brasil Imperial em Vassouras (RJ). Qual história está sendo contada? **Revista Mosaico**, v.8, n.1, p.32-39, 2017. Disponível em: <<http://editorauss.uss.br/index.php/RM/article/viewFile/615/pdf>> Acesso em: 09 jun. 2017

GOMES, Pâmela Ketulin Mattos. **Que experiências é essa?** O Projeto Tour da Experiência em Vassouras- RJ. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro**: história e direito. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2013.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraci Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Race, culture, and communications: looking backward and forward at cultural studies. In: STOREY, John. (ed.). **What is cultural studies?** London: Routledge, p.336-343, 1996.
JORNAL TRIBUNA INTERIOR. **Ministério Público quer que TAC leve Vassouras a repensar o turismo nas fazendas históricas**. 2017. Disponível em: <<https://www.tribunadointerioronline.com.br/single-post/2017/05/17/Minist%C3%A9rio-P%C3%BAblico-quer-que-TAC-leve-Vassouras-a-repensar-o-turismo-nas-fazendas-hist%C3%B3ricas>>. Acesso em: 19 ago. 2018

KNAUSS, Paulo. **Imagens urbanas e poder simbólico nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói**. 1998. Tese (doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 1998.

LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. 2010. <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/viewcat.php?cid=77>. Acesso em: 19 ago. 2018

LIMA, Roberto Guião de Souza. O Ciclo do Café Vale-Paraibano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**, ano 12, n. 12, p.237-262, 2003.

MARTINS, Marcelo Serra. A Escravidão Brasileira no século XIX: As estratégias de resistência dos escravos. In: FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio Gomes P.. **História e Geografia do Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Prefeitura de Vassouras, 2013. p. 107-113.

MENEZES, Rafael. **História do ciclo do café no Vale do Paraíba de 1830 a 1930**. Revista Cafeicultura. 2009. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/?mat=21809>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. **Revista Mosaico**, v. 3, n. 2, p. 29-46, 2012. Disponível em <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/viewFile/176/104>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

MORAIS, Gerlane Bezerra Rodrigues. **Imagens urbanas, patrimônio cultural e memória social no Brasil contemporâneo: estudo de caso das cidades de Campos de Goytacazes e Vassouras no estado do Rio de Janeiro**. 2013. Tese (Doutorado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2013.

MUAZE, Mariana. **As memórias da viscondessa: família e poder no Brasil Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MUNANGA, Kabelengue. “É preciso unir as lutas, sem abrir mão das especificidades”. [Entrevista cedida a] Tatiana Mendonça. **Fórum Permanente pela Igualdade Racial (FOPIR)**, 8 jan. 2019. Disponível em: <<http://fopir.org.br/kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-lutas-sem-abrir-mao-das->

[especificidades/2416?fbclid=IwAR1AOJMRI5PuBorlLHYoGtSUGAwyHwkcNlc7jv7AC_4W5tPZYPz7KyVa4CY](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1518472518300044) > Acesso em: 25 jan. 2019.

NASCIMENTO, Aline Souza do. **Museu vivo do São Bento: um diálogo com as memórias negras na construção de novas narrativas sobre a cidade de Duque de Caxias**. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow Fonseca (CEFET), Rio de Janeiro, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 07-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>> Acesso em: 03 set. 2017.

OLIVEIRA, Luana da Silva. Patrimônio cultural e segunda escravidão: história e memória do Vale do Café. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 28., 2015, Florianópolis. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, 2015, p 1-23. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945021_d8573d77fc3c6ba4408c2f5661d4ac6b.pdf>. Acesso em: 03 set. 2017

OLLIVEIRA, Cecília. Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda “sem racismo”. **The Intercept Brasil**, 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

PAIXÃO, Marcelo Jorge de Paula. **Crítica da Razão Culturalista: relações raciais e a construção das desigualdades sociais no Brasil**. 2005. 473 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas: Sociologia, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Ufrj, Rio de Janeiro, 2005.

PEZZI, Eduardo; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves. A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. **Turismo em Análise**, v. 26, n. 1, p. 165-187, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/89169/99437>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE VASSOURAS. **Atrativos**. 2018. Disponível em: <<https://www.visitevassouras.com/atrativos>> Acesso em: 17 ago. 2018.

FOCO REGIONAL. **Por ‘tour da escravidão’, fazenda de Vassouras é alvo de polêmica**. 2016. Disponível em: <<http://www.focoregional.com.br/Noticia/por-tour-da-escravidao-fazenda-de-vassouras-e>>. Acesso em: 09 jun. 2017

REIS, João José. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. Nos achamos em campo a tratar da liberdade, revista da USP, São Paulo, nº 28 1995-96 pp. 14-49

RIO DE JANEIRO. SITE PORTAL DO VALE DO CAFÉ. . **Portal do Vale do Café: Sobre o Vale do Café**. Disponível em: <<https://www.portalvaledocafe.com.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

RODRIGUES, Gerlane Bezerra. Imaginária urbana na cidade de Vassouras no Rio de Janeiro: a construção de uma memória social republicana. **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**, n.33.2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24712>. Acesso em: 06 mar. 2019.

SALES, Natalia. **Fazendo Movimento Negro**: Sentidos de política e relações raciais na micropolítica do(s) movimento(s) negro(s) de Duque De Caxias /RJ. Dissertação (Mestrado em Antropologia). 2015. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2015. Disponível em: < <http://www.cosmopoliticas.uff.br/images/dissertacoes-e-teses/fazendo-movimento-negro---natalia-sales.pdf> > Acesso em: 25 jan. 2019

SALLES, Ricardo. **E o Vale era o escravo**: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no Coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANTANA JUNIOR, Humberto Manoel de. **"O Lúdico Dá o Prazer"**: família negra, os valores civilizatórios e a festa como aprendizado. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Relações Étnico-Raciais). 2017. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ, Rio de Janeiro, 2017.

SCHINEIDER, Sergio. Situando o desenvolvimento rural no Brasil. Revista de economia política, vol 30, n 3, jul-set, 2010.

SEBRAE. **Turismo de Experiência**. Recife: SEBRAE, 2015. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf. Acesso em: 27 de agost 2017

_____. **Projeto Economia da Experiência**: Continuidade e abrangência de novos destinos. Petrópolis, RJ, 2016.

SILVA, Fabiana dos Santos; COSTA, Sarany Rodrigues da; CARVALHO, Conceição de Maria Belfort de. Políticas Públicas de Turismo no Brasil: estratégias para administração da atividade no país. In: **X Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT**, 10., 2013. **Anais do X SEGeT**. Resende: AEDB, 2013. Disponível em: < <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/36218351.pdf> >. Acesso em: 19 ago. 2018.

SIQUEIRA, José Jorge; DOS SANTOS, Luís Carlos Rodrigues. O Jongo Renascer de Vassouras: História, Identidade, Poesia. **Revista Mosaico**, v. 6, n. 1, p. 05-15, 2015. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/124/pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002

TONINI, Hernanda. Economia da experiência: o consumo de emoções na Região Uva e Vinho. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR)**, v. 3, n. 1, p. 90-107, 2009. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/138/167>. Acesso em: 06 out. 2017.

_____. **Estado e Turismo: Políticas Públicas e Enoturismo no Vale dos Vinhedos.** Dissertação (Mestrado em Turismo). 2007. Universidade de Caxias do Sul - UCS, Caxias do Sul, 2007.

UOL. Universa Uol. "**Tour racista**": Fazenda faz funcionários atuarem como escravos e é detonada. 2016. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2016/12/06/tour-racista-fazenda-faz-funcionarios-atuarem-como-escravos-e-e-detonada.htm>. Acesso em: 19 ago. 2018

VIEIRA, Flávia Maria Silva. Resistência e luta do movimento negro no Brasil: da rebeldia anônima na sociedade escravocrata ao enfrentamento político na sociedade de classes. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 8, n. 20, p. 23-38, 2016. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/6/3> Acesso em: 20 jan. 2018

XAVIER, Giovana et al. **Cultura negra - v. 1 - Festas, carnavais e patrimônios negros.** Rio de Janeiro: Eduff, 2018. 428 p. (ISBN: 978-85-228-1311-7).